



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES: TERRITÓRIOS E  
IDENTIDADES – PPGCITI  
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

Pela Igualdade!  
**VOTE**  
DANDARA!

ISABEL CRISTINA BAIÁ DA SILVA

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DA PRODUÇÃO DA JUVENTUDE  
NEGRA NA TELENOVELA *MALHAÇÃO*: uma análise interseccional**

ABAETETUBA  
2020

ISABEL CRISTINA BAIA DA SILVA

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DA PRODUÇÃO DA JUVENTUDE  
NEGRA NA TELENOVELA *MALHAÇÃO*: uma análise interseccional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades – PPGCITI, da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares.

Linha de pesquisa: Identidades, Linguagens, Práticas e Representações.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício.

ABAETETUBA  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586p Silva, Isabel Cristina Baia da  
Processos de subjetivação a partir da produção da juventude  
negra na telenovela Malhação: uma análise interseccional / Isabel  
Cristina Baia da Silva. — 2020.  
152 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Vilma Nonato de Brício  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2020.

1. Telenovela Malhação. 2. Dispositivo midiático. 3.  
Juventude negra. 4. Interseccionalidade. 5. Subjetivação. I.  
Título.

CDD 370

---

ISABEL CRISTINA BAIA DA SILVA

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DA PRODUÇÃO DA JUVENTUDE  
NEGRA NA TELENOVELA *MALHAÇÃO*: uma análise interseccional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades – PPGCITI, da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares.

DATA DA AVALIAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2020.

CONCEITO: \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício  
Orientadora – PPGCITI/ UFPA

---

Profa. Dra. Joyce Otânia de Seixas Ribeiro  
Examinadora Interna – PPGCITI/ UFPA

---

Prof. Dr. Anderson Ferrari  
Examinador Externo – PPGE/ UFJF

---

Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Examina Suplente – PPGCITI/ UFPA

ABAETETUBA  
2020

Ao elenco mirim, Antony, Fábio e Fernando  
que enchem meu coração de amor.

## AGRADECIMENTOS

Expresso aqui um pouco da gratidão a algumas pessoas que contribuíram, cada uma a sua maneira, para a materialização da presente Dissertação.

Primeiramente agradeço a Jeová, pela dádiva da vida e saúde para concluir mais uma fase de estudos. A fé que me move todos os dias, sem a qual seria impossível concretizar sonhos.

Quero agradecer à minha família pelo apoio e incentivo. Em especial a minha mãe, Maria das Graças, e a minha tia, Maria da Conceição. Muito obrigada por tudo! O amor que sinto por vocês é incondicional.

A meus meninos, Antony, Fábio e Fernando, presentes maravilhosos de Jeová, aqueles que fazem meu coração transbordar amor.

Agradeço à professora Doutora Vilma Nonato de Brício, minha orientadora, pelos ensinamentos compartilhados, confiança e motivação mesmo nos momentos de apontar as fragilidades do texto.

Às/os professores/as do Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI). Em especial, quero agradecer à professora Doutora Joyce Ribeiro, que durante os dois anos de curso, em diversas oportunidades, mostrou possibilidades para o direcionamento da pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, professor Doutor Anderson Ferrari e professora Doutora Joyce Otânia Seixas Ribeiro, que gentilmente aceitaram participar e colaborar com o refinamento da Dissertação.

Quero também agradecer às “Meninas de Vegas” (Ana Nice, Edna, Elanne, Josiane e Laura), sem vocês tudo teria sido mais difícil. Obrigada pelos risos, pelas trocas acadêmicas, pelos abraços, pelas palavras. Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado, uma turma marcada pelo companheirismo.

À equipe da Escola Maximiano Antonio Rodrigues, pela compreensão e incentivo durante os dois anos de estudo. Em especial a turma do 3º ano “D”, com a qual dividi minhas tardes durante o ano de 2019.

Aos colegas da escola Eurídice da Cunha Gordo, que torceram e mandaram energias positivas, e aos demais colegas de trabalho do Município do Moju.

À direção das Escolas Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando, pelo modo como me receberam para realização da pesquisa de campo. Agradeço a todos os sujeitos da pesquisa.

Ao Coletivo Sankofa, pelas informações sobre o movimento de mulheres negras no Município de Abaetetuba.

À minha prima e irmã Thaís, que traduziu os resumos que precisei durante o Mestrado, baixou todos os episódios da Telenovela *Malhação* para que eu pudesse assistir e por sempre me tratar com carinho.

Também preciso agradecer à Franciane, que me ajudou durante o Mestrado, com leituras e revisões dos textos das disciplinas e dos eventos. Obrigada, não só por isso, mas principalmente pelos abraços.

Obrigada às amigas Zeane, Alessandra, Elianne, Eva, Fahid, Margarete, Fávilla, Jésse, Luciana, Fabilene, Joelma, Renata, Thamiris e Allana, que me apoiaram e torceram, independentemente da distância e das ausências decorrentes dos compromissos acadêmicos. A meus amigos Ruan e Joel, que acreditam e reforçam sempre minha potencialidade.

A todos/as, o meu sincero e profundo: Muito Obrigada!

“Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro, do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla dá-se o nome de sexismo, racismo e elitismo”.

(GONZALEZ, 1982, p. 3).



## RESUMO

A temática proposta apresenta a mídia televisiva como dispositivo que ajuda a constituir a subjetividade juvenil objetivando analisar como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando (SEV) são subjetivados/as e resistem aos discursos constituídos sobre as jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”. Assim, elaborei a seguinte problemática: analisar como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando (SEV) são subjetivados/as e resistem aos discursos constituídos sobre as jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”? A partir da problemática levantada e do objetivo geral, elenquei os seguintes objetivos específicos: identificar quais as técnicas acionadas pelo dispositivo da mídia televisiva para dar visibilidade às jovens negras colocadas em foco; mapear como as jovens negras aparecem discursivamente na Telenovela *Malhação*; problematizar como os/as jovens da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando são subjetivadas/os e resistem aos discursos da telenovela. Como procedimento metodológico, acionei algumas ferramentas foucaultinas de seu método arqueogenealógico, atentando para os processos históricos de constituição subjetiva, sendo tais reflexões alicerçadas nas seguintes leituras: Foucault (1979, 1984, 2004, 2005, 2006 e 2008), para analisar as cenas nas quais as jovens negras Dandara, Talíssia e Jade são colocadas em destaque, bem como as falas dos/as jovens entrevistados/as. Para realizar as discussões gravei os episódios semanalmente e assisti durante os finais de semana. Para analisar as técnicas de fabricação da juventude na mídia e na telenovela acionei autores como Kellner (2001), Fischer (2001, 2012), Veiga-Neto (2003), Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), Courtine (2013) e Canevacci (2005). Nas análises das personagens da telenovela, procurei dar voz às teóricas que em seus trabalhos destacam a intersecção de raça, gênero e classe, entre elas Del Priore (2004, 2011), Davis (2016), hooks (2014, 2017), Gonzalez (1982, 1984), Bilge (2015), Crenshaw (2002), Akotirene (2019). As análises dos enunciados da telenovela indicam mudanças e permanências referentes ao modo como a jovem negra é fabricada, ao mesmo tempo em que as colocam em evidência reforçam alguns estereótipos constituídos historicamente. As informações analisadas no decorrer da dissertação sinalizam para o que denomino de “Subjetividades de fronteiras”, pois os/as jovens vivem uma tensão entre os discursos marcados pela colonialidade e as discussões atuais demandadas pelos movimentos feministas negros que problematizam a intersecção de marcadores que acentuam as discriminações.

**Palavras-chave:** Telenovela Malhação. Dispositivo midiático. Juventude negra. Interseccionalidade. Subjetivação.

## ABSTRACT

The proposed subject matter presents the media as a mediatic device which helps compose youth subjectivities, it aims to analyze how the young adults from Carmem Cardoso Ferreira state school and Sistema de Ensino Vestibulando (SEV) school are subjective and resist to the discourse about the black female adolescents on the Brazilian telenovela *Malhação Vidas Brasileiras*. Considering the subject matter, the following problem was elaborated: how to analyze the way students from the aforementioned schools are influenced by and resist the concept of black female characters portrayed in the Brazilian telenovela *Malhação Vidas Brasileiras*? Stemming from the problem elaborated and the main aim of the research, the secondary aims were elaborated: to identify which techniques are activated by the mediatic device to give visibility to black female main characters; to map out how the young black female appear discursively within the program and to problematize how the young people from the schools are influenced and resist the concept of black female characters portrayed in the telenovela. As a methodological procedure, some Foucaultian tools from his arch genealogical method are used, focusing on historical processes of the subjective constitution. The aforementioned reflection was based on the following texts: Foucault (1979, 1984, 2004, 2005, 2006 e 2008), to analyze the scenes where the black female characters named Dandara, Talíssia and Jade are the protagonists and also the answers of the young students who were interviewed at the school. To start the discussions, the program's weekly episodes were recorded and then watched during the weekend. To analyze the techniques used to fabricate youth in the media and on the telenovela, the authors used were Kellner (2001), Fischer (2001, 2012), Veiga-Neto (2003), Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), Courtine (2013) e Canevacci (2005). And finally, to analyze the program's characters, the authors chosen are the ones which emphasize the intersection of race, gender, and class, such as Del Priore (2004, 2011), Davis (2016), hooks (2014, 2017), Gonzalez (1982, 1984), Bilge (2015), Crenshaw (2002), Akotirene (2019). The analysis of the program indicated a continued change in the way black female characters are fabricated. They are put in the spotlight but some historical stereotypes are reinforced. The information analyzed in the course of the dissertation signal to what is called "boundaries subjectivities" as the young people live in the tension between discourses marked by coloniality and contemporary discussions led by black feminist movements that problematize the intersection or markers that accentuate prejudice and discrimination.

**Keywords:** Telenovela Malhação. Mediatic device. Black youth. Intersectionality. Subjetivaction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 1 – Período de exibição da telenovela *Malhação* ..... p. 61

Quadro 2 – Elenco temporada “Vidas Brasileiras” ..... p. 66

## **LISTA DE ILUSTRAÇÃO**

Fotografia 1 – Orla Vila de Beja .....	p. 78
Fotografia 2 – Rio Maratauíra .....	p. 79
Fotografia 3 – A “Beira” .....	p. 80
Fotografia 4 – Praça de Conceição .....	p. 81

## **LISTA DE ILUSTRAÇÃO**

- Imagem 1 – Jade: erotização do corpo da jovem negra ..... p. 100
- Imagem 2 – Dandara participa da eleição do grêmio estudantil ..... p. 109
- Imagem 3 – Talíssia: Exposição de aspectos da vida familiar e religiosos ..... p. 122

## SUMÁRIO

<b>1 EM CENA CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA: INICIANDO A ARRISCADA ORDEM DO DISCURSO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 ROTEIROS NÃO LINEARES DAS FORMAS DE INDAGAR A TELENVELA MALHAÇÃO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO JUVENIL .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 A seleção do <i>corpus</i> discursivo: algumas ferramentas de análise .....,.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 A análise do discurso: acessar as ferramentas .....</b>	<b>34</b>
<b>3 DISPOSITIVOS DA MÍDIA E TELENVELA: TÉCNICAS DE FABRICAÇÃO DA JUVENTUDE .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Mídia: território de disputa, mecanismo de subjetivação e potencialidade pedagógica .....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 Luz, câmera, ação: constituição de subjetividades a partir da telenovela .....</b>	<b>55</b>
<b>3.3 Telenovela <i>Malhação</i> “Vidas Brasileiras” .....</b>	<b>61</b>
<b>3.4 <i>Malhação</i>: constituindo a juventude .....</b>	<b>68</b>
<b>3.5 Abaetetuba: de onde falam os sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>75</b>
<b>4 JOGOS DE INTERSECÇÕES: JOVENS NEGRAS NA TELENVELA MALHAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO JUVENIL .....</b>	<b>87</b>
<b>4.1 Jovem negra, sexualidade e a busca do corpo “belo” .....</b>	<b>87</b>
<b>4.2 Jovem negra, medicalização do corpo feminino e resistência .....</b>	<b>108</b>
<b>4.3 Jovem negra, exposição da intimidade e religiosidade .....</b>	<b>122</b>
<b>5 DESLIGANDO AS CÂMERAS .....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE TEMAS PERGUNTAS PARA ENTREVISTA .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>151</b>



<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>152</b>
--	------------

## **1 EM CENA CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA: INICIANDO A ARRISCADA ORDEM DO DISCURSO**

A escolha pelo estudo da produção das jovens negras na telenovela *Malhação* e os processos de subjetivação juvenil entrelaçam-se com minha trajetória acadêmica como pesquisadora iniciante, um processo marcado por continuidades e descontinuidades por meio do qual me constituo, reelaboro-me, perco-me e encontro-me em meio aos enunciados pelos quais sou subjetivada e resisto.

Estudei no Campus de Abaetetuba no período de 2004 a 2008, cursando Licenciatura Plena em Pedagogia, e vivi intensamente cada etapa da formação, participei de eventos, fui bolsista e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação (GEPEGE), liderado pela professora Doutora Joyce Otânia Seixas Ribeiro, que me recebeu no grupo e com a qual aprendi e amadureci academicamente, além do privilégio de tê-la como minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

A inserção no Grupo de Estudos e as disciplinas coordenadas pelas professoras Vilma Nonato de Brício e Joyce Otânia de Seixas Ribeiro, durante o curso de Pedagogia, despertaram meu interesse para discutir questões de gênero, um tema pouco debatido na época. Desenvolvi no Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da professora Joyce Ribeiro, a temática “Identidades Masculinas” problematizando como as identidades masculinas são produzidas na escola.

No mesmo ano de saída do curso, em 2008, ingressei na Especialização do Instituto Federal do Pará (IFPA), na área de “Educação para as Relações Étnico-raciais”, tendo como orientador o professor Abílio Pacheco. No artigo de conclusão da especialização, trabalhei com o tema “A música como recurso pedagógico para trabalhar as questões raciais na escola”. Durante o curso de especialização, conheci a professora Doutora Wilma Baía, que ministrou a disciplina “Formação de professores no contexto da lei 10.639/2003” e, na época, coordenava o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (GERA), núcleo do qual fui integrante durante um ano. De 2010 a 2016, afastei-me do contexto acadêmico e dediquei-me ao trabalho, dadas as condições financeiras e a incompatibilidade de horários para trabalhar e estudar.

Em novembro de 2016, recebi um convite da professora Doutora Vilma Nonato de Brício para participar de seu Grupo Experimentações: Grupo de Estudo e Pesquisas em

Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica, que estava sendo criado, após anos de experiência da docente em outros Grupos de Estudo e Pesquisa. Aceitei o convite e fui para o lançamento do Grupo na Universidade Federal do Pará (UFPA)/ Campus Universitário de Abaetetuba. Esse evento marcou meu (re)encontro com a UFPA e com os estudos acadêmicos. A entrada no Grupo Experimentações reanimou minha vontade de cursar mestrado e a necessidade de seguir estudando. Percebi que o tempo havia passado e que os referenciais e as discussões realizadas pelas professoras que sempre tive como referência ganharam novas configurações que ampliaram o olhar para seus campos de estudos e pesquisas, o que me causou estranheza e medo, mas decidi prosseguir.

Iniciava uma nova fase, novos focos e responsabilidades após aprovação no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI). A definição do objeto de estudo foi difícil, mas eu desejava articular as questões raciais e de gênero, disso tinha certeza. Realizei mudanças no projeto inicial e, após alguns meses, cursando disciplinas do mestrado fui desenhando e/ou desfigurando o objeto de pesquisa.

Decidi problematizar a produção das jovens negras na telenovela *Malhação* e os processos de subjetivação juvenil com o objetivo geral de analisar como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando (SEV)<sup>1</sup> são subjetivados/as e resistem aos discursos constituídos sobre as jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”. Com isso, interseccionizei<sup>2</sup> as questões raciais, de gênero e classe, categorias de análise que me apaixonam e precisam ser analisadas em sua continuidade e descontinuidade histórica, sem desconsiderar outros marcadores, como religião, que constituem as personagens analisadas. As duas escolas estão localizadas no município de Abaetetuba, estado do Pará, sendo uma pública e outra particular. A escolha das instituições de ensino, acima citadas, justifica-se pela necessidade de analisar os processos de subjetivação de jovens em diferentes contextos.

A partir desse contexto, levantei a seguinte problematização: como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino vestibulando (SEV) são

---

<sup>1</sup> A caracterização informativa das duas escolas é realizada na seção 2, no tópico que apresenta a seleção do corpus discursivo.

<sup>2</sup> “Histórias da emergência da interseccionalidade costumam clamar que a intelectual feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw ‘cunhou’ o termo interseccionalidade no artigo *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*, publicado na *Stanford Law Review* (Crenshaw, 1991). Como uma teórica crítica da temática racial e advogada, Crenshaw não foi uma militante nos movimentos sociais, mas estava intimamente familiarizada com o trabalho por justiça social dos movimentos” (COLLINS, 2017, p. 10, grifos da autora).

subjetivados/as e resistem aos discursos constituídos sobre as jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”? A problemática da pesquisa foi desdobrada nas seguintes questões norteadoras: Quais as técnicas acionadas pelo dispositivo da mídia televisiva para dar visibilidade às jovens negras colocadas em foco? Como as jovens negras aparecem discursivamente na Telenovela *Malhação*? Como os/as jovens da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando são subjetivados/as e resistem aos discursos da telenovela?

A partir da problemática e do objetivo geral da pesquisa, elaborei os seguintes objetivos específicos: identificar quais as técnicas acionadas pelo dispositivo da mídia televisiva para dar visibilidade às jovens negras colocadas em foco; mapear como as jovens negras aparecem discursivamente na Telenovela *Malhação*; verificar como os/as jovens da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando são subjetivadas/os e resistem aos discursos da telenovela.

Considerar as manifestações midiáticas na produção das subjetividades de jovens negras, principalmente na atualidade, é fundamental para as discussões envolvendo os processos de constituição dos sujeitos. Os sujeitos são constantemente expostos a inúmeros enunciados que parecem inofensivos, neutros, com os quais se identificam e tomam como seus, sem perceber que estão sendo constituídos por eles. A mídia diz o que cada um deve vestir, como deve se relacionar e qual o corpo “ideal”, utilizando técnicas sutis e repetindo exaustivamente os enunciados que deseja legitimar como verdadeiros. Assim, problematizei os efeitos do discurso da telenovela global nos processos de subjetivação juvenil, visto que a existência dos sujeitos ganha significado a partir da linguagem, dos discursos, conforme expressa um dos alunos entrevistados ao dizer que:

[...] se eu coloco uma coisa na minha televisão, se eu coloco uma coisa na mídia e faço com que isso se popularize no meio da juventude, um pensamento da mídia vai adentrar na cabeça de uma juventude e um vai passando pro outro, vai passando e assim vai se popularizando, entendeu. Então, se a mídia ataca numa coisa, essa coisa pode se popularizar no meio geral, mesmo sendo positivo ou negativo. Se eu falo de uma coisa uns podem, na mídia, se a mídia colocar uma coisa uns vão se posicionar a favor e outros vão se posicionar contra. De qualquer jeito eles vão tá falando de um mesmo assunto (RODRIGO, Escola particular, 2019).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Busquei articular teoria e empiria desde o início das análises, sendo a descrição dos sujeitos da pesquisa apresentada na seção 2. Rodrigo é aluno da rede particular do Sistema de Ensino Vestibulando, um dos sujeitos da pesquisa.

A potencialidade de alcance da mídia televisiva e seus efeitos positivos e negativos no processo de constituição de verdades são destacados pelo entrevistado. O modo como cada um vai ser subjetivado por tais discursos depende do contexto de enunciados que constituem cada sujeito que indicará seu posicionamento frente ao que é produzido na telenovela voltada para o público juvenil que poderá reproduzir ou resistir frente à exposição de determinadas temáticas.

Juventude aqui compreendida como inacabada, sempre em processo de construção, o que Canevacci (2005, p. 29) chama de dilatações juvenis, assim “[...] jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades” e nasce o que o autor denomina de antropologia da juventude, pois a compreensão da noção de juventude precisa ser tomada levando em consideração a diversidade dos sujeitos a partir das práticas sociais e não modelos fixos.

As reflexões apontam para a necessidade de atenção referente aos dispositivos de controle que produzem verdades sobre as jovens negras, os quais nem sempre são problematizados e considerados na compreensão dos fatos cotidianos. Os/as jovens que estão na escola são subjetivados/as pelos discursos midiáticos, sua forma de estar ali e as relações com o outro se constituem a partir das verdades que esses tomam como suas.

A partir dos estudos foucaultianos, considero que os discursos precisam ser analisados de modo minucioso, atentando para sua constituição histórica, suas continuidades e descontinuidades. Quando se trata dos discursos referentes às mulheres jovens negras, é preciso problematizar como esses constituem-se e as técnicas de controle acionadas para subjetivar os/as jovens. O que vai determinar as posições dos sujeitos nas relações de poder em determinado momento ou em determinada situação dependerá de vários aspectos diretamente relacionados aos discursos constituídos e legitimados socialmente. Contudo, não posso deixar de mencionar que as resistências fazem parte das dinâmicas de poder e por meio delas as relações ganham novos contornos.

Como procedimento metodológico, utilizei algumas ferramentas foucaultinas de seu método arqueogenealógico para analisar os discursos presentes na telenovela *Malhação* sobre a constituição das jovens negras, atentando para os processos históricos de constituição subjetiva, subsidiada pelos estudos desse autor e pela perspectiva dos estudos de feministas

negras que interseccionam as questões raciais, de gênero e classe, possibilitando modos outros de perscrutar o objeto da pesquisa que são os processos de subjetivação dos/as jovens da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando, a partir dos enunciados referentes às jovens negras da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”.

Sobre interseccionalidade Akotirene (2019, p. 19) afirma que:

[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtos de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Através de um estudo que interseccione marcadores de raça, gênero, classe e religiosidade foi possível analisar as relações de poder decorrentes dos aparatos coloniais citados pela autora acima, os quais se aperfeiçoam de modo contínuo para atender às transformações do tempo presente, mas que se constituem a partir de discursos historicamente produzidos.

As autoras selecionadas para discussões sobre raça, gênero, classe e religiosidade fazem parte dos Movimentos Sociais Negros e redimensionam o conceito de raça. Nas palavras de Gomes (2005, p.45, grifos do autor) “*raça* ainda é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade”. Nessa perspectiva, o conceito de raça é tomado pelas autoras que enfatizam as dimensões histórica, social, cultural e política das relações raciais ligadas ao modo como o racismo materializa-se na atualidade, sendo a negação do racismo um dos mecanismos sutis de sua afirmação.

Sobre o conceito de raça, Munanga (2003, p. 6) argumenta que ele “é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc”, assim situei as análises nas relações de discriminação, dominação e exclusão como parte de um complexo construto histórico atravessado por relações de poder que fabricam e reforçam o racismo no Brasil.

Inicialmente, realizei levantamento de trabalhos sobre a telenovela *Malhação* para analisar o que já foi produzido sobre ela e, assim, estabelecer um diferencial nesta pesquisa. O fato de trabalhar a intersecção raça, gênero, classe e religião possibilitou ângulos múltiplos de análises dos enunciados da telenovela *Malhação*. Além disso, a temporada “Vidas

Brasileiras”, que iniciou no dia 07 de março de 2018 e terminou no dia 15 de abril de 2019, até o momento em que realizei o levantamento de informações, ainda não havia sido explorada em pesquisas.

As desconfianças em torno de trabalhos produzidos que tomam os enunciados da telenovela para análise ainda são recorrentes, pois, durante muito tempo ela não foi considerada um objeto relevante, mas, como fechar os olhos para os textos midiáticos que provocam, ensinam e produzem os sujeitos?

Como afirma Motter (2004, p. 76), a telenovela é uma “[...] forma de memória que registra, no curso do tempo, o processo de transformação da sociedade brasileira”, quer dizer, os textos culturais da telenovela são objetos relevantes no campo da pesquisa e precisam ser tematizados nas diversas áreas de estudo, por sua potencialidade na constituição do sujeito e pelo alcance nos processos de subjetivação coletiva. Além de possibilitar ao pesquisador/a a prática do risco em um terreno arenoso que se estrutura por meio de diversos dispositivos sociais, marcado por relações de poder, pois os sujeitos constituem-se de outros modos a partir de novos saberes. Como afirma Foucault (1984, p. 13),

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão do saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Assim, busquei olhar o objeto da pesquisa além dos conhecimentos já produzidos, atentando para os descaminhos que confrontam as certezas constituídas no contexto social, histórico e cultural no qual está inserido o objeto de análise. Longe de procurar o óbvio, voltei os esforços para a discussão dos efeitos da mídia referente sobre os processos de subjetivação juvenil. Minhas inquietações desestruturaram as certezas e, dessa forma, entrei na ordem arriscada do discurso, como afirma Foucault (2004).

O exercício de pensar diferente do óbvio, sair da zona de conforto, é sempre desafiador, mas, sem esse processo, o sujeito torna-se passivo frente às problemáticas de seu tempo. Prefiro os descaminhos que desestabilizam, destroem verdades e constituem outras que logo serão questionadas, dando lugar a outras, em um processo dinâmico que acompanha o sujeito que se refaz toda manhã. Dessa forma, coloquei-me como arqueogenealogista para perscrutar o objeto da pesquisa, sem buscar as origens, sem tentar buscar alcançar sua completude, analisei as continuidades e descontinuidades presentes e silenciadas nos

discursos referente às jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” e dos sujeitos da pesquisa, escavando para fazer aparecer os discursos que são atravessados por relações de saber e poder.

Os enunciados da telenovela *Malhação* sobre as três jovens negras, colocadas em destaque durante a temporada, e as entrevistas dos/das jovens das escolas pesquisadas sobre os episódios da temporada de *Malhação* “Vidas Brasileiras” são o *corpus* empírico para realização das análises. Enunciados que se constituem em meio a outros. As análises versam para modos de perscrutar o objeto interdisciplinarmente, como Ribeiro e Dácio (2018, p. 309) destacam, as duas razões principais para recorrermos ao método interdisciplinar são “[...] a complexidade do real e a insuficiência dos métodos clássicos, pois estes são duros, alicerçados na separação sujeito-objeto, na neutralidade e na objetividade como verdade absoluta”.

Ao escolher a análise do discurso foucaultiana e selecionar os referenciais teóricos que subsidiam as reflexões, pensei o objeto em sua multiplicidade, performatividade, atravessado por relações de saber e poder. Olhar o objeto por ângulos diferenciados e o deixar falar, sem tentar controlar a voz que dele ecoa. A superação da fragmentação do saber é um dos desafios do/a pesquisador/a para realizar uma pesquisa interdisciplinar e criar novos saberes e modos de dialogar com o objeto.

O trabalho está organizado em quatro seções para atender aos objetivos pretendidos na perspectiva de desenvolvermos um estudo interdisciplinar:

Nesta seção inicial, apresento minha trajetória acadêmica e envolvimento com as discussões de gênero e raça. Coloco-me na ordem arriscada do discurso para analisar os processos de subjetivação juvenil a partir dos enunciados da telenovela *Malhação* e, assim, realizo um panorama geral do que será abordado nas seções seguintes. Explicito os objetivos gerais, específicos, problemática e questões norteadoras.

Na segunda seção da dissertação, descrevo a seleção do *corpus* discursivo situando o leitor acerca da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, a qual teve seus episódios mapeados e analisados e que serviram de subsídios para as reflexões referentes aos processos de subjetivação dos/as jovens a partir das entrevistas com 5 alunas e 6 alunos do Ensino Médio da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando, no município de Abaetetuba; em seguida, aciono algumas ferramentas foucaultianas para mostrar a metodologia que foi utilizada para realização da análise do discurso da telenovela e dos



enunciados dos sujeitos da pesquisa. E, assim, problematizo como os/as jovens da Escola Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando são subjetivados/as e resistem aos discursos sobre as jovens negras constituídos na telenovela.

Na terceira seção, focalizo a mídia como território de disputa e sua potencialidade pedagógica. Essa fabrica discursos em meio a outros culturalmente constituídos, permeados por relações de poder, produzindo sentidos e verdades e, assim, garantindo os processos de subjetivação; em seguida, situo a telenovela como constituidora de sentidos, destacando a temporada “Vidas Brasileiras” e suas múltiplas técnicas de endereçamento e mecanismos que seduzem os jovens e direcionam seus olhares para que eles se vejam nos personagens, tomando as verdades para si. Na última parte da seção problematizo como vem sendo constituída a juventude e as técnicas de normatização, situando os sujeitos na cidade de Abaetetuba.

Na quarta seção, direciono a atenção para a descrição e análise das informações referentes aos episódios da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, que colocam em foco três personagens negras. Realizei um trabalho interseccionalizando os marcadores que constituem as personagens, relacionando-os com as falas dos sujeitos da pesquisa e, assim, problematizo os processos de subjetivação dos/as jovens a partir dos enunciados da telenovela. Com base nos trechos selecionados, realizo as análises de acordo com o método escolhido, articulando os enunciados da telenovela, as falas dos sujeitos e os referenciais teóricos que discutem a temática.

Ao problematizar os enunciados produzidos pela mídia, torna-se fundamental ouvir os sujeitos a quem a telenovela é endereçada, visto que a mesma é constituída a partir da relação do público com a história. São obras que vão sendo construídas e o próprio tempo que ficam no ar depende da interação com o público. A trama vai sendo alterada de acordo com a recepção, os índices de audiência e os comentários das redes sociais que servem bem para essa finalidade.

Longe de dar conta das possibilidades de problematização do objeto de estudo finalizo o texto com o desligar das câmeras citando os pontos de destaque das análises que apontam as tecnologias de invisibilização acionadas pelo dispositivo da mídia global e as subjetividades de fronteiras dos sujeitos da pesquisa. Espero que as análises apresentadas baseadas nas informações dos/as jovens entrevistados/as a partir da recepção dos enunciados referentes às jovens negras na temporada “Vidas Brasileiras” da telenovela *Malhação*, tomadas a partir da

perspectiva interdisciplinar presente na metodologia escolhida e nas obras das principais teóricas negras acionadas, possam suscitar novos saberes, novos modos de perscrutar os enunciados expressos e silenciados na televisão. Enunciados que são culturais e fabricantes de verdades constituídas, servindo de espelho no qual os sujeitos desejam se ver refletidos.

## **2 ROTEIROS NÃO LINEARES DAS FORMAS DE INDAGAR A TELENVELA MALHAÇÃO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO JUVENIL**

Nesta seção, apresento o percurso metodológico utilizado para investigação dos enunciados da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, a partir dos quais trabalho os processos de subjetivação juvenil, descrevendo as técnicas e instrumentos de acesso e análise das informações, a seleção da telenovela e o recorte realizado. Apresento algumas ferramentas foucaultinas para análise dos discursos da telenovela global, que possibilitam modos outros de problematização e construção do objeto da pesquisa.

### **2.1 A seleção do *corpus* discursivo: algumas ferramentas de análise**

A partir de aspectos relevantes presentes ou invisibilizados nos discursos da telenovela *Malhação*, como espaço educativo, referente aos processos de fabricação das mulheres negras, busco problematizar como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando são subjetivados/as e resistem aos discursos constituídos na telenovela sobre as jovens negras. A telenovela, produzida e exibida pela Rede Globo desde 24/04/1995, foi criada por Andréa Maltarolli e Emanuel Jacobina, endereçada ao público juvenil, aborda temáticas ligadas a essa faixa etária, e apresenta-se como um dos principais dispositivos de constituição das subjetividades e também um dos principais produtos da televisão brasileira voltada para o público juvenil.

Está em sua 27ª temporada, que iniciou no dia 16 de abril de 2019 e está sendo exibida, após término da 26ª temporada analisada nesse estudo. A telenovela é exibida no horário de 17h30 às 18h, de segunda a sexta. Sobre a permanência da *Malhação* durante todo esse tempo, um jovem entrevistado diz “Conseguiu se manter por todo esse tempo porque ataca um bom público, no caso que é a juventude atual, mas não só a juventude tem outras pessoas que assistem” (RODRIGO, Escola particular, 2019). O fato de ser endereçada para um público específico e ainda envolver questões que interessam para outros sujeitos é uma estratégia para garantir audiência e permanência.

De acordo com Ellsworth (2001, p. 14), o conceito de endereçamento está baseado no seguinte argumento:

[...] para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele faça rir, para que faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na ‘realidade’ do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em relação particular com a história e o sistema de imagem do filme.

A telenovela, os filmes e os livros são produzidos para alguém, a esse respeito Ellsworth (2001, p. 13) destaca que quem os produz imagina seu público “Entretanto, os diretores de cinema, os roteiristas, os produtores e os proprietários de salas de cinema estão, com frequência, distanciados dos espectadores ‘reais’ ou ‘concretos’”, distâncias de ordem econômica, raça, gênero que podem acentuar estereótipos pelo modo como os sujeitos são posicionados nas produções, pela escolha do que será dito e silenciado. Escolhas que fazem parte de um sistema amplo de constituição de verdades que seleciona, exclui e destaca enunciados em consonância com outros enunciados. Assim, analiso as questões de endereçamento projetadas na telenovela *Malhação*.

Marlucy Paraíso (2007, p. 135) empresta o conceito de endereçamento elaborado por Ellsworth para mostrar que “[...] a mídia educativa dirige os seus textos a alguém que ela pensa que será seu espectador; um alguém localizável nas relações de poder relativas a gênero, idade, classe, profissão, etc.”. No caso da telenovela o endereçamento é para o público juvenil e, nesse sentido, inúmeras estratégias e recursos são utilizados para que os jovens do Brasil se vejam nas telas da televisão.

Na temporada intitulada “Vidas Brasileiras”, a cada quinze dias, um/a personagem é colocado/a como protagonista e tem sua história contada, o que possibilita para quem assiste conhecer um pouco mais “a vida de cada um/a”. As duas turmas do 1º ano do Colégio Sapiência<sup>4</sup> onde estudam os/as jovens que protagonizam a telenovela têm 17 alunos/as cada, em sua maioria de classe média, sendo que alunos/as da comunidade, por meio de um projeto da professora Gabriela, uma das personagens principais, em parceria com a Organização Não Governamental (ONG) “Percurso” conseguiram bolsa integral para estudar na escola. A temporada “Vidas Brasileiras” foi inspirada em um texto estrangeiro, a Soap opera canadense 30 Vies<sup>5</sup> (Trinta Vidas) de Fabienne Larouche, que foi indicada quatro vezes ao Emmy Internacional e, no Brasil, foi adaptada por Patrícia Moretzsohn e tem direção artística de Natalia Grimberg.

---

<sup>4</sup> Nome do Colégio em que se passa a temporada da Telenovela analisada.

<sup>5</sup> Será detalhada na próxima seção.

O recorte de análise da temporada da telenovela levou em consideração os episódios nos quais as jovens negras são colocadas em foco, considerando a formação discursiva, as regularidades e rupturas. A produção do objeto, o modo de problematização e de análise para construção de conhecimento são tomados na perspectiva expressa por Corazza (2008, p. 364) ao destacar que “[...] o nosso objeto de pesquisa, que, afinal, é aquele que questionamos e desfiguramos, relemos e reescrevemos, desde a conceptualização escolhida”.

Na temporada “Vidas Brasileiras” três jovens negras participam como protagonistas da trama (Jade, uma jovem de classe média alta, tem seu corpo erotizado e sua sexualidade é colocada em destaque; Talíssia, jovem que mora na favela, é mãe solteira e sua religiosidade é colocada em destaque; Dandara, jovem de classe média, filha do diretor da escola, sua postura questionadora, militante estudantil e de luta pelas causas sociais são colocadas em destaque).

Procuro mapear como os episódios falam sobre as três personagens negras, principalmente quando elas são colocadas em destaque com o intuito de definir um modo de ser jovem negra. Para isso, seleciono os principais enunciados formadores dos discursos. Segundo Foucault (2005, p. 141), “Os discursos são efetivamente acontecimentos, os discursos têm uma materialidade”, nesse sentido, os discursos sobre as jovens negras ganham materialidade na telenovela *Malhação*.

O olhar fabricado das câmeras cria modos de ser, agir, vestir, dormir, entre outros usando “modelos” de jovens de modo que aquele que está do outro lado da tela se reconheça ou se imagine presente naquele discurso. Sobre a sociedade imagética, Ferrari e Castro (2016, p. 16), argumentam que “[...] precisamos considerar os processos de constituição de sujeitos, sexualidades e gêneros deflagrados na relação com as imagens. Em especial, as imagens se tornaram processos políticos, na medida em que visibilizam sujeitos, saberes e práticas antes invisibilizados”, pois as imagens apresentam continuidades e descontinuidades em seus enunciados e constituem-se como uma das principais estratégias de subjetivação. Nesse processo de fabricação da juventude são criados os enunciados de normalização e os de exclusão conforme ressalta uma das entrevistas:

Eu não sou o tipo de jovem que sai, vai pra festa, que bebe, mas é imposto pra mim que eu sendo jovem, eu tenho que ser assim. [...] me chamam de “diferentona” porque no meu tempo livre eu gosto de tá com meus amigos, a gente faz, por exemplo, o pessoal da igreja, sai na rua, pastoral de rua, dá alimento pras pessoas pobres que não tem (TAÍS, Escola particular, 2019).

O sujeito jovem é o foco central da telenovela que produz um modo de ser jovem, mas também cria sistemas de exclusão para aqueles que não seguem as normas estabelecidas nos corpos dos/das personagens da telenovela e que estabelecem um padrão para quem assiste, o qual pode levar a acomodações ou resistências. Os/as jovens colocados em foco são chamados a falar de sua intimidade, a dizer o que sentem e esse fazer falar faz com que a pessoa, ao assistir, veja suas histórias, como se fizessem parte da história contada por outros sujeitos. Por outro lado, muitos são excluídos dos enunciados destacados na telenovela por resistirem aos padrões.

Desse modo, seus corpos são gerenciados, seus desejos e anseios articulam-se e repelem-se, a linguagem televisiva busca normalizá-los. Porém, como afirma Brício (2016, p. 30), a juventude habita um “[...] solo tenso, arenoso, em que suas constituições nunca são sólidas, pois são marcadas por transformações e deslocamentos”, que precisa ser tematizado para superação de visões psicologizantes e essencialistas sobre a juventude.

A mídia é aqui tomada como um dispositivo pedagógico que constitui subjetividades, mas que também se constitui por discursos sobre juventude que produzem verdades referentes a esses sujeitos, discursos inventados, criados, produzidos na história, em constante reformulação. Os dados de análises da telenovela *Malhação* foram capturados da página da *globo.com*, em razão da impossibilidade de assistir aos episódios durante a semana e a necessidade de tê-los gravados para rever os episódios que foram analisados. A captura dos episódios foi realizada semanalmente para serem assistidos nos finais de semana e, assim, efetivei as transcrições, de modo minucioso, daquelas cenas que julguei necessárias, considerando a complexidade dos conteúdos audiovisuais.

Assisti aos episódios atentamente, observando o conjunto de técnicas acionadas na composição dos enunciados, utilizando um diário de anotações e transcrições das falas envolvendo as personagens. Todos os episódios foram assistidos e reassistidos para compreensão da história de modo geral, porém minha atenção e a maioria das informações transcritas ocorreram nos episódios em que as três personagens ganham destaque, sendo analisados em sua constituição discursiva.

A *Malhação* descreve um grupo de jovens de classe média e os contrasta com os/as alunos/as que são assistidos/as pela ONG Percurso, dirigida por Rafael, que vêm das classes populares, abrindo espaço para personagens de diferentes origens sociais, culturais e étnicas. Vale frisar que, das três personagens negras apresentadas na temporada, duas são de classe

média alta e apenas uma apresenta a história das “vidas brasileiras” na favela, o que me levou a interseccionalizar o marcador de classe nas análises. As escolhas das imagens capturadas e descritas inserem-se nas lutas por constituição de verdade que exclui discursos outros. Ao problematizar as regras de constituição dos enunciados, Foucault (2008, p. 30) afirma que:

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?

A história de cada enunciado está ligada a um conjunto de enunciados que constituem os discursos a partir de dinâmicas de poder que definem a visibilidade e invisibilidade dos mesmos. Assim, analiso os enunciados que aparecem sobre as jovens negras na telenovela *Malhação*, cuja seleção permite problematizar como é constituído o discurso sobre as jovens negras, considerando que o discurso da telenovela global captura e reelabora a vida cotidiana, como explicitado no título da temporada “Vidas Brasileiras”.

Formas de ser e agir são permanentemente alteradas e negociadas, a mídia é uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana. De acordo com Kellner (2001, p. 9) “Por sua grande audiência, por isso deve ser eco de assuntos e preocupações atuais”, por ser um importante espaço de subjetivação dos sujeitos as técnicas de exposição das jovens negras precisam ser pensadas na perspectiva da construção e circulação de saberes, considerando suas sutilezas, rupturas e continuidades.

Cordeiro (2009, p. 44) afirma que no campo analítico, “A juventude existe como experiência de seu tempo, como expressão de relações sociais e culturais, já na era moderna” no momento que emergem discursos sobre a juventude que definem essa fase da vida. Aos poucos, a indústria cultural começa a produzir artigos e oferecer produtos para esse público específico, dessa forma “[...] Não havia mais limites para criar a juventude como espelho do consumo” (CORDEIRO, 2009, p. 49), pois os/as jovens passam a despertar interesse das grandes empresas, dada sua potencialidade de consumo. Assim, situo a juventude como construção social elaborada e reelaborada de acordo com o momento histórico e o contexto cultural que fabrica técnicas diferenciadas para subjetivar os jovens.

O pensamento de Foucault ajuda-me a estranhar e analisar os enunciados dos/as entrevistadas/os a partir da telenovela *Malhação* e as técnicas de subjetivação por meio da qual “[...] o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em

relação consigo mesmo” (FOUCAULT apud LARROSA, 2008, p. 55), destacando como as jovens negras são produzidas de modo que não percebam a imposição dos padrões, pois as técnicas sutis da mídia fazem o sujeito acreditar que está no comando das decisões, como se cada um fosse “dono” de seus atos. Os discursos da telenovela global funcionam como “[...] práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer” (FOUCAULT, 1984, p. 11). São práticas que produzem as jovens negras na telenovela, por meio de procedimentos que se encarregam de ligar o sujeito à verdade produzida sobre eles.

Para acessar as falas dos sujeitos da pesquisa, foram utilizados questionários e entrevistas semiestruturadas visando problematizar como os/as jovens são subjetivados/as pelos enunciados da telenovela e como respondem aos modos de ser jovem normalizados sutilmente pela mídia. Os questionários subsidiaram a escolha dos/as entrevistados/as. As entrevistas foram realizadas com 5 alunas e 6 alunos do Ensino Médio, a partir de 18 anos, que assistiram à telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”. Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram substituídos, resguardando a identidade dos/as jovens entrevistados/as.

O questionário foi aplicado apenas na escola pública Carmen Cardoso Ferreira, para 28 jovens do 3º ano, no turno da tarde. O questionário foi composto pelas seguintes questões: cor da pele, idade, religião, sexo, renda familiar, programa preferido, programas televisivos que assiste, se acompanhou a temporada da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”. O fator idade e se assistiu à temporada analisada foram as principais informações que nortearam a escolha dos sujeitos da pesquisa. As demais informações permitem conhecer o perfil dos/as entrevistados/as. A aplicação ocorreu na sala de aula durante horário vago da turma. Vale mencionar que, no caso dos/as jovens da escola particular, as informações para composição do perfil foram levantadas durante a entrevista.

Nas duas escolas analisadas havia apenas uma turma de 3º ano. No caso do Sistema de Ensino Vestibulando, por exemplo, na turma de 3º ano havia apenas 4 alunos e 2 alunas com idade a partir de 18 anos, tendo uma das jovens recusado a participar da entrevista. Na conversa inicial com a direção e coordenação da escola, levando em consideração o critério de seleção dos/as jovens, considerei desnecessária a aplicação dos questionários, visto que, nas turmas do ensino médio, apenas 6 jovens tinham idade igual ou superior a 18 anos.



Dois grupos de jovens foram entrevistados: 6 da escola pública e 5 da escola particular do Município de Abaetetuba<sup>6</sup>. Na escola pública, entrevistei 2 rapazes e 4 moças; já, na escola particular, foram entrevistados 4 rapazes e 1 moça, porém a entrevista com um dos jovens da escola particular não foi utilizada nas análises, visto que ele respondeu mais sim ou não, sem expor seu posicionamento. Assim, o total de entrevistas usadas para análise foi 10.

Do total de sujeitos entrevistados que compõem as análises, 5 são do sexo masculino e 5 do sexo feminino; quanto à cor da pele, 3 se declararam negros e 7 pardos; já, no aspecto da religiosidade, 6 se denominaram evangélicos, 3 católicos e 1 disse não ter religião específica; a renda familiar de até 2 salários mínimos foi apontada por 8 jovens; 1 disse enquadrar-se na faixa de até 4 salários e 1 apontou renda superior a 20 salários mínimos.

O Sistema de ensino Vestibulando é uma escola particular fundada em 2006 no Município de Abaetetuba, por meio de uma cooperativa de professores. A unidade de ensino está situada na Avenida Dom Pedro I, nº 1285, no bairro de São Lourenço, cidade de Abaetetuba. A escola tem turmas que vão da educação infantil ao pré-vestibular. No ano de 2019, quando realizei a pesquisa, tinha no ensino médio 88 alunos/as, sendo 29 destes na turma de 3º ano. Apesar de ser uma escola particular, vale ressaltar que, dos/as 5 jovens entrevistados/as apenas dois são de classe média alta, os demais falaram sobre o esforço dos pais para mantê-los na escola particular por considerarem de melhor qualidade. A escola está localizada em um bairro próximo ao centro, com boa estrutura física e recursos didáticos; é uma escola de renome na cidade pelo número de aprovações nos vestibulares.

A Escola Estadual Professora Carmem Cardoso Ferreira, fundada no ano de 1990, está localizada na 3ª Rua do Campo, nº 1928, bairro Aviação, cidade de Abaetetuba. Funciona nos turnos da manhã e tarde com o número total de 456 alunos, distribuídos em 4 turmas do 6º ano, 3 turmas do 7º ano, 2 turmas do 8º ano, 2 turmas do 9º ano, 1 turma do 1º ano médio, 1 turma do 2º ano médio e 1 turma do 3º ano médio. A turma selecionada para análise foi a do 3º ano por levar em conta o fator idade. Quanto à seleção dos/as jovens, utilizei a aplicação de

---

<sup>6</sup> “O município de Abaetetuba, localizado do nordeste paraense à 01° 43’ 24’ ’ de latitude Sul e 48° 52’ 54’ ’ de longitude a Oeste de Greenwich, possui uma extensão de aproximadamente 1.611 km<sup>2</sup>. Seu limite ao Norte são os rios Pará e o município de Barcarena, ao leste, o município de Moju, ao Sul encontram-se os municípios de Igarapé Mirim e ainda parte de Moju, e ao Oeste, os municípios de Igarapé Mirim, Limoeiro do Ajuru e Muaná. Abaetetuba está inserida na mesorregião do nordeste paraense que compreende cinco microrregiões: Bragantina, Guamá, Salgado, Tomé-Açu e Cametá, sendo essa última a que corresponde ao município de Abaetetuba. A microrregião de Cametá, além de Abaetetuba, engloba mais seis municípios, são eles: Cametá, Baião, Igarapé Mirim, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará. Abaetetuba é um dos menores municípios do Pará, e também é formado pelo distrito da Vila de Beja, com sede em Abaetetuba” (GONÇALVES, A., 2016, p.21).

questionário para os 28 alunos da turma. A escola fica localizada em um bairro periférico da cidade e sua estrutura física demanda melhorias por parte do poder público.

A diferença entre o colégio Sapiência, onde é ambientada a maioria das cenas da temporada de *Malhação* “Vidas Brasileiras”, e a escola pública no município de Abaetetuba é citada pela entrevistada que diz: “A diferença entre aquela escola e a nossa é que lá tem mais projetos de certa forma para desenvolver jovens que são excluídos da sociedade” (LEANDRA, Escola pública, 2019). A jovem entrevistada nem cita a precariedade física da escola *locus* da pesquisa, sua fala está centrada no desenvolvimento de projetos que poderiam propiciar mais oportunidades para os/as jovens. Vale frisar, que um grupo de jovens da periferia conseguiu bolsa integral para estudar no colégio Sapiência, porém a luta foi grande para aceitação por parte da instituição, não foi uma ação que partiu da direção do colégio.

Situar o lugar de onde falam os sujeitos é relevante para problematizar como eles são subjetivados e ressignificam os discursos da telenovela global, levando em consideração que os/as jovens se constituem a partir de vários aspectos relacionados ao espaço global e local. Sant’Anna (1995, p. 17) afirma que “As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que a constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção”. Olhar a cidade é olhar os sujeitos, assim como olhar os sujeitos é olhar a cidade porque um constitui o outro, questão que será mais explorada na seção seguinte.

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 20 minutos cada e foram realizadas nas dependências das escolas, na sala dos professores. Destaco que a entrada, saída e conversas de professores durante as entrevistas atrapalharam um pouco a conversa e demandaram atenção no momento da transcrição das informações. A transcrição de cada uma das entrevistas foi realizada de modo minucioso para selecionar os dados que fazem parte da análise. As entrevistas foram gravadas com o uso do aparelho celular e posteriormente transcritas para realização das análises e o roteiro de temas das perguntas elaboradas de acordo com as informações mapeadas nos episódios da telenovela *Malhação*. Segundo Silveira (2002, p. 139-140) a entrevista é:

[...] uma arena de significados [...] um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo”, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessam e ressoam em suas vozes.

Os/as entrevistados/as são sujeitos sociais, culturais e históricos e suas falas são minadas por enunciados que atravessam suas práticas diárias, que os constituem, que não se afirmam como verdades. O/a pesquisador/a, por sua vez, apropria-se de tais falas, as reinventa, as reconstrói e outros significados são produzidos por meio de relações imbricadas por jogos de poder, pois “Como gênero discursivo, a entrevista apresenta suas características; pode-se subvertê-las, questioná-las, ressignificá-las [...]” (SILVEIRA, 2002, p. 125). A escolha do recorte das entrevistas, do que será usado, descartado e o próprio direcionamento inicial para fazer falar os/as entrevistados/as não visa respostas definitivas, mas sinaliza um modo de perscrutar o objeto de estudo que possibilite a análise das condições de existência do enunciado.

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Os discursos dos/as entrevistado/as, o direcionamento e os novos discursos produzidos com as informações dos/as mesmos/as a partir das análises fazem refletir que o discurso é constituído e reelaborado sempre a partir dos enunciados diversos que lhe expressam materialidade, vai além daquilo que é dito em determinado momento e precisa suscitar a pesquisadora novos significados. Conforme afirma Silveira (2002, p. 120), a entrevista “[...] não é mais vista como ‘espelho’ variavelmente translúcido de uma verdade anterior, mas como constituidora de verdades, como atravessada por vozes anteriores [...]”. Entrevistadora e entrevistados/as constituem-se por discursos diversos que estão em constante mudança e os subjetivam a dizer algumas coisas, a excluir outras.

A pesquisa possibilita a problematização de aspectos relevantes para constituição dos discursos e das subjetividades, bem como permite analisar as relações de saber-poder que legitimam verdades sobre os sujeitos. O contexto no qual o sujeito está inserido, as continuidades e descontinuidades históricas afetam diretamente a construção dos significados e subjetividades. No caso dos discursos referentes às jovens negras, é relevante perscrutar, conforme mencionado por Rose, como eles constituem-se e as tecnologias de subjetivação.

As tecnologias da subjetivação são, pois as maquinações, as operações pelas quais somos reunidos, em uma montagem com instrumentos intelectuais e práticos, componentes, entidades e aparatos particulares, produzindo certas formas de ser-humano, territorializando, estratificando, fixando, organizando e tornando duráveis

as relações particulares que os humanos podem [...] estabelecer consigo mesmos (ROSE, 2001, p. 176).

Analisar as técnicas de subjetivação a partir de uma programação midiática endereçada ao público juvenil permite o questionamento dos discursos expressos e silenciados que direcionam os sujeitos para as relações que estabelecem consigo e com os outros.

A transcrição das informações coletadas nas entrevistas foi organizada levando em consideração os aspectos gerais sobre a telenovela expressos na fala dos/as entrevistados/as e as informações referentes a cada uma das personagens negras que compõem o recorte de análise da dissertação para, posteriormente, investigar os discursos que atravessam as falas dos/as jovens entrevistados/as.

## **2.2 A análise do discurso: acessar as ferramentas**

A análise do discurso foucaultiana busca a constituição histórica do discurso que ganha materialidade na relação que estabelece com os diversos enunciados, atentando para as condições históricas de existência, continuidades e descontinuidades. Esse é um diferencial do autor quando trata dos pressupostos da análise do discurso, pois ele rompe com a perspectiva linguística.

[...] a Teoria da Enunciação de Benveniste redimensionou o olhar dado à língua. Para esse teórico, a linguagem só ganha possibilidade na enunciação e nesta o sujeito deixa rastros discursivos; noção que foi produtiva para o limiar do que, em 1969, com a publicação de *Análise Automática do Discurso* de Michel Pêcheux, vem a se denominar de *Análise do Discurso* (AD). [...] A AD consiste numa corrente desenvolvida majoritariamente na França e que trata a língua em seu processo histórico, atende a uma perspectiva não-imanentista e não-formal da linguagem e privilegia as condições de produção e recepção textual, bem como os efeitos de sentido (MELO, 2009, p. 4).

Foucault, ao decretar a morte do sujeito, estabelece outra noção de sujeito e discurso incorporando em seu pensamento as relações de saber e poder que constituem os discursos e o sujeito como efeito do discurso, pois “[...] a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da referência imposta, com um poder fundamental de afirmação [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 70). Desse modo, o autor toma o discurso como objeto de estudo articulando-o com a história e suas múltiplas possibilidades, um objeto de disputa a partir do qual se exerce o poder.

Teoria e método “[...] têm de ser entendidos como ponto de chegada de cada caso. O ponto de partida de Foucault jamais foi uma teoria que lhe dissesse o que é ou como deve ser o sujeito, como deve ser uma instituição, como deve ser uma moral e assim por diante” (VEIGA-NETO, 2009, p. 92), pois Foucault não usa um método pronto para problematizar os objetos, é no decorrer do processo que ele seleciona as ferramentas que darão foco de luz aos objetos. O filósofo apresenta características do seu método e, sem pretensões de defini-lo, ele afirma:

Não tenho um método que se aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes. Ao contrário, diria que é um mesmo campo de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço minha pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método. [...] Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir, e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio (FOUCAULT, 2006a, p. 229).

O método vai constituindo-se durante a pesquisa a partir da construção do objeto de estudo, as condições de possibilidades é que fazem aparecer o objeto. Tomo o método foucaultiano articulando os três domínios abordados por Foucault, o saber, o poder e o sujeito (ética). São tais domínios acionados no decorrer da dissertação que possibilitam trabalhar os procedimentos e elementos do arcabouço conceitual foucaultiano, acessar sua caixa de ferramentas.

Como procedimento metodológico emprego algumas ferramentas foucaultinas de seu método arqueogenealógico para realizar a análise dos discursos presentes e silenciados na telenovela *Malhação* sobre as jovens negras, atentando para os processos históricos de constituição subjetiva, subsidiada por seus estudos e de outros referenciais teóricos que discutem o tema de investigação a partir da perspectiva pós-crítica, principalmente das pesquisadoras negras que interseccionam questões raciais, de gênero, classe e religiosidade, considerando a constituição de saberes da medicina, economia, pedagógicos, etc. e as relações de poder que os mobilizam, visando constituir os sujeitos fixos e universais. Foucault (1979, p. 7) faz uma crítica nesse sentido, argumentando que:

É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma histórica que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios do objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.

Pensar, portanto, o sujeito na trama da história no sentido de libertação dos discursos de origem que tratam a história em sua continuidade sem considerar os momentos de rupturas e as condições de possibilidades, “[...] apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde elas desempenharam papéis distintos” (FOUCAULT, 1979, p. 15).

A morte do sujeito anunciada por Foucault destaca que os sujeitos são constituídos na e pela história, assim realiza uma crítica à origem incontestável dos discursos que são para o autor acontecimentos que minuciosamente devem ser analisados considerando sua constituição histórica, as continuidades e descontinuidades, pois os sujeitos são “[...] grãos dançantes na poeira do visível, e lugares móveis num murmúrio anônimo. [...] Ele nasce e se esvai na espessura do que se diz, do que se vê” (DELEUZE, 1992, p. 134).

O corpo é marcado pela história e o controle começa no corpo, desse modo os discursos são monumentos descontínuos cujo contexto histórico precisa ser problematizado. De acordo com Foucault (1979, p. 21), seguir o filão complexo da proveniência é “[...] manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós [...]”. Situar os acontecimentos além de explicação casual demanda a multiplicidade na forma de indagar o objeto de estudo.

Assim, considero relevante a compreensão das relações de saber-poder presentes na sociedade que constituem verdades e subjetividades, refletindo os deslocamentos na maneira de tratar a história, entre eles, destaco a noção de descontinuidade, pois “[...] os discursos precisam ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2004, p. 52-53). Com a arqueogenealogia Foucault passa a analisar como as relações operam dentro do sistema de significação observando os acontecimentos no tempo presente. Pensar nos procedimentos de controle que silenciam os/as negros/as e produzem verdades é importante para buscar na descontinuidade da história possibilidades de transformação da realidade atual. De acordo com Foucault (2004, p. 8-9), o discurso é um produto social, pois

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Segundo o autor, são os procedimentos exercidos no interior e exterior dos discursos que delimitam sua produção. Entre os procedimentos de exclusão, que colocam em jogo poder e desejo, Foucault (2004) cita a interdição que está relacionada ao que pode ser dito e a quem é permitido falar; separação e rejeição, que por meio da palavra identifica e controla a produção dos discursos, como, por exemplo, segregando o louco; vontade de verdade, que separa o verdadeiro e o falso que se apoia sobre um suporte institucional, verdade usada para justificar a interdição e definir a loucura.

Quanto aos procedimentos internos, que têm a função de controlar os acontecimentos, Foucault (2004) pontua que são os discursos cotidianos e aqueles que suscitam novos discursos os responsáveis pela manutenção de valores como os textos jurídicos e religiosos; autor como agrupamento do discurso que atribui efeitos de verdade; as disciplinas que fixam os limites e controlam a produção discursiva. A rarefação é o terceiro grupo de procedimentos que permite o controle dos discursos determinando a condição de seu funcionamento.

O poder de produção dos discursos segundo Foucault está na sutileza dos procedimentos que os materializam e constituem verdades, “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade”. (FOUCAULT, 1979, p. 14). As interdições constituem-se e justificam-se nas práticas discursivas que regulam os sistemas de verdade. Quem produz os efeitos de verdade nos discursos da telenovela? Em qual programa americano baseia-se? Quais as técnicas de repetição?<sup>7</sup> Questões levantadas que serão problematizadas no decorrer da dissertação, considerando a força criadora dos discursos que se reconstitui constantemente para alcançar seus receptores e invisibilizar a maquinaria acionada para legitimar verdades.

Assim, só nos aparece aos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura [...] (FOUCAULT, 2004, p. 20).

A vontade de verdade citada por Foucault deve ser analisada no discurso da telenovela global *Malhação* em sua materialidade, nas relações de saber-poder constitutivas dos enunciados que coexistem com outros. Na constituição de verdades os sistemas de exclusão

---

<sup>7</sup> Os questionamentos levantados não se constituem como questões problematizadoras da pesquisa, mas questionamentos auxiliares.

fazem-se presentes, visto que os sujeitos resistem, modificam a verdade, produzem outras verdades e desafiam a política de verdade com modelos que visam à regulação coletiva dos negros, pois se há poder:

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto maior astúcia quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2006a, p. 232).

A noção de poder aqui trabalhada a partir da perspectiva de Foucault contempla a positividade das relações de poder que nada tem de repressiva, mas que se configura em uma arena para possibilidades de resistências dos sujeitos. As técnicas são refinadas por aqueles que buscam manter o controle das subjetividades, visando minimizar práticas de resistências que desestabilizam verdades, demandando um constante processo de reformulação dos mecanismos de controle, num processo produtivo contínuo de composição de forças.

Para Foucault (2008, p. 141-142), analisar uma formação discursiva é “[...] tratar de um conjunto de performances verbais, ao nível dos enunciados e da forma de positividade de um discurso”. Assim, traço as reflexões sobre os discursos da telenovela global e a constituição de práticas de subjetivação dos/as jovens. As análises foram realizadas com base nas informações coletadas dos episódios da temporada da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” e das entrevistas realizadas com os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira e do Sistema de Ensino Vestibulando. As informações coletadas foram transformadas em documentos na concepção analisada por Foucault (2008, p. 7), considerando que

[...] a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta e distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.

Assim, trato os documentos da pesquisa como fatos históricos que nada têm de inerte, pois estão em constantes transformações, na mesma velocidade que os sujeitos formulam-se e reformulam-se. O documento deve ser trabalhado a partir de sua materialidade, mas,



considerando as continuidades e discontinuidades e sua relação com outros enunciados que se constituem nas relações de saber-poder. Dessa forma foi analisada a materialidade dos enunciados da telenovela global, pois, de acordo com Foucault (2008, p. 114), a materialidade desempenha

[...] um papel muito mais importante: não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um [sic] lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.

Os enunciados são constituídos a partir da materialidade produzida por diferentes técnicas de subjetivação, aqui destaco a mídia que estrutura e constrói modelos de jovens negras com os quais elas podem se identificar. Enunciados que são constantemente ressignificados para acompanhar as mudanças culturais, sociais e históricas. O modo como a jovem foi produzida na primeira temporada da telenovela *Malhação*, em 1995, já não é o mesmo após 23 anos de exibição, seja no sentido de protagonismo na telenovela, na exposição da sexualidade seja nos temas abordados porque coexistindo com outros enunciados que falam das e para as jovens, os discursos da telenovela global transformam-se. Os sujeitos não são estáticos e nem os enunciados podem ser, visto que

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p.31, 32).

As argumentações de Foucault destacam que os enunciados só existem nas relações de poder e formam os objetos que falam em uma dinâmica que segue o ritmo dos acontecimentos, ganham materialidade e, em seguida, são reelaborados pelos sujeitos que deles apropriam-se provisoriamente, sujeitos que se constituem de múltiplos enunciados já ditos, mas sempre únicos, pois o lugar de onde se fala, quem fala e o tempo são diferentes. O que não posso deixar de mencionar são as técnicas diversas para ligar o sujeito à verdade, ou seja, às formas de subjetivação, pois

[...] os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 2008, p. 54-55).

Os sujeitos jovens são posicionados na telenovela *Malhação* como sujeitos dos discursos, a ideia de imposição cede espaço a um suposto protagonismo juvenil, uma interação que se faz por meio de técnicas para ligar o sujeito à verdade. A fala de um dos entrevistados expressa a potencialidade da técnica de subjetivação “[...] eu acho que o que passa na televisão é o espelho do que a gente vive aqui fora. [...] ela tá mostrando o que acontece, o que já aconteceu. [...] o jovem assiste porque se identifica com as histórias” (KLEBBER, Escola particular, 2019).

A mídia, de modo mais pontual aqui abordo a telenovela *Malhação*, cria personagens com os quais os/as jovens possam se identificar, que se vejam na tela e, assim, garante o processo de subjetivação juvenil, regulando comportamentos, uma relação de aprendizado em direção ao próprio interior do sujeito, a experiência de si que Larrosa (2008, p. 43) conceitua como

[...] resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.

O modo como o sujeito constitui-se e reconhece a si mesmo está ligado aos valores morais da sociedade constituídos como normais e desviantes. O comportamento dos sujeitos é condicionado por valores instituídos socialmente, porém esses valores são sutilmente estabelecidos para que o indivíduo perceba-se como definidor de suas ações. Dessa maneira, a regulação dos comportamentos opera no modo como a jovem negra se reconhece como tal, na valorização de sua cultura, nas relações que estabelece no contexto social, no modo de vestir, sentar, falar, tudo isso tendo como base preceitos morais.

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. [...] por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e

valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores [...] (FOUCAULT, 1984, p. 26).

Os códigos sociais prescrevem como cada um deve agir e pensar com base em relações de poder e na elaboração de saberes considerados verdadeiros. No caso das jovens negras problematizo como cada aluna entrevistada se vê em relação aos modelos estabelecidos pela telenovela que mostra as “Vidas Brasileiras”. A mídia, portanto, configura-se como um artefato de forte ação nos processos de subjetivação, um dos meios pelos quais os sujeitos são chamados a tornarem-se indivíduos “corretos” e que expõe obrigações de ordem moral. Nessa direção posso pensar a relação que os sujeitos estabelecem consigo. A esse respeito, Veiga-Neto (2003, p. 98, grifos do autor) afirma

A ética, numa perspectiva foucaultiana, faz parte da moral, ao lado do *comportamento* de cada um e dos *códigos* que preceituam o que é correto fazer e pensar e que atribuem valores (positivos e negativos) a diferentes comportamentos, em termos morais. Esse conceito idiossincrático desloca a noção clássica *de* ética como ‘estudo dos juízos morais referentes à conduta humana’ (quer em termos sociais, quer em termos absolutos) *para* ética como o modo ‘como o indivíduo se constitui a si mesmo como um sujeito moral de suas próprias ações’, ou, em outras palavras, a ética como ‘a relação de si para consigo.

O modo como cada sujeito se vê e vê o outro constitui-se a partir das políticas de verdade relacionadas à circularidade do saber-poder que se projetam nos discursos da telenovela global. De acordo com Bujes (2002, p. 15), “[...] um poder que age produzindo as ‘coisas’” que produz os discursos das jovens negras, que por meio de técnicas diferenciadas busca disciplinar esse grupo. As jovens negras tornam-se cada vez mais objeto de saber e poder em conjunto com outros discursos, uma vez que “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos [...]” (FOUCAULT, 1979, p. 12).

A mídia ajuda a sustentar a política de verdade, contribuindo para fixar normas. Ela se estrutura, se alicerça em discursos científicos, religiosos, pedagógicos, entre outros para constituir suas técnicas de controle dos enunciados sobre as jovens negras que, por sua sutileza, pelos regimes de verdade que faz circular e pela maneira como faz internalizar determinadas condutas constitui modos de ser e estar no mundo, desviando o foco de quem assiste ao processo de fabricação da verdade e das relações de saber e poder que a produz. Ela tem uma potencialidade criadora, mas é também uma criação, visto que “[...] exercer o poder

não significa estar livre dele, pois o poder opera em várias direções, circula: quem narra também é narrado” (COSTA, 2002, p. 94).

O deslocamento proposto por Foucault possibilita novas maneiras de perguntar, novos caminhos para tratar o objeto de investigação, objetos que são históricos. Quando crio novos ângulos de visão do objeto, arrisco-me porque coloco em suspenso o que está dado como verdade e permito-me pensar diferente.

Isso significa investir na problematização daquilo que nos é dado como salvação, como calma, para nossas inquietações sociais, teóricas e metodológicas. O convite é deixarmos para trás o lago sereno das certezas e mergulhar naqueles autores e teorizações nos quais encontraremos fontes consistentes, ferramentas produtivas para formulação de nosso problema de pesquisa, exatamente na medida que eles nos convidem ao exercício da arte de pensar de outra forma o que pensamos, buscando tensionar essas mesmas fontes conceituais, ousando cortá-las com outras talvez menos seguras para nós e, especialmente, ousando estabelecer relações entre esses referenciais e as primeiras incursões que fazemos de nossos materiais empíricos (FISCHER, 2002, p. 58).

O exercício de duvidar do óbvio desloca-me para tomar o *corpus* discursivo em sua heterogeneidade, assim posso problematizar como os/as jovens são subjetivados/as pelos enunciados construídos na telenovela global e como resistem a eles. Ao tematizar questões cotidianas, a *Malhação* pretende-se inclusiva, crítica, como se fosse a reinvenção da telenovela brasileira por abordar temas polêmicos, enredando os/as jovens em suas tramas. Sair da zona de conforto, colocar em suspenso as verdades fixadas é um exercício difícil que por vezes desequilibra-me e causa-me medo. “É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos [...] É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (FOUCAULT, 1979, p. 27-28). Como afirma Foucault (2000), o conhecimento não foi feito para consolar, as verdades devem ser questionadas, destruídas, reinventadas.

O pensar diferente de acordo com Brício (2016, p. 31),

[...] exige colocar em suspenso nossas certezas para enveredarmos por caminhos tortuosos, incertos, o que se torna um risco, mas este risco não é de todo negativo, não pode nos tornar cautelosos demais, nem impedir que mergulhemos em aventuras investigativas perigosas, arriscadas, que não promete nada de universal, certo, pleno.

Caminhos que me desestabilizam, pois arrisco-me em direções perigosas, como afirma a autora, destacando a positividade do risco. O que irá definir a prática de colocar em suspenso as certezas são os focos pelos quais perscruto o objeto de pesquisa. Deleuze (1992) fala dos focos de luz que coloco sobre as coisas, sendo que eles fomentam maior vitalidade ao

objeto, pois, “[...] a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas” (p. 120). A visibilidade que dou ao objeto da pesquisa está diretamente ligada às escolhas metodológicas e teóricas que realizei, assim, para lançar o foco de luz e fazer aparecer os discursos “[...] é preciso rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados” (DELEUZE, 1992, p. 120).

Nesse sentido, a análise do discurso foucaultiana possibilita fazer aparecer os discursos situados em jogos de poder, rachar as palavras, as frases para tomar os enunciados em sua materialidade, sem pretender buscar sua origem, mas problematizar sua dependência com outros enunciados e assim vislumbrar seu caráter autônomo. “A análise dos enunciados e das formações discursivas abre uma direção inteiramente oposta: ela quer determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados. Busca estabelecer uma lei de raridade” (FOUCAULT, 2008, p. 135).

Essa raridade segundo o autor demanda tomar os enunciados no limite do não dito, pois, um enunciado exclui outros. Quando dispositivos como a mídia produzem determinados enunciados sobre a jovem negra nem tudo é dito, escolhas enunciativas são feitas, e outros enunciados são excluídos “[...] o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1979, p. 244). O que pode ser dito e quem está autorizado a dizer constitui-se nas relações de poder que fazem circular regimes de verdade, assim a telenovela global constrói suas versões de verdade.

Verdades constituídas por técnicas que envolvem os indivíduos, que descrevem modos de posicionar as falas e os corpos, mecanismos que se voltam para um grupo maior. A telenovela *Malhação* busca aproximar as vidas das jovens brasileiras negras às das personagens criadas para representar o que o grupo tem em comum “[...] trata-se de uma biopolítica porque os novos objetos de saber que se criam ‘a serviço’ do novo poder destinam-se ao controle da própria espécie; e a população é o novo conceito que se cria para dar conta de uma dimensão coletiva [...]” (VEIGA-NETO, 2003, p. 87). A mídia como dispositivo de grande alcance de audiência, por meio da telenovela, realiza a biopolítica dos corpos juvenis.

A nova estratégia de regulação dos corpos, a biopolítica, volta-se para a coletividade, para constituição de relações do sujeito com o grupo. A mídia interpela e enlaça porque ali os sujeitos visualizam “modelos” pelo olhar fabricado na tela que induzem os comportamentos, administram os corpos. Criando a ilusão de que os dispositivos de controle não estão ali, eis a

grande potencialidade da mídia e dos mecanismos de controle da população, pois o desejo de controlar e o controle sobre os corpos são invisibilizados.

O discurso sobre o corpo saudável que emerge como técnica de controle dos corpos, em especial dos/as jovens, sustentados por discursos de diversas áreas do conhecimento como a medicina, educação física, biologia, pedagogia têm a sutileza de fabricar e sustentar modos de ser e viver. São relações de saber-poder que autorizam a fala de alguns no sentido de constituir verdades, de falar sobre o corpo, questões que mobilizam o consumo de produtos e serviços, nesse sentido as atrizes e atores são expostos para realizarem propagandas que incitem o consumo. O controle começa no corpo, pois:

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1979, p. 22).

O corpo como lugar de inscrição de acontecimentos da história é também lugar de resistência. Ele transborda acontecimentos históricos, constitui a história, não está inerte. “Se o corpo não é um ‘ser’, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia [...]” (BUTLER, 2018, p. 240). Ao mesmo tempo em que ele é subjetivado por discursos, ele se contrapõe a eles, cria outras possibilidades, posiciona-se de outro modo. Desse modo, as técnicas acionadas para o controle dos corpos na telenovela global produzem efeitos na subjetividade dos/as jovens que as assistem. Aqui a subjetividade é compreendida como:

“Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos” [...]. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (SILVA, 2009, p. 55).

Adoto no decorrer do trabalho a utilização do termo subjetividade no sentido expresso por Silva (2009) para melhor explicitar como as jovens negras são fabricadas e que discursos sobre elas a telenovela *Malhação* faz funcionar, analisando os efeitos produzidos no modo de vivenciar a sexualidade, de vestir, de ser, de posicionar-se frente às questões sociais de nosso tempo, de vivenciar a religiosidade, de conviver com a diversidade que atravessa seus enunciados.

Segundo Foucault subjetivação “Trata-se de um conjunto de tecnologias” (VEIGA-NETO, 2003, p.99), sendo que são essas tecnologias do eu é que “[...] permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos [...]” (VEIGA-NETO, 2003, p.100), assim posso analisar como os sujeitos são chamados a se reconhecerem como sujeito através das políticas de verdade.

As ferramentas expostas acima subsidiam a problematização do objeto da pesquisa, desafiando certezas e criando novas possibilidades de análise. Elas me movem, fazendo-me escorregar, causando-me arrepios, mas, principalmente, abrem campos diferenciados de visão para que eu tome o objeto em sua multiplicidade, analisando os ditos e não ditos. Assim, aventuro-me a tomar a “ordem arriscada do discurso” (FOUCAULT, 2004, p. 7) da telenovela global.

Para Larrosa (2008, p. 66) “[...] o discurso, que tem seu próprio modo de existência, sua própria lógica, suas próprias regras, suas próprias determinações, faz ver, encaixa com o visível e o solidifica ou o dilui, concentra-o ou dispersa-o”. A afirmação de Larrosa ajuda a pensar que o discurso renova-se cada vez que é anunciado, produzido, nunca é o mesmo. Assim, o objeto de estudo é histórico, pois está em constante mudança, o modo de tomá-lo, a luz que coloco sobre ele e os referenciais teóricos e metodológicos acionados por mim produzem efeitos e análises diferenciados sobre o objeto.

A partir da metodologia apresentada que subsidia o estudo do objeto da pesquisa analiso na seção seguinte as técnicas que a mídia e a telenovela *Malhação* mobilizam para produzir os sujeitos, considerando o alcance e sua relevância nos processos de subjetivação, bem como, a constituição da juventude, situando os sujeitos da pesquisa na cidade de Abaetetuba.

### **3 DISPOSITIVO DA MÍDIA E TELENVELA: TÉCNICAS DE FABRICAÇÃO DA JUVENTUDE**

As discussões que seguem neste capítulo apresentam a cultura da mídia – destacando a telenovela – como um dispositivo pedagógico que fabrica e distribui significados. Ressalto as disputas pelo domínio deste dispositivo por sua potencialidade subjetivadora, usando como

uma de suas técnicas a aproximação das histórias da vida real às projetadas na tela. Trato também da constituição da televisão e o lugar que ela passou a ocupar nos lares e na vida dos sujeitos, assim apresento algumas reflexões referentes à constituição histórica da televisão e de um dos seus principais produtos – a telenovela.

Descrevo em seguida a telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, mostrando o período de exibição desde a primeira temporada até a 27ª – que está sendo exibida após término da temporada analisada neste trabalho. Chamo atenção do leitor para o tempo que a telenovela global voltada para o público juvenil está no ar, para os títulos dados a algumas temporadas, seleção do elenco, trilha sonora e outras técnicas usadas para produção das jovens negras.

No penúltimo tópico, discuto os processos de normalização juvenil, principalmente por meio da mídia, a partir das diferenças que estigmatizam aqueles que trazem em seus corpos marcas de resistência. Para tanto, recorro ao conceito de juventude, expresso por Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) e Canevacci (2005) que enfatizam as forças que constituem os sujeitos, buscando afastar discursos psicologizantes. Por fim, situo o lugar de onde falam os sujeitos da pesquisa, a cidade de Abaetetuba, atentando para aspectos culturais que constituem os/as jovens.

### **3.1 Mídia: território de disputa, mecanismos de subjetivação e potencialidade pedagógica**

As percepções constituem-se enquanto produtos dos discursos veiculados na sociedade que estão imersos em relações de saber-poder para estabelecer determinadas bases de legitimação e, nesse panorama, convém atentar para as diversas linguagens por meio das quais uma mensagem é fabricada, bem como os conhecimentos a partir dos quais foram produzidas. A relação entre linguagem e poder é destacada por Meyer.

Ao tomarmos as conexões entre linguagem e poder como instâncias de produção social e, portanto, como instâncias de produção de diferenças e desigualdades, despertamos para a necessidade de questionarmos não só os conhecimentos e saberes com que lidamos mas começarmos também, a perceber o sexismo, o racismo e a discriminação que esses saberes não só veiculam, mas constroem e ajudam a manter (2006, p. 67-68).

Os discursos midiáticos levam os sujeitos a buscar, frequentemente, aproximação com os padrões expressos por eles, o resultado é observado nas práticas cotidianas, nas roupas



compradas, no investimento direcionado ao corpo em sentido estético para aproximação com as atrizes que a mídia usa como modelo para subjetivar o maior número de sujeitos possíveis. “Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9). As propagandas de produtos e procedimentos “milagrosos”, a fala de especialista nas diversas áreas de cuidado com o corpo, entre outras estratégias são acionadas para sustentar os discursos produzidos na telenovela e nas propagandas no decorrer da programação. A fala do jovem entrevistado aborda como se efetiva o gerenciamento dos corpos pela mídia televisiva.

A gente pode notar que hoje tem pessoas que são influenciadas pela televisão, negócio de revista, documentário de famosos que falam de fofoca, principalmente as pessoas famosas. Ela lançou um look novo, um penteado novo, um estilo de cabelo novo, as pessoas querem fazer aquilo (SÉRGIO, Escola pública, 2019).

A cultura e a linguagem vão dando significado à existência, subjetivam. De acordo com Hall (1997, p. 8) “Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico”. Por meio da cultura ocorre o processo de subjetivação e a constituição de discursos e práticas que estão em constante processo de formação e transformação. Para este estudo interessa-me, principalmente, a constituição das jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”.

Louro (2001, p. 11) afirma que “Os corpos ganham sentido socialmente”, assim, as formas de pensar sobre si mesmo e sobre os demais sujeitos estão ligadas ao contexto social e cultural, no qual o indivíduo está inserido, que legitimam os discursos através de diferentes técnicas, disseminando verdades sobre os sujeitos, o que justifica a relevância de relacionar mídia e educação, pois

[...] fazem parte do universo da cultura, produzindo modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas. Esses ensinamentos colocam em ações estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos. Essas estratégias são chamadas, dentro da perspectiva dos estudos culturais, de pedagogias culturais, e atuam diretamente sobre os corpos dos sujeitos, educando-os, moldando-os, governando-os (ANDRADE, 2004, p.109).

A mídia tem seu potencial social, cultural e pedagógico, assim, esse dispositivo que ajuda a estabelecer a relação entre o dito e não dito (FOUCAULT, 1979) precisa ser

tematizado nas pesquisas das diferentes áreas do conhecimento, de modo interdisciplinar. Então, sendo a telenovela situada em seu processo histórico de subjetivação, posso falar na possibilidade de construção de outros discursos referentes a jovens negras.

Para tanto, compreendo a cultura como “[...] o sistema de significação mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIANS, 1992, p. 13). Assim, para compreender a constituição das subjetividades, preciso considerar aspectos sociais, culturais e discursivos que lhes conferem verdade e legitimidade, em um campo marcado por dinâmicas de poder, no qual dispositivos são acionados para produzir cultura. Desse modo, evidencio que as subjetividades juvenis não são fixas, ao contrário são resultados de um processo dinâmico que permite vivenciar as diversas possibilidades, são sempre um devir.

Situando o território da mídia da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, que divulga diversos textos relacionados às jovens negras, um campo marcado por relações de poder para constituição de verdades e subjetividades sobre os corpos, a pesquisa é atravessada pelo conceito de territorialidade, quando apresento as diversas possibilidades de identificação ou não com os discursos veiculados na mídia, quando ressalto a força que ela tem e as disputas pelo controle da mesma. “Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder” (FOUCAULT, 1979, p.156). Assim problematizo os territórios político-jurídicos que controlam a mídia no Brasil. O Jornal Grupo Gente Nova na matéria “Os principais donos de empresas de mídia espalhadas pelo mundo”, veiculada no dia 03 de novembro de 2013, destaca que:

O mercado de mídia no Brasil é dominado por um punhado de magnatas e famílias. Na indústria televisiva, três deles têm maior peso: a família Marinho (dona da Rede Globo, que tem 38,7% do mercado), o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus Edir Macedo (maior acionista da Rede Record, que detém 16,2% do mercado) e Silvio Santos (dono do SBT, 13,4% do mercado)<sup>8</sup>.

A mídia televisiva concentra-se nas mãos de poucos, grandes empresários que controlam o território e os significados por meio dos conteúdos privilegiados nos programas exibidos pelas emissoras de televisão. Essa concentração favorece o estabelecimento de espaços de poder desiguais associados a aspectos econômicos e políticos atravessados por

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://jornalggn.com.br/midia/os-principais-donos-de-empresas-de-midia-espalhadas-pelo-mundo/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

questões de gênero, raça e religião ligadas ao perfil dos proprietários das grandes emissoras destacadas. Os três são homens brancos e, além disso, um deles é bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, referências que certamente têm seus efeitos nos conteúdos e programas colocados em destaque nas emissoras.

A relação entre as empresas privadas e o governo estabelece-se por meio das regulamentações<sup>9</sup> criadas para os veículos de comunicação, contudo é preciso atentar para as relações entre os dirigentes de tais órgãos e as famosas “trocas de favores” que se estabelecem com grandes empresários, inclusive por meio de concessões.

Refiro-me à mídia como um território imaterial que no Brasil controla e legitima aspectos políticos, econômicos, esporte, lazer, cultura, mas que também se constitui por outros discursos que se apresentam em contexto global. As reflexões de Bernardo Fernandes (2008) apresentam uma discussão que permite pensar o território em sentido imaterial, assim trabalho o conceito para além da visão fixa de território como espaço físico.

O território imaterial está relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e suas interpretações. Portanto, inclui teoria, conceito, método, metodologia, ideologia etc. [...] O território imaterial pertence ao mundo das idéias, das intencionalidades, que coordena e organiza o mundo das coisas e dos objetos: o mundo material (FERNANDES, B., 2008, p.18-19).

Contudo, o território imaterial da mídia materializa-se nos discursos, nos programas, nos personagens criados que visam normalizar as condutas construindo e privilegiando determinados conhecimentos em detrimento de outros. Dessa forma, analiso como as subjetividades são forjadas dentro de um processo de construção de discursos que constituem a ideia de valorização/desvalorização das mulheres negras, bem como nos movimentos de resistências que permitam a construção de novos discursos que contemplem as múltiplas possibilidades discursivas. No caso da telenovela global, tem-se uma função subjetivadora por sua intencionalidade e por se apresentar como um dos principais produtos da televisão

---

<sup>9</sup> Ministério das Comunicações, Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), Ministério da Justiça, Ancine (Agência Nacional do Cinema) e Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). A legislação relacionada ao tema está presente ainda na Constituição Federal, no Código Brasileiro de Telecomunicações, na Lei Geral de Telecomunicações (LGT), nos códigos Civil e Penal, e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Um projeto de lei (o PL29) foi encaminhado ao Senado Federal criando novas diretrizes para as operadoras de TV por assinatura. E, na propaganda, o mercado segue as normas de uma agência não governamental, o Conar (Conselho de Autorregulamentação Publicitária). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/legislacao-atual-ja-regula-comunicacao-no-brasil-2923612>. Acesso em: 29 jul. 2019.

brasileira na contemporaneidade, apresentando temáticas da vida cotidiana para aproximar o telespectador da história, o que Ellsworth (2001) define como modos de endereçamento.

A temática referente a vazamento de fotos íntimas, uma questão muito debatida na atualidade, é abordada no primeiro capítulo da temporada analisada, um assunto que desperta interesse dos jovens é logo tematizado na estreia da telenovela. Durante a aula ministrada pela professora Gabriela, interpretada por Camila Morgado, os alunos começam a ficar conversando entre eles e olhando o celular; enquanto as jovens demonstram susto, os jovens admiram as fotos. Jade, interpretada por Yara Charry, sai correndo da sala e a professora Gabriela pede para olhar o celular de um dos alunos. Nesse momento, a professora percebe que se trata de *nudes* da aluna que estão circulando na internet e sai à procura da mesma. Após alguns minutos, Gabriela encontra Jade sentada na ponta da laje da escola e aproxima-se com sutileza temendo que a jovem pudesse se jogar. Segue o diálogo:

**Gabi:** Cadê ela, cadê?

**Úrsula:** Ela saiu correndo, tava morrendo de vergonha.

**Gabi:** Jade, Jade.

**Jade:** Eu pensei que ele gostasse de mim.

**Gabi:** Ele teve coragem de fazer isso, invadir sua privacidade desse jeito. Se eu fosse você ia agradecer por esse cara está longe.

**Jade:** Só quero sumir... [...] como eu vou olhar pras pessoas agora?

**Gabi:** Olha, eu sei que você tá sofrendo, eu não quero diminuir isso, cada um tem a sua dor e sabe o tamanho dela, mas acredita, vai passar. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 1)

Vale destacar que em nenhum momento, dos capítulos que tratam o tema, a questão da violência<sup>10</sup> contra a mulher é mencionada. A orientação para as jovens que enfrentam tal situação não tem lugar nos enunciados da telenovela, a preocupação da jovem é apenas de apagar as fotos, contratando um profissional que possa fazer isso, mesmo sabendo que o conteúdo que cai nas redes sociais circula rapidamente, o que facilita uma posterior

---

<sup>10</sup> A Lei 13.718/2018, altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave. Aumento de pena: § 1º A pena é aumentada de 1/3 (um terço) a 2/3 (dois terços) se o crime é praticado por agente que mantém ou tenha mantido relação íntima de afeto com a vítima ou com o fim de vingança ou humilhação.

publicação. O rapaz que fez a exposição das fotos era namorado de Jade, um italiano, que ela conheceu durante uma de suas viagens.

**Gabi:** Oi Jade, e aí aquela chateação ficou pra trás?

**Jade:** Já, aquele idiota voltou pra França, não vou encontrar com ele até as próximas férias.

**Jade:** Então, eu mandei tirar as fotos da internet, pelo menos por um tempo, né!

**Gabi:** Isso é uma ótima notícia, a gente sabe o quanto é difícil tirar uma coisa da internet quando cai nesse mundo virtual. Por isso que eu falo que tem que tomar cuidado com o que se posta nas redes sociais.

**Jade:** Eu sei, aprendi do pior jeito. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 2).

Hoje, histórias de fotos íntimas que vazam na mídia e a prática de envio e recebimento das mesmas são recorrentes. A professora Gabi trata a situação como uma chateação, afastando a discussão do crime cometido pelo rapaz e da abordagem relacionadas aos processos legais cabíveis. A exposição do corpo, principalmente do corpo jovem considerado saudável, faz parte do jogo de sedução e conquista. Contudo, os vazamentos de *nudes* têm ocasionado problemas de ordem emocional e, em casos mais extremos, mortes, visto que a questão da sexualidade ainda é um tema cercado de *tabus* e quando se trata de mulheres as tentativas de repressão são mais acentuadas pelas desigualdades de gênero.

Uma das alunas entrevistadas destaca o fato da telenovela abordar a temática, porém questiona o desfecho da cena, dizendo:

Aqui em Abaeté já aconteceu muito isso e vazou um *nudes*, uma coisa privada tua, eu acho que acaba com qualquer psicológico de qualquer pessoa. Então, mostrar na televisão que as pessoas precisam desse apoio eu acho muito importante. A gente tem leis que apoiam essas pessoas que vazam fotos íntimas, né, mas eu vejo na televisão que ela não buscou ajuda, aí eu vou pensar, como eu disse a televisão influencia muito na sociedade, então eu vou pensar, então eu não preciso buscar ajuda só preciso retirar as fotos da internet. Então, se eles tivessem mostrado vazou os *nudes* eu tenho que procurar justiça, eu tenho que procurar os meus direitos legais, eu acho que seria muito mais conveniente do que eles não mostrarem (TAÍS, Escola particular, 2019).

Quantas jovens, por acreditarem e confiarem em seus parceiros, trocam fotos íntimas, a exemplo da história contada através da personagem, e depois sofrem por causa da exposição das mesmas. Ao abordar uma temática bastante discutida na atualidade, uma das técnicas recorrentes da mídia, os jovens se veem na tela, o que garante a audiência. Contudo, nem sempre o desfecho da cena apresenta uma discussão mais ampla da questão e os possíveis encaminhamentos do caso. Como salientado pela entrevistada, a temática foi exibida, mas os procedimentos legais foram silenciados. Dessa maneira, problematizo o que Foucault (2008)

conceitua como regras de constituição dos enunciados para analisar por que esse enunciado e não outro foi selecionado.

Considerar as manifestações midiáticas na produção das subjetividades na atualidade é fundamental para as discussões envolvendo os processos de subjetivação. Os sujeitos são constantemente interpelados por inúmeros discursos que lhes parecem inofensivos, com os quais se identificam e tomam como seus, sem perceberem que estão sendo constituídos por eles. Sobre a potencialidade da mídia Hall (1997, p. 2) comenta “[...] a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das idéias [sic] e imagens vigentes nestas sociedades”, pois ela ajuda a definir fronteiras, legitimar as normas, estruturar as relações sociais, econômicas e culturais. Assim, esse território imaterial constitui verdades.

O processo de construção dos enunciados é atravessado por relações de poder e a linguagem está imersa no jogo de forças que produzem as diferenças negativamente para normalizar os sujeitos, uma vez que os meios de comunicação contribuem significativamente para a distribuição e controle dos significados. “O papel decisivo dos meios de comunicação na construção de conhecimentos relativos à raça e etnicidade não tem sido suficientemente enfatizado” (GONÇALVES, L., 2006, p.13). No campo do discurso é invisibilizado o caráter homogeneizante e as diferenças são enfatizadas de modo a contemplar a inclusão de todos. A mídia tem funcionado potencialmente para divulgar a visão de harmonia racial e cultural brasileira por meio da linguagem visual, auditiva, oral e escrita para que sejam tomadas como verdade por um número significativo de pessoas.

Por sua potencialidade e alcance, é relevante analisar os enunciados veiculados na mídia televisiva e como eles constituem os significados que subjetivam crianças, jovens, adultos, idosos utilizando técnicas específicas para alcançar cada um deles. As estratégias utilizadas na linguagem televisiva por meio dos diversos recursos e técnicas de exposição dos sujeitos que incluem o roteiro, cenografia, trilha sonora, elenco, etc, desse dispositivo é definido por Foucault (1979, p. 244) como:

Conjunto deliberadamente heterogêneo, comportando discursos, instituições, arranjos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, decisões administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, breve: dito e não dito, eis os elementos do dispositivo. E o dispositivo, ele mesmo, constitui-se na rede que podemos estabelecer entre os elementos.

A mídia como dispositivo estabelece relação com outros discursos, constitui-se a partir deles e ajuda a legitimar verdades. Os discursos que fabricam, regulam e polarizam as questões de gênero, raça, classe e religiosidade encontram lugar nas telas da televisão para se apresentarem na vida das pessoas. Assim, a mídia configura-se como um dos principais veículos, da atualidade, de controle da população, pois a mídia faz “[...] proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2006b, p.101). Essa forma de controle utiliza tantas estratégias e sutilezas que chegam a estimular o próprio sujeito a ponto de deixá-lo satisfeito por acreditar que ele está no comando de suas decisões.

Os conceitos de poder, saber e sujeito, de Michel Foucault, possibilitam pensar a mídia em seu sentido pedagógico, conforme foi tomada nos estudos de Fischer, que afirma a potencialidade pedagógica da mídia, por entender que “a mídia não apenas veicula. Ela, sobretudo, constrói discursos e produz significados e sujeitos” (FISCHER, 2012, p. 113-114). A estimulação encontrada nos discursos da mídia seduz e ensina porque aproxima as histórias contadas na tela com os aspectos da vida real, é a “minha” história, a história de um amigo, do meu vizinho. Histórias transformadas em espetáculo<sup>11</sup> que se aproximam e afastam-se da vida real, mas a ilusão de que me vejo ali é criada e subjetiva os sujeitos.

No caso das jovens negras, analiso como cada uma se vê em relação aos modelos estabelecidos pela telenovela intitulada “Vidas Brasileiras”. A mídia configura-se como um dispositivo de forte ação nos processos de subjetivação, um dos meios pelos quais as pessoas são chamadas a seguir valores e regras, que Foucault (1984) descreve como moral, a moral passa a sustentar aspectos culturais e a cultura aspectos morais. Para expressar o domínio da mídia na contemporaneidade, recorro ao conceito de “cultura da mídia” criado por Douglas Kellner, (2001, p. 54, grifo do autor), para quem “A expressão ‘cultura da mídia’ também tem

---

<sup>11</sup> “Guy Debord é responsável pela difusão da teoria crítica acerca da sociedade do espetáculo. Obviamente, a designação da sociedade do século XX como ‘espetacular’ não foi privilégio ou invenção do autor francês. Considerar a sociedade espetacular tornou-se comum após o advento e a popularização das máquinas que captavam e, posteriormente, projetavam imagens. Primeiro, a câmera fotográfica, no século XIX, depois a propagação do cinema e da televisão, no século XX, proporcionaram uma inundação de imagens na sociedade. Portanto, falar de espetáculo nos dez anos posteriores à Segunda Guerra Mundial era algo comum. Fazer a crítica da proliferação de imagens, de sua banalização, da manipulação das pessoas por meio das imagens ou mesmo da vigilância era, nessa época, necessário. O que não se tornou comum foi a ‘teoria crítica da sociedade do espetáculo’, o que significa uma efetiva negação de todas as instâncias do espetáculo na sociedade” (GOBIRA; LIMA; CARRIERI, 2015, p. 3).

a vantagem de dizer que a nossa *é* uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura”.

Para efetivar o controle dos significados, a telenovela *Malhação* aciona o que defino de “Tecnologias de invisibilização”, que são processos através dos quais são colocados em segundo plano ou invisibilizados marcadores que constituem as mulheres negras, subsidiados pela ideia de essência feminina que desde o período colonial até os dias atuais materializam-se em práticas que buscam silenciar o racismo e sexismo nos discursos produzidos. É por meio dessa tecnologia que os/as jovens são subjetivados/as e formulam seus discursos e práticas.

As estratégias de poder da mídia na constituição de políticas de verdades que produzem questões de gênero, raça, classe e religiosidade emergem em seus discursos que se instauram na ordem cultural e mercadológica, expondo sua potencialidade criadora por meio do olhar fabricado da câmera que “coloniza”, de modo sutil, e os sujeitos nem percebem que estão sendo tomados pelos discursos da mídia. Ela produz imagens que se tornam objeto de desejo, ajuda a controlar os significados culturais, controla os corpos e mentes, constitui subjetividades. O modo como a mídia capta e expõe a intimidade e torna a vida um espetáculo materializa em seus enunciados a autodecifração do sujeito, nesse sentido, as diferenças são tomadas para estereotipar aqueles que não se rendem aos “encantos” midiáticos, que resistem aos padrões.

Foucault (2008, p. 118) afirma que a materialidade do enunciado “Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva [...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização”. As mudanças dos enunciados ocorrem porque eles são constituídos por outros enunciados, estão inseridos na dinâmica social e são produzidos por e para sujeitos que estão em constante processo de transformação. Os enunciados coexistem com uma rede de outros enunciados que capturam a realidade e criam produtos específicos para cada grupo, retomando alguns enunciados e criando novos que se afinem com as demandas atuais.

Os modelos são mostrados constantemente em diferentes formatos e programações “O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural, fornecem modelos daquilo que significa ser homem ou mulher bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente” (KELLNER, 2001, p. 9). A tentativa de homogeneização fabricada e estimulada por meio da mídia desconsidera as singularidades dos sujeitos.



Ambientada na cidade do Rio de Janeiro, a *Malhação* “Vidas Brasileiras” apresenta uma realidade que diverge em diversos aspectos do contexto de jovens negras das diferentes regiões do país, dada a diversidade cultural, principalmente das regiões norte e nordeste estigmatizadas por discursos que inferiorizam sua cultura e pela distribuição desigual de recursos no país.

### **3.2 Luz, câmera, ação: a constituição de subjetividades a partir da telenovela**

A radionovela no Brasil teve início na década de 40 e dava ao ouvinte a possibilidade de criar as imagens das cenas, os personagens, os cenários. “Tudo pode ser ‘visto’ apesar de apenas ouvido” (POLLETO; FERNANDES, 2009, p. 135). Nesse sentido, os ouvidos atentos davam espaço para criação individual de uma mesma história, o ouvinte também produzia a novela de acordo com sua subjetividade e cultura a partir da voz do personagem, do silêncio, da música de fundo, dos ruídos. Os autores destacam que “Nos anos 1940 e 1950, no Brasil e no mundo, o rádio ganha a sociedade” (POLLETO; FERNANDES, 2009, p. 137), até que chega a televisão e são criadas as telenovelas que constituem outra relação do telespectador com a mídia, oferecendo um produto que mistura estímulos sonoros e visuais.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, ocorreram mudanças no alcance das transmissões e na forma de produção da telenovela, antes apresentadas apenas via rádio. Com as primeiras transmissões na televisão, as pessoas passaram a se ver na televisão, porém o aspecto da criação visual do telespectador perde-se em meio a imagens já fabricadas. De acordo com Jambeiro (2002), oficialmente a TV ganha espaço no Brasil na década de 50, porém é só a partir da década de 60 que ela passa a trilhar seus próprios caminhos, antes ligados à estrutura radiofônica.

Dentre os gêneros apresentados na televisão, o presente estudo focaliza a telenovela global que segundo Jambeiro (2002, p. 113) é “Considerada como um dos mais importantes fatores no desenvolvimento e estruturação da TV no Brasil, as telenovelas chegaram ao final do século XX sendo o mais popular gênero de programa televisivo”. Ela se mantém até os dias atuais expressando sua força subjetivadora através do aperfeiçoamento de suas técnicas de controle dos significados.

Segundo Silverstone (2002, p. 12), “nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea”, pois, segundo o autor, na contemporaneidade

os sujeitos passam a estabelecer uma dependência maior com a mídia. Adentrando nos lares das famílias brasileiras, é possível observar como a televisão passou a ocupar diversos espaços do ambiente, seja no sentido de entretenimento seja para obter informações que estão acontecendo no mundo inteiro. Ela está na sala, nos quartos, na cozinha, na área de lazer, até no banheiro por meio do uso de celulares.

Os aperfeiçoamentos das técnicas de subjetivação buscam cada vez mais fazer o sujeito se ver nas telenovelas e as histórias baseadas em fatos passam a ser enfatizadas para ligar a verdade fabricada à vida das pessoas, transformando a vida privada em espetáculo. “Com o advento dessa cultura da mídia, os indivíduos passaram a ser submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro de sua própria casa, reordenando percepções de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem” (PORFÍRIO, 2018, p. 30).

Os índices de audiência e o modo como as pessoas passam a ser seduzidas pelos produtos televisivos apontam para a potencialidade da mídia, o que a torna cada vez mais território de disputa por sua abrangência para o processo de subjetivação da coletividade, sendo a telenovela um dos principais produtos consumidos pelos telespectadores. “Televisão é um termo muito amplo que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos” (MACHADO, 2000, p. 19).

A presença da televisão, que tem como um dos seus principais produtos a telenovela, configura-se como parte da vida diária, tem horário dedicado a ela, os olhos ficam atentos, as atividades da vida real cedem ou compartilham espaço com ela, as relações familiares podem se estreitar ou se fragmentar pelo tempo que as pessoas dedicam aos programas televisivos. Assim, a telenovela passa a fornecer modos de ser, comportamentos e subjetivar as escolhas, porém alicerçada por discursos que priorizam a cultura dominante, que também se transforma.

Desse modo, os grandes produtores, percebendo a potencialidade e alcance dos discursos midiáticos na veiculação da cultura e na constituição da subjetividade dos sujeitos, buscam se manter no controle da mídia televisiva. Segundo Fischer (2001, p. 16), “[...] ‘tudo’ deve passar por ela, ‘tudo’ deve ser narrado, mostrado, significado por ela”. A sociedade do discurso, assim como aproxima as pessoas dos discursos, cria procedimentos que excluem aqueles que não se aproximam dos modelos (im)postos.

Nesse sentido, a mídia configura-se como um dispositivo pedagógico que nada tem de banal para pesquisas, ao contrário fornece dados relevantes para análises. A telenovela global é tomada nesse trabalho como dispositivo que ensina modos de ser e agir, fornecendo

discursos que criam verdades, instituem normalização de comportamentos e que convivem com as manifestações de resistências, pois “[...] Sempre, de alguma forma, as imagens dizem algo, e sempre se pode dizer algo a respeito do que elas nos mostram” (FISCHER, 2001, p. 64).

Esse tipo especial de ficção prende a atenção de seus receptores pelas histórias contadas que são exibidas diariamente e, estrategicamente, terminam o capítulo em uma cena impactante entre os personagens principais para garantir a audiência do dia seguinte ao despertar curiosidade em saber o desfecho da situação iniciada no dia anterior. Essa é uma das estratégias utilizadas para prender a atenção daqueles que estão do outro lado da tela.

As características iniciais da telenovela foram reformuladas no decorrer dos anos, Fadul (2000, p. 16) argumenta que “A telenovela diária, tal como a conhecemos hoje, só se iniciou em 1963, depois da introdução do *videotape* em 1962. Seu primeiro grande sucesso de público só ocorreu em 1964-1965, com a telenovela O direito de nascer [...]” e aos poucos foi ganhando novos contornos e entre elas podemos citar a aproximação com temas cotidianos. A técnica de trazer histórias da vida real para as telas é uma estratégia fundamental para os processos de subjetivação do sujeito, ampliando também seu público. “Na década de 1970, juntamente com o telejornalismo, representavam os programas de maior audiência da televisão” (FADUL, 2000, p.19).

As análises de Baccega (2003) apontam para a relevância de estudos que contemplem os objetos televisivos nas investigações, por considerar a presença da televisão na casa dos brasileiros e a abrangência do público que alcança. Essa potencialidade da mídia precisa ser considerada, pois a mesma insere-se no contexto da cultura e sua programação passa a produzir e distribuir produtos culturais selecionados segundo critérios de legitimidade que englobam valores locais e globais. Assim, é possível pensar o lugar que ocupa a cultura popular nos discursos da telenovela, visto que através dela critérios de valor são estabelecidos, pois, de acordo com Foucault (2004) os discursos são produtos selecionados, controlados e organizados socialmente.

A questão da valorização da cultura hegemônica é questionada pela personagem Dandara, interpretada por Jeniffer Dias, referindo-se aos conhecimentos que fazem parte do currículo escolar, mas que nos fazem refletir o quanto a cultura hegemônica é sustentada por meio dos discursos. A professora Leonor, vivenciada pela atriz Bianca Rinaldi, estava

ministrando aula de História, falando sobre a Idade Média, quando Dandara a interrompe para questionar que a única versão que está sendo mencionada pela professora é a europeia.

**Dandara:** Sim professora é verdade, mas isso aí é falando só da cultura europeia.

**Leonor:** Existe um movimento muito forte para se reconhecer a história fora da Europa, especialmente de lugares que ajudaram a formar o povo brasileiro. Eu me comprometo a pesquisar e trazer material sobre isso pra vocês. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 110).

Mesmo enfatizando que há um forte movimento de resistência à imposição da cultura dominante na sociedade brasileira, a professora só se propôs a buscar fontes de dados para mostrar os acontecimentos históricos por meio de outros ângulos após ser questionada pela aluna que não se vê na história contada. Nas cenas que seguem Leonor insere em suas aulas os conhecimentos dos diversos povos que constituem o Brasil.

A televisão como fonte de educação não pode ser ignorada “Seja em prol da beleza ou do lucro, hoje, no Brasil, a telenovela é o gênero popular por excelência. Alienando ou emancipando, o produto evoluiu e transformou-se num curioso fenômeno cultural em nosso país” (ALENCAR, 2002, p. 51). O fato, por exemplo, da telenovela *Malhação* se constituir em um produto para o público juvenil e ambientar suas histórias no contexto de um colégio mostra que todos os contextos são tomados pela mídia para seduzir seus receptores.

Durante as entrevistas um dos alunos destacou que “Na *Malhação* hoje eles usaram bastantes temas que estão presentes na vida do ser humano, buscaram a identificação de cada um, ou seja, tinha basicamente a vida do jovem na escola [...]” (SÉRGIO, Escola pública, 2019). Essa é uma estratégia para que os/as jovens identifiquem-se com as temáticas destacadas a cada duas semanas, uma técnica, segundo Larrosa (2008), para ligar o sujeito à verdade fabricada, invisibilizando a imposição de fora e colocando o sujeito que assiste como alguém que ajuda a produzir aquele enunciado por meio das histórias contadas.

Os textos da mídia televisiva educam e os jovens que assistem à telenovela levam consigo para a escola os modelos de ser jovem e estar na escola, seus desejos, eles falam do que aconteceu no dia anterior, identificam-se com as histórias ou as associam a seus colegas. Relacionado à potencialidade educativa, a entrevistada destaca que “É bastante educativo a *Malhação*, é ótimo” (CAMILA, Escola pública, 2019).

Nesse sentido, a escola precisa considerar esses conhecimentos e interesses dos alunos para trabalhar questões envolvendo a cultura dos alunos e outras temáticas que constituem o sujeito. Nas palavras de Quadros (2009, p. 79) “[...] há uma cultura da mídia atuando como

pedagogias culturais, que se exercem em uma diversidade de espaços sociais para além da escola”, quer dizer, existe um mundo fora dos muros da escola que precisa ser tomado como parte dos processos educativos. As tomadas de temáticas exploradas pela telenovela *Malhação* são relevantes para desnaturalizar discursos que carregam marcas da colonialidade<sup>12</sup> e usam as diferenças de raça, gênero e classe para justificar o lugar que cada grupo deveria ocupar na sociedade.

Os rostos que emergem e tentam dar conta da complexidade da juventude brasileira, aqui trato de modo mais pontual das jovens negras, apresentam imagens disformes que pouco expressam a diversidade das vidas brasileiras. Além disso, existe uma distância entre a cultura dos jovens que assistem à telenovela e os objetos de desejos incessantemente reforçados na mídia, como pode ser percebido no discurso de uma das entrevistadas que aponta o quanto os padrões expostos na mídia tornam-se objeto de desejo de muitos jovens. Ela expressa: “[...] chama atenção que os jovens que são menos vistos, eles fazem de tudo para ser bem vistos, pra dizer não, eu não sou assim” (LEANDRA, Escola pública, 2019). A partir do trecho acima observo que se efetiva nessas práticas o que Foucault (2004) conceitua como vontade de verdade para justificar as interdições.

Ao analisar a telenovela e os efeitos que ela produz, temos a possibilidade de mostrar outros ângulos, descolonizar os discursos que se materializam nas telenovelas por meio de personagens circunscritos por técnicas que visam ligar as verdades fabricadas aos sujeitos que assistem à programação e demandam processos de tomada de consciência e atitudes que permitam o questionamento de construções que trazem em seu bojo marcas do colonialismo. “A mídia se apropria seletivamente de determinados comportamentos nos quais decide focar, em detrimento de outros, que ficam à sombra. Seleciona os que lhe interessam ou os que não consegue mais ignorar” (MORENO, 2017, p. 36).

A imagem de que a telenovela global inclui os diversos grupos identitários nas tramas é uma estratégia para que os jovens consumam a telenovela, contudo, a superficialidade e generalidade dos personagens negras e das temáticas envolvendo as questões de gênero, raça,

---

<sup>12</sup> “Quijano (1997) cunhou o conceito de colonialidade como algo que transcende as particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. Essa formulação é uma tentativa de explicar a modernidade como um processo intrinsecamente vinculado à experiência colonial. Essa distinção entre colonialidade e colonialismo permite, portanto, explicar a continuidade das formas coloniais de dominação, mesmo após o fim das administrações coloniais, além de demonstrar que essas estruturas de poder e subordinação passaram a ser reproduzidas pelos mecanismos do sistema-mundo capitalista colonial moderno” (ASSIS, 2014, p. 614).

classe e religiosidade são pouco desenvolvidas, mas eles estão na sociedade não podem mais ser invisibilizados, porém, convém analisar que visibilidade tem sido dada aos grupos que foram silenciados durante algumas décadas.

Momo e Camozzato (2009, p. 40) levantam a seguinte questão: “Nesse sentido, vale a pena deixar ressoar infinitamente a pergunta: ‘como estamos nos transformando no que somos?’”, assim cada um pode pensar como está se constituindo como sujeito em meio a uma sociedade que transforma a vida em espetáculo e usa de artifícios diferenciados para subjetivar. A telenovela projeta imagens com as quais os sujeitos podem se identificar e se produzir, ela funciona como um espelho no qual a imagem projetada na tela cria a ilusão de que ali temos nossa imagem refletida ou o desejo de ser como tal.

A telenovela *Malhação*, um dos principais produtos da mídia, ajuda a regular as condutas juvenis, segundo Butler (2014, p. 272) a regulação atua na “produção de parâmetros de pessoas, isto é, a construção de pessoas de acordo com as normas abstratas que ao mesmo tempo condicionam e excedem as vidas que fabricam e quebram”. Os estereótipos são usados para afastar aqueles que não se aproximam ou resistem aos modelos, que se constituem por jogo de forças e relações de poder que impõem modos de viver, de ser, mas se deparam com modos outros de relações consigo e subvertem as verdades homogeneizantes.

A mesma geração de olhos fixos na tela cria modos singulares e plurais de ver e estar no mundo, Guatarri (1992, p. 15-16) afirma que “O melhor é a criação, a invenção de novos universos de referências; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos”. No universo de criação não existe espaço para limitação dos discursos do senso comum e os sujeitos nem deveriam se limitar, visto que a subjetividade constitui-se no encontro com o outro e no contexto da cultura que possibilitam a pluralidade de existência e as resistências.

Faço parte da multidão exposta aos discursos da mídia, mas preciso imprimir minha marca pessoal, resistir, citando Sêneca Foucault (1985, p. 65), que argumenta que é necessário “Sem se confundir com a multidão, fazer as mesmas coisas, porém, de uma outra maneira”. A telenovela inventa um modo de vida e cria padrões estéticos a partir de comportamentos que seleciona e que ancoram a relação que o sujeito estabelece consigo, porém os sujeitos precisam resistir e inventar maneiras outras que confrontem o que está posto como verdade. O conhecimento de si, de suas origens e a valorização cultural são relevantes para a busca de coisas fora do senso comum.

### 3.3 Telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”

A telenovela *Malhação*, que iniciou na década de 90, mais precisamente em 1995, chama atenção como objeto de análise pelo tempo que se mantém diariamente na programação da emissora. O formato do programa muda constantemente e segue as tendências de cada momento, podendo ser observadas as mudanças em cada projeto de suas 27 temporadas. Nos primeiros anos a ambientação da novela era em uma academia e, depois, em 1999 passou para o contexto do colégio. Tem duração diária de aproximadamente 30 minutos e é classificada para maiores de 12 anos, pelo seu conteúdo ser considerado inapropriado para crianças e adolescentes abaixo dessa faixa etária.

**Quadro 1** – Período de exibição da telenovela *Malhação*

<b>Ano</b>	<b>Nome da temporada</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Nº capítulos</b>
1995	1ª temporada	24/04/95 a 29/12/95	180
1996	Malhação de verão	04/03/96 a 05/04/96	25
1996/ 1997	2ª temporada	08/04/96 a 03/04/97	195
1997	Reprise dos melhores episódios	06/01/97 a 28/03/97	
1997/ 1998	3ª temporada	31/03/97 a 02/01/98	200
	Interrupção da faixa	05/01/98 a 27/03/98	
1998	4ª temporada	30/03/98 a 02/10/98	110
1998/ 1999	Malhação.com	05/10/98 a 15/10/99	270
1999/2000	6ª temporada	18/10/99 a 07/04/2000	125
2000/ 2001	7ª temporada	10/04/2000 a 04/05/ 2001	277
2001/ 2002	8ª temporada	07/05/2001 a 19/04/2002	248
2002/ 2003	9ª temporada	22/04/2002 a 25/04/2003	263
2003/ 2004	10ª temporada	28/04/03 a 16/01/04	188
2004/ 2005	11ª temporada	19/01/04 a 14/01/05	250
2005/2006	12ª temporada	17/01/05 a 13/01/06	258
2006/ 2007	13ª temporada	16/01/06 a 12/01/07	262
2007	14ª temporada	15/01/07 a 12/10/07	193
2007/ 2009	15ª temporada	15/10/07 a 09/01/09	324
2009	16ª temporada	12/01/09 a 06/11/09	215

2009/ 2010	Malhação ID	09/11/09 a 20/08/10	199
2010/ 2011	18ª temporada	23/08/10 a 26/08/11	265
2011/ 2012	Malhação Conectados	29/08/11 a 10/08/12	248
2012/ 2013	Malhação: intensa como a vida	13/08/12 a 05/07/13	228
2013/ 2014	Malhação Casa Cheia	08/07/13 a 11/06/14	241
	Interrupção da faixa	12/06/14 a 11/07/14	
2014/ 2015	Malhação Sonhos	14/07/14 a 14/08/15	280
2015/2016	Malhação: Seu lugar no Mundo	17/08/15 a 02/08/16	250
	Interrupção da faixa	03/08/16 a 19/08/16	
2016/ 2017	Malhação: Pro Dia Nascer Feliz	22/08/16 a 03/05/17	180
2017 / 2018	Malhação: Viva a Diferença	08/05/17 a 05/03/18	213
2018/ 2019	Malhação: Vidas Brasileiras	07/03/18 a 15/04/19	284
2019	Malhação: Toda Forma de Amar	16/04/2019 a ...	

**Fonte:** <https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2015/01/22/relembre-todas-as-temporadas-de-malhacao.htm#fotoNav=22>

O quadro acima permite visualizar as diferentes temporadas da telenovela *Malhação* criada na década de 1990 num momento em que os jovens passam a ser visibilizados e notados pelo mercado midiático pela potencialidade de consumo desses produtos. Além disso, foi um momento histórico no qual se delineou definições sobre a fase que difere crianças e adolescentes, pautadas principalmente em saberes da medicina, sendo a psicologia um dos ramos que mais atua nas políticas de identificação. Foucault (2008) destaca a relevância da historicidade e produtividade da emergência discursiva, relacionando-a ao

[...] conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico; fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexo das regularidades que regem sua dispersão (p.53-54).

Problematizo o objeto da pesquisa como acontecimento, considerando sua condição de existência atentando para as práticas que formam os objetos, suas regras de existência e para as dinâmicas de poder sem buscar sua origem. Os discursos sobre os jovens e as políticas direcionadas para eles ganham força na década de 1990 trazendo a ideia de protagonismo juvenil envolta em questões mais amplas daquele momento histórico, como a criação do



Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>13</sup> e o movimento “Fora Collor”<sup>14</sup>, que levou muitos jovens estudantes com “caras pintadas” para as ruas em protestos contra o presidente em 1992.

Segundo Iulianelli (2003, p. 59), durante a década de 1990 forjou-se o conceito protagonismo juvenil “Por meio dessa expressão se pretendem compreender as ações que têm por atores os próprios jovens. Talvez essa seja a característica do conceito mais próxima da realidade dos movimentos juvenis desse período” que os colocam como sujeitos de direitos e deveres, enfatizando a participação social dos/as jovens na luta por mudanças na sociedade.

A juventude é uma categoria constituída socialmente, as mudanças nos modos de descrever e vivenciar o protagonismo juvenil são reelaboradas de acordo com as transformações de ordem tecnológicas, econômicas, culturais que elaboram e são elaboradas pelos sujeitos nas dinâmicas sociais. Nesse sentido é possível pensar como a telenovela *Malhação*, desde a sua primeira temporada, em 1995, expressa o protagonismo juvenil, destacando rupturas e continuidades nos processos de subjetivação.

O título dado a algumas temporadas reflete o momento de sua produção que busca alcançar o público para quem é endereçada, bem como o número de capítulos pode sugerir a aceitação dos enredos e identificação dos/as jovens com as temáticas. “E o mecanismo de transformá-los em moda passa pela sua desterritorialização, ressignificação e amplificação” (MORENO, 2017, p. 36). A *Malhação* desterritorializa-se, ressignifica-se e amplifica-se constantemente, de acordo com o contexto histórico, social e cultural, tudo para constituir um discurso sobre o jovem em meio a outros que tentam definir essa fase da vida.

---

<sup>13</sup> Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 que em seu artigo 2º define como adolescente “aquela pessoa entre doze e dezoito anos de idade” e no artigo 15 destaca que “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processos de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 2016, p. 11 e 16).

<sup>14</sup> Dia 29 de setembro de 1992, a Globo transmitiu ao vivo a sessão da Câmara dos Deputados, de pouco mais de duas horas, que aprovou o pedido de *impeachment* do presidente. Dos 503 deputados, 480 estavam presentes [...] Diante das descobertas da CPI, que evidenciavam o envolvimento de Collor com PC Farias, o *impeachment* do presidente tornou-se o tema central dos noticiários da Globo. Antes mesmo da conclusão do relatório, o *Jornal Nacional* registrou as primeiras manifestações populares exigindo o afastamento do presidente. O *Fantástico* mostrou, no dia 16 de agosto, nas principais capitais do país, a manifestação do povo, vestido de preto contra os atos de corrupção. Era uma resposta a Collor, que havia convocado a população para sair às ruas de verde e amarelo, em seu apoio. Dias depois, jovens estudantes de todo o país, pintando o rosto de verde e amarelo, também ganharam as ruas em protesto. No dia 21 de agosto, cerca de 100 mil “caras-pintadas” se reuniram numa passeata na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/covertas/impeachment-de-collor/os-caras-pintadas.htm>.

O texto de Fabienne Larouche foi adaptado por Patrícia Moretzsohn, que voltou a escrever a telenovela *Malhação* e ajudou a criá-la em 1995. Patrícia Moretzsohn é uma autora de telenovelas, filha da também autora de novelas Ana Maria Moretzsohn. Escreveu a telenovela *Malhação* entre 1995 e 2000, em parceria com sua mãe e com Emanuel Jacobina, Márcia Prates e Andréa Maltarolli<sup>15</sup>.

Em sua 26ª temporada, pela primeira vez em duas décadas, *Malhação* adaptou o texto de uma novela estrangeira para criar seus personagens e enredos. A temporada “Vidas Brasileiras” é uma adaptação de 30 Vies (30 vidas), novela canadense escrita por Fabienne Larouche, e produzida pela Aetios Productions. Estreou no Canadá em 10 de janeiro de 2011 e terminou em 14 de abril de 2016 e concorreu quatro vezes ao *Emmy Internacional* de telenovela, sendo exibida pelo canal Ici Radio-Canada Télé. A telenovela tem 660 episódios, tendo cada um, em média, 22 minutos de duração e foi exibida ao longo de 11 temporadas.

Cada uma das 11 temporadas de Vies girava em torno de um professor do Ensino Médio que precisava ajudar seus alunos com problemas que iam de “dramas típicos” da adolescência a problemas mais sérios, como vícios em drogas e abuso sexual. Os dilemas de cada aluno duravam entre uma a duas semanas, estrutura que se repetiu em *Malhação*.

A produção canadense teve como cenário uma escola e a trama destacava um protagonista diferente por temporada. Uma professora dedicada coloca sua preocupação com trinta alunos acima da sua vida pessoal. Abordando temas como: jovens alunos em gangues, xenofobia com imigrantes árabes, abuso sexual, paixão por uma prostituta, HIV, automutilação, paralisia cerebral, seitas religiosas, agressão doméstica, romance lésbico, depressão e déficit de atenção.

A temporada da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” traz histórias quinzenais sobre “problemas sociais brasileiros” e coloca a professora Gabriela, que ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura, sempre com metodologias diferenciadas e ainda ajuda seus alunos com as problemáticas pessoais. Lembra muito os filmes que apresentam a profissão como vocação, o professor/a apaixonado/a pela profissão, um discurso para dizer que todos nós professores/as devemos agir dessa forma, que destaca um modelo de conduta a partir da exposição dos exemplos da professora Gabriela e seus colegas de trabalho que ocupam papéis centrais na trama, como se a educação se resumisse a vontades individuais.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2018/>

Assim, os/as jovens que assistem à telenovela certamente buscam esse/a professor/a em suas escolas e os/as professores/as, por sua vez, também são subjetivados/as por esses discursos que dizem e fabricam modos de ser professor/a. O trecho destacado abaixo possibilita analisar como tais enunciados são constituídos e reforçados na telenovela *Malhação*.

Todos os jovens são nosso futuro, todos e todas merecem descobrir que ter curiosidade, abrir um livro, olhar pro próprio reflexo no espelho, tentar se entender, olhar pros olhos do outro e tentar entender o outro é o que pode haver de mais valioso nessa vida. Às vezes, para encontrar a si eles só precisam de alguém que segure em suas mãos no início da caminhada, alguém que se importe de verdade e diga ‘vem comigo, vamos pra rua, vamos ter aula no campo, na festa, em qualquer lugar ou até dentro de uma escola bem equipada. Vem comigo! Porque eu aprendi que independente do lugar em que essa troca aconteça, o importante é que esteja ali o professor com vontade de ensinar e alunos com vontade de aprender [...] (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 284).

Esse trecho faz parte da fala da personagem Gabriela e foi enunciada no capítulo final para fechar a temporada, quando os alunos a recebem de volta após a mesma ter sido demitida por uma coordenadora conservadora que, incomodada com a postura da professora, a afastara do colégio. A fala da personagem abre caminho para a próxima temporada na qual o colégio chamar-se-á Percurso, por meio de uma concepção idealizadora de jovens e para um modelo ideal de professor.

A *Malhação* “Vidas Brasileiras” repetiu a mesma fórmula da Ópera canadense “30 Vies”, abordando os problemas sociais brasileiros relacionados a juventude para atingir o público a quem é endereçada. Temáticas como drogas, assédio sexual, intolerância religiosa, estereótipos masculinos, gordofobia, criminalidade, anorexia nervosa, adoção, tráfico de drogas, esclerose lateral amiotrófica, alcoolismo, virgindade, radicalismo político, *fake news*, pornografia de vingança, depressão, dinâmica familiar, gravidez na adolescência, só para citar os principais temas abordados na temporada.

Quando perguntei para um dos entrevistados se a temporada de *Malhação* “Vidas Brasileiras” consegue mostrar a diversidade das vidas brasileiras, ele disse: “[...] essa temporada envolveu vários grupos sociais negros, LGBTQI+, desestrutura familiar. Então, é o que mais acontece na sociedade, são os grupos mais afetados na sociedade. Então, eu acho que sim, ela deu conta de mostrar a realidade ou uma pontinha da realidade” (KLEBBER, Escola particular, 2019). Assim, seguindo a fórmula de “30 Vies”, a telenovela *Malhação* apresenta temáticas diversificadas como técnica para fazer com que mais jovens vejam-se na

trama e por não conseguir invisibilizar questões presentes no cotidiano atual decorrente das lutas dos grupos minoritários.

As três personagens analisadas no decorrer deste trabalho são: Talíssia Costa, vivida pela atriz Luellen de Castro, uma jovem que mora na favela, mãe solteira, candomblecista<sup>16</sup>; quando essa personagem foi colocada em destaque, a temática relacionada à questão da intolerância religiosa e da dinâmica familiar foram abordadas; a segunda personagem, chamada Jade Poitier, interpretada por Yara Charry, logo no primeiro capítulo tem *nudes* expostos na internet pelo ex-namorado francês, tema que depois voltou a ser mencionado quando esses *nudes* foram exibidos por vingança, durante um programa de televisão em que a personagem estava concorrendo a um prêmio; completando as três personagens, a atriz Jeniffer Dias deu vida à Dandara Conceição, que apareceu no decorrer da trama com uma postura questionadora, de militante estudantil e de luta por direitos.

**Quadro 2** – Elenco da temporada “Vidas brasileiras”

<b>Ator/atriz</b>	<b>Personagem</b>
Camila Morgado	Gabriela
Alice Milagres	Maria Alice
Daniel Rangel	Alex
Rayssa Batillieri	Pérola
André Luiz Frambach	Márcio
Joana Borges	Verena
Eike Duarte	Álvaro
Guilhermina Libanio	Úrsula
Pally Siqueira	Amanda
Gabriel Contente	Kavaco
Tom Karabachian	Tito
Jeniffer Oliveira	Flora
Giovanna Rangel	Fabiana Mota

<sup>16</sup> Candomblé – “Nome genérico com que, no Brasil, designam-se o culto aos orixás iorubanos e jejes e algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas ‘nações’. Por extensão, celebração, festa dessa tradição, xirê; comunidade-terreiro onde se realizam essas festas. A modalidade original consiste em um sistema religioso autônomo e específico que ganhou forma e desenvolveu-se no Brasil, a partir da Bahia, com base em diversas tradições religiosas de origem africana, notadamente da região do golfo Guiné” (LOPES, 2006, p.36-37).

Pedro Vinicius	Michael
Yara Charry	Jade
Gabriel Fuentes	Érico
Dora Freind	Bárbara Bartolomeu
Dhonata Augusto	Leandro
Leonardo Bitencourt	Hugo
Luellem de Castro	Talíssia
Jeniffer Dias	Dandara
Pedro Maya	Garoto
Carmo Dalla Vecchia	Rafael
Felipe Rocha	Paulo
Guta Stresser	Rosália
Luis Gustavo	Heitor
Bukassa Kabengele	Marcelo
Marianna Armellini	Brigitte
Arlindo Lopes	Getúlio
André Luiz Miranda	Vinícius
Bianca Rinaldi	Leonor
Julia Mendes	Marli
Maria Rita Silva	Mel
Maria Alice Guedes	Valentina

Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2018/personagem/>

A seleção de atores e atrizes que interpretam os personagens insere-se nas estratégias que a mídia utiliza para alcançar o público para o qual fabrica, por meio da ficção, modos de ligar o sujeito às verdades, fazendo com que se reconheçam nas histórias narradas e identifiquem-se com as imagens dos atores e atrizes. A composição do visual dos intérpretes serve bem a esse propósito.

O tema de abertura de *Malhação* “Vidas Brasileiras” é a música “Põe Fé Que Já É”, de Arnaldo Antunes, composta por Betão Aguiar, Arnaldo Antunes e André Lima. Além do tema de abertura, outras músicas compõem as cenas, entre elas “Pesadão”, cantada por Iza, “Sorte”, interpretada por Ney Matogrosso e a música “Recado”, interpretada por Luellem de Castro,

que toca sempre que a personagem Talíssia aparece. A trilha sonora está entre as estratégias utilizadas para seduzir quem assiste e dar veracidade aos enunciados vividos pelos personagens, além de aproximar quem assiste por meio de músicas que fazem parte seu cotidiano.

A sala de aula, no decorrer das cenas da telenovela, aparece como componente para identificar a escola, contudo, a trama não se volta para aspectos educacionais que permeiam o cotidiano escolar, como questões de avaliação, currículos, entre outros. A escola é transformada em cenário para o “espetáculo da vida juvenil” que expressa tensões desse grupo envolvendo diversas temáticas que tentam reproduzir a vida real, criando, reforçando e fazendo circular sentidos por meio de discursos sobre os/as jovens. O fato da maioria das cenas da temporada analisada serem ambientadas no colégio Sapiência motivou a escolha da escola como local de pesquisa.

### **3.4 *Malhação*: constituindo a juventude**

A criação de ideais no sentido de normalizar um modo de ser jovem circunda os discursos dos diversos dispositivos que em conjunto constituem os modos de ser, estar e se relacionar com o mundo e com as pessoas. A telenovela *Malhação* funciona como um dos dispositivos que, por sua popularidade e técnicas que aproximam os sujeitos dos discursos, expressa sua força subjetivadora permeada por práticas de transgressões que fazem parte das dinâmicas de poder. Quando se cria os padrões de normalidade, logo os desvios e distanciamentos a eles identificam os anormais. Courtine (2013, p. 121, grifos do autor) afirma que:

É no liminar dos anos 1880 que alcança seu apogeu esta *exibição do anormal*, elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano o suporte essencial de espetáculos onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna de diversão em massa.

A princípio, a exposição do “anormal” foi explicitamente usada para marcar as diferenças, produzindo e legitimando, por meio de espetáculos, a exibição do contrário, daquilo que eu não quero ser, daquilo que não é normal. A busca incessante de normalizar o “anormal” por meio de estímulos que ligam os sujeitos à verdade fabricada, como modo único de ser jovem, tentando excluir a pluralidade por via de estereótipos depreciativos sempre existiu, porém os modos de exibição e as técnicas são constantemente aperfeiçoadas.

A mídia conta com uma diversidade de técnicas (trilha, elenco, figurino, etc.) que aciona em momentos estratégicos, situados no contexto histórico e cultural. As mudanças na forma de olhar e expor mudam porque a realidade não é estática, novos discursos são constituídos a partir da elaboração de novos saberes médicos que marcam rupturas e modos outros de normalização dos corpos. Assim, os dispositivos tradicionais expressos por Courtine (2013) cedem espaço para outros que se materializam de modo mais sutil, sem perder sua potencialidade criadora.

Courtine (2013, p. 142) levanta a seguinte questão: “O ‘poder de normalização’ mudou de natureza: a normalização do anormal sucedeu à sua exibição. Mas uma questão permanece: quem assume hoje a função, outrora reservada às monstruosidades humanas, de fazer a demonstração do anormal? ”. Longe de apontar respostas a tal questionamento lanço-me a problematizar a normalização na contemporaneidade, como a telenovela *Malhação* fabrica os jovens por meio dos enunciados e como as transgressões constituem-se nesse contexto, considerando as descontinuidades históricas e rupturas.

Os contornos dados aos corpos dos adolescentes, a partir do século XX, são ressignificados pelos desdobramentos de estudos e leis<sup>17</sup> que os definem. “A noção de adolescência começa a se constituir no início do século XX com um discurso que vai amarrar a idade cronológica a um modo de ser adolescente” (FRAGA, 2000, p. 54). A partir dessa configuração, outros marcadores passam a identificar os adolescentes, entre eles o período da puberdade, o qual serviu para subsidiar os discursos que narram a falta de controle dos adolescentes. Os dispositivos que atravessam o universo da ficção utilizam-se bastante dos discursos envolvendo a sexualidade juvenil, tema que garante audiência do público para o qual é produzido.

Os/as jovens são convocados a expressar em seus corpos os discursos legitimados para que sejam considerados normais, do contrário serão marcados como desviantes. A regulação e disciplinamento são acionados em situações diversas e respaldados pela suposta falta de controle dos/as jovens. Esse modo de ver os/as jovens é salientado por um dos entrevistados quando destaca que “Baseado na nossa sociedade o ser jovem hoje é, principalmente, uma

---

<sup>17</sup> Estatuto da Criança e Adolescente em seu artigo 2º estabelece a distinção jurídica para denominar a criança e o adolescente.

pessoa fraca, uma pessoa sem instabilidade. No meu caso eu me vejo muito sem instabilidade, a nossa única direção hoje em dia é estudo” (KLEBBER, Escola particular, 2019).

Fraga (2000, p. 53) argumenta que “É muito difícil encontrar alguém que não descreva a adolescência como uma fase de vida em que os sujeitos possuem comportamentos conturbados e atitudes inconseqüentes [...]”, tal modo de pensar e descrever a adolescência serve de base para sustentar práticas de controle do grupo para que seus impulsos não os levem a transgredir as regras, questões sustentadas por conhecimentos da psicologia.

Coimbra, Bocco, Nascimento (2005), ao utilizarem o conceito de juventude, buscam quebrar com a naturalização do conceito de adolescência atrelado a discursos psicologizantes e ao modelo estadunidense *teens* que determinam um padrão hegemônico de ser adolescente e viver a adolescência atrelado ao comportamento, “Com isso, enfatizamos as *Forças* que atravessam e constituem os sujeitos em vez das formas com que se tenta defini-los” (COIMBRA, BOCCO, NASCIMENTO, 2005, p.7, grifo das autoras), perspectiva que justifica a escolha por usar o termo juventude no decorrer do trabalho.

No contexto de grandes transformações culturais e tecnológicas não há espaço para tentativas de fixar identidades como enfatiza Canevacci (2005, p. 28) “[...] caracterizado por culturas fragmentadas, híbridas e transculturais, consumo panorâmico, comunicações mass-midiáticas- afirma-se uma dilatação do conceito de jovem, virando do avesso as categorias que fixavam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais”. O que se tem são modos diversos de vivenciar a juventude mediada pelos enunciados produzidos por dispositivos que se inserem nas dinâmicas de poder na tentativa de constituir visões essencializadas em conflito com as subversões. Assim, passo a pensar como a diversidade no modo de vivenciar a juventude é tomada, por exemplo, pela telenovela global, pois ela, não conseguindo ignorar a diversidade dos sujeitos, muitas vezes os apresenta de modo estigmatizado ou mobilizando as “tecnologias de invisibilização”.

Os discursos da mídia sobre juventude ganham centralidade na década de 90, a qual marca também o início da telenovela *Malhação*. Os/as jovens passam a ser fabricados ao longo das temporadas da telenovela por meio de temáticas diferenciadas que capturam e criam “receitas” de como ser um/uma jovem normal. E os modos de construir os/as jovens são atravessados por marcadores de raça, gênero, classe e religiosidade como pude notar nos enunciados referentes às personagens Jade, Talíssia e Dandara.



A mídia ensina modos de ser jovem, normaliza condutas e expõe modelos, constituindo-se em um importante espaço de subjetivação, usando mecanismos para capturar todos os corpos, colocando o controle dentro de cada um, ou seja, o sujeito como definidor de suas escolhas, na tentativa de invisibilizar os processos de subjetivação. A fala do jovem entrevistado apresenta a ideia desse controle do sujeito, desconsiderando aspectos mais amplos que direcionam as escolhas.

É uma fase muito decisiva na vida de um jovem, é ali que ele vai escolher praticamente o futuro. No meu caso, por exemplo, agora é o ENEM, fazer vestibular. Se eu não conseguir passar no ENEM parte para um curso técnico, se não conseguir esse curso técnico vai começar fazer o que, vai enrolando, fica sem saída, procura um trabalho, aí pronto, se acomoda (MARCELO, Escola pública, 2019).

A telenovela, assim, pratica uma pedagogia cultural<sup>18</sup>, ao tematizar a juventude, ao tecer modos de ser jovem. Porém, seus discursos com modelos normalizantes excluem as múltiplas possibilidades de constituição identitária dos sujeitos jovens, os saberes da psicologia ajudam a justificar o controle do comportamento do grupo “No terreno pantanoso das inquietações e incertezas atribuídas à juventude, a psicologia ocupa um lugar de autoridade ao pôr sua fala em ato: perscruta, diz e faz dizer algo sobre o comportamento” (FRAGA, 2000, p. 58). Assim, os padrões de normalidade são expostos, fabrica-se uma verdade que encontra ancoragem nos diversos dispositivos sociais como as leis, instituições, conhecimentos científicos, entre outros, que convergem para o modelo ideal de juventude e exposição do anormal.

Green e Bigum (1995) ressaltam o crescimento do pânico moral em torno dos/as jovens a partir da expansão da cultura da mídia que inventa outras formas de subjetividade. Fabrica-se o alienígena, o outro, o diferente, o estranho que resistem aos parâmetros criados para que o/a jovem seja colocado na caixinha da normalidade. Esse reverso da normalidade inquieta e mostra a fragilidade da verdade produzida, confronta os regimes de verdade. Assim, instâncias como a mídia darão visibilidade aos sujeitos considerados desviantes no sentido de expor o “anormal”, dizer o que o/a jovem não pode ser e aguçar o desejo pelos padrões de jovens felizes e perfeitos, a ideia de “bom-mocismo”, citada por Fraga (2000), é

---

<sup>18</sup> “O termo pedagogia cultural supõe que a educação ocorra numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc.” (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14).

sempre recorrente na telenovela. O reforço dos padrões de normalidade que, de acordo com Costa (2009, p. 110-111),

[...] vem sendo construída com grande investimento da mídia, representando certa ‘juventude – padrão da América’ [...]. Por sua vez, os tais grupos considerados ‘estranhos’ e fora da ordem, objetivados e subjetivados por discursos que os produzem como ‘outros’, são execrados porque representariam uma ameaça à ordem social existente.

As estratégias de sedução da mídia são múltiplas, as músicas, os personagens, o cenário, só para citar algumas, na tentativa de conseguir ser ouvida e legitimar verdades sobre o sujeito jovem. A forma como os/as jovens recebem os discursos midiáticos, aqui especificamente trato da telenovela global, está expressa nas relações que estabelecem na escola com os outros jovens, nas conversas durante as aulas, nos corredores e nas posturas de exclusão do outro. Para Porfírio (2018, p. 37) trata-se:

[..] não só de um conjunto de representações dos modos de vida da juventude pertencente a essa classe social, como também aponta para a necessidade de se levar para a sala de aula uma série de abordagens de temas atuais e diretamente relacionados com as vivências cotidianas dos adolescentes.

Discutir os modos como as jovens negras são produzidas nos textos midiáticos, analisando marcadores de gênero, raça, classe e religiosidade exige considerar as continuidades e descontinuidades históricas. A partir dessa perspectiva, as análises podem apontar caminhos para desconstrução de visões estereotipadas que atravessam os discursos referentes às jovens negras. Pensar a discursividade *para* e *da* juventude na contemporaneidade, que tem a mídia como uma das principais produtoras de sentidos, é fundamental para a compreensão das relações sociais e culturais que os/as jovens constroem em diferentes espaços.

A jovem entrevistada menciona que ser jovem nos dias atuais é difícil, pois,

Atualmente, os jovens principalmente enfrentam vários problemas porque tudo é banalizado pra gente. Dizem que o jovem não sofre, dizem que os jovens não precisam se preocupar com nada e dizem que os jovens só sabem estudar. Pra mim, ser jovem hoje é muito difícil porque tem que lidar com a escola, tu tem que lidar com pressão psicológica, tem que lidar com passar no vestibular, tem que lidar com novas amizades, com coisas do corpo, com coisas da sociedade, coisas que a sociedade impõe pra ti “como tu tem que ser jovem” (TAÍS, Escola particular, 2019).

Refletir sobre as concepções de juventude que fortalecem certos estereótipos e banalizam a necessidade de discussões acerca das problemáticas que envolvem os/as jovens é um exercício relevante para desconstrução dos padrões sustentados pelas políticas de verdades. Assim, levanto o seguinte questionamento sobre a telenovela: de que jovens falam esses textos? Quais as vidas brasileiras são mostradas?

Para interpelar os/as jovens, novas políticas de visibilização e ocultação são criadas, visando produzir efeitos de controle individual e coletivo das resistências, conforme aponta Giroux (1996, p. 126) “A nova crise de representação suprime o corpo dos jovens como um local de resistência, quer essa se expresse através de uma sexualidade transgressiva, de uma apropriação da cultura popular ou da criação de formações culturais underground”. As diferenças que não podem mais ser silenciadas aparecem, porém são nomeadas para mostrar o que têm de problemáticas, uma forma de afastar qualquer tentativa de desejo referente a elas.

São modos de ordenação e reordenação da vida dos sujeitos a partir da criação de imagens positivas e negativas que visam negar as resistências. Contudo, as resistências estão ali e, como destaca Freire Filho (2007), a resistência juvenil dá-se em microníveis, sendo essa marcada pela perda de si mesmo, na busca de se encontrar. Os sujeitos constituem-se em meio a discursos que circulam na sociedade, mas, ao mesmo tempo, burlam regras, desafiam caminhos desconhecidos, temidos e, assim, tornam-se o que são, ora encontrando-se para novamente perderem-se no processo constante de constituição subjetiva. O processo de subjetivação através da telenovela global e as resistências emergem na fala de um dos entrevistados, conforme expresso no trecho abaixo:

Ela pode criar um modelo, um padrão no caso, um personagem que as pessoas podem se identificar, entendeu. Elas podem se identificar “olha esse cara tem um pensamento parecido com o meu”, pode ser até o jeito de vestir, o jeito de falar, o jeito de pensar, ela pode acabar se identificando. Isso pode ser uma coisa positiva se a novela fizer com que o personagem tenha um pensamento positivo, no caso, entendeu. Esse personagem pode influenciar a vida de uma pessoa de maneira positiva. Mas a pessoa não pode fazer tudo o que a pessoa faz na novela e trazer tudo para vida dela. Ela pode pegar pequenos pontos, assim que ela pode achar importante na novela que ela pode tratar pra ela fazer na vida dela, eu acho, eu acho que é assim, mas pegar de maneira geral um modelo, um modelo assim. A gente pode pegar pensamento, pedaços de pensamentos pra colocar no nosso cotidiano (RODRIGO, Escola particular, 2019).

A seleção do que deve ou não ser incorporado às práticas diárias de cada sujeito depende dos padrões morais e dos enunciados que o constitui, pois, a definição de aspectos positivos ou negativos depende de questões diversas e muito particulares de cada um, claro

que por meio de diferentes dispositivos sempre há tentativas de estabelecer padrões normalizantes. É por meio dos discursos, entre eles da telenovela global, que os sujeitos praticam a experiência de si e posicionam-se frente às discussões de raça, gênero, religiosidade, entre outras, visto que “A experiência de si implicada na constituição da subjetividade na dimensão do julgar-se seria, então, o resultado da aplicação a si mesmo dos critérios de juízo dominantes em uma cultura” (LARROSA, 2008, p. 77). Dessa forma, os/as jovens podem se identificar com os discursos.

As negociações de significados coexistem com as práticas de constituição de verdades dos diferentes dispositivos que não podem negar as singularidades e buscam ferramentas para ressignificar seus processos de subjetivação, “Pois diante das culturas letradas, ligadas à língua e ao território, as eletrônicas, audiovisuais, musicais ultrapassam esta adstrição, produzindo novas comunidades que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 66). O acesso às informações, a velocidade das mudanças, o acesso aos bens culturais diferenciados demanda outras relações temporais e espaciais nas quais os jovens criam novas maneiras de ver a si e aos outros, sem, na maioria das vezes, notarem que estão submetidos às classificações que eles próprios vivenciam nas práticas diárias.

Como afirma Sales (2014, p. 234, grifo da autora), as subjetividades são fabricadas por meio das tecnologias, sendo a juventude um ícone nesse processo, pois “[...] ela interage crescentemente com as tecnologias e, assim, se produz, orienta seu comportamento, conduz a própria existência. As tecnologias digitais são, pois, um importante elemento constitutivo da cultura juvenil, afinal, esse grupo está cada dia mais *ciborguizado*”. Impossível compreender a constituição dos/as jovens na atualidade sem considerarmos a gama de informações e a velocidade de circulação das informações e os novos sentidos que ganha o corpo por meio da possibilidade de transformações propiciadas pelas novas tecnologias e sua potencialidade educativa. Os modelos fazem-se e refazem-se por meio da visibilidade que as novas tecnologias proporcionam.

Cada vez mais os desejos e aspirações voltam-se para a sonhada visibilidade, pois “[...] crianças e jovens de hoje (ou, pelo menos, parte delas) ambicionam ser ‘famosos’, que significa ser notado, comentado, desejado. Quer dizer, algo para ser consumido, mais uma *commodity* da sociedade de consumidores” (COSTA, 2009, p. 37, grifo da autora). A força da mídia está, entre outras coisas, em suas estratégias de fazer com que o sujeito se veja nas

cenas e tome os discursos para si, como se fossem deles, aí a sutileza desse dispositivo que dialoga com outros em processos de lutas por definição de verdade. O fato de ver suas histórias, ou identificar algo que se aproxima dela, sendo contadas na telenovela faz com que o sujeito acredite que aquela é a sua verdade ou o inspira. A atmosfera criada nas telenovelas toca os sujeitos que as assistem e ao mesmo tempo acionam práticas de exclusão no processo de produção dos sujeitos.

### 3.5 Abaetetuba: de onde falam os sujeitos da pesquisa

O que fomos o que somos o que temos  
 O que fomos o que somos o que temos  
 Nossa terra foi crescendo dia-a-dia  
 Povoador, freguesia e depois vila  
 Hoje é cidade que aos olhos irradia  
 Do nativismo surgiu nossa valentia

Nossa cultura, tradição, costume, credo  
 O povo buscava o certo  
 Cultivando o seu chão  
 Plantando cana, extraindo andiroba  
 Seringueira a qualquer hora  
 Se doava feito pão  
 Nosso cacau, ucuúba, macaxeira, mandioca e a  
 Peneira, miriti, arroz, feijão  
 O urucu, açai sangue da vida  
 Engrandece a economia  
 Olarias e embarcações

Refrão:

A nossa gente embalada pelas águas  
 Com medo da curupira  
 Na reponta da maré  
 Pré amar, enchente, na vazante o lobisomem  
 Boto, matinta-pereira na beira do igarapé  
 As olarias e os engenhos que cresceram  
 Depois desapareceram  
 Sem nos dar explicação  
 E com o progresso, veio luz, água encanada  
 Mais escolas, mais estradas  
 Vem TV, computação

Refrão:

Nossas crianças, já sem rodas, sem histórias  
 Vão perdendo da memória  
 Desse tempo, a vibração  
 Foi-se estaleiros, boi-bumbá  
 O chá da quina, permanece a fé divina  
 Na Virgem da Conceição.

A música “O que fomos, o que somos, o que temos”<sup>19</sup> do compositor abaetetubense, Júlio Orlando dos Santos, apresenta a cidade de Abaetetuba destacando a cultura, misticismo, religiosidade e as atividades desenvolvidas no município. Nos versos finais ele expressa que as gerações mais jovens estariam perdendo a memória cultural de seu povo em meio aos avanços tecnológicos e ao desaparecimento de atividades pelas quais o município ficou conhecido. Alguns traços da cultura local resistem aos avanços e ressignificam-se, mantendo a memória da cidade, por meio da cultura oral ou escrita, sendo fundamentais para a história do município e para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos/as jovens em relação a seu lugar de origem.

As vozes dos/as jovens que fizeram parte da pesquisa, os ditos, os silêncios, as resistências estão todos relacionados ao lugar de onde eles falam, suas experiências e aos conhecimentos sobre gênero, raça, classe, religiosidade, entre outros que se fizeram presentes nas últimas décadas a partir das lutas dos grupos minoritários e ganharam visibilidade na mídia televisiva, nos cursos de formação de professores e nas rodas de conversa entre amigos.

Quando problematizo os processos de subjetivação dos/as jovens, falo de corpos situados em um lugar determinado, mas que se relacionam com lugares outros, culturas outras em uma velocidade que deixa escapar o quanto os sujeitos são constituídos e desconstituídos pelo local e global. Assim, destaco a cidade de Abaetetuba, considerando seus aspectos culturais e cotidianos para analisar como os/as jovens entrevistados/as relacionam suas vivências com as temáticas trabalhadas na telenovela *Malhação* que apresentam jovens genéricos de um lugar outro.

Essa generalidade no modo de expor a juventude é citada por um dos entrevistados ao dizer que “[...] Eles pegam as coisas que os jovens passam de maneira geral para tratar numa novela em si. Então, no caso, as pessoas assistem. Os jovens que assistem, eles, eles vão de qualquer forma, vão se identificar visto que tá passando uma realidade geral” (RODRIGO, Escola particular, 2019). O jovem visualiza uma das técnicas sutis de subjetivação acionadas pela telenovela que por meio da generalização de seus personagens fabrica normalização dos corpos juvenis. Mas os/as jovens estão situados/as em determinado espaço e são constituídos/as por aspectos dessa cultura negligenciados nas produções da mídia televisiva.

Olhar o lugar, percorrer sua cultura, é um trabalho árduo pela singularidade que o produz, por sua relação com o global que penetra a realidade concreta e produz os sujeitos.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/>

Assim, parto de aspectos culturais do Município de Abaetetuba para realizar a relação com o global, com a produção dos discursos sobre as jovens negras na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras”, que é ambientada na cidade do Rio de Janeiro, com traços culturais e sociais diferentes da realidade dos/as jovens pesquisados/as. Como destaca a autora abaixo, a cidade é:

[...] um espaço coletivo que possui uma história e suas memórias constituem certos modos de ser e de fazer de seus habitantes, e tanto as memórias quanto as identidades e subjetividades no presente traduzem os significados do passado, modelando ambos. A cidade, assim, é uma composição de cenários e significados, um território híbrido e caleidoscópico, com vários espaços superpostos que preservam e traduzem as memórias, os costumes e as tradições (RIBEIRO, J., 2013, p. 76).

A história de fundação da cidade de Abaetetuba tem íntima relação com as águas, suas lendas e todo o imaginário que permanece até os dias atuais por meio da cultura oral<sup>20</sup>. A praia de Beja, que fica às margens da Baía do Capim atrai turistas de todas as partes no mês de julho que muda a configuração do lugar, se levarmos em consideração os outros meses do ano. A Vila de Beja, no mês de julho cresce, falta espaço, há disputas e a cidade de Abaetetuba fica esvaziada visto que as famílias se deslocam para a Vila durante o mês. E ainda escuto com frequência a seguinte frase “Posso viajar alguns dias para outro lugar, outras praias, mas o último final de semana de férias é em Beja”, esse sentimento de pertencimento marca a identidade dos/as abaetetubenses. Para alguns, lugar de origem, para outros, lugar de passagem. Abaixo, segue uma fotografia que mostra a orla da praia de Beja em que se observa a paisagem natural do local e uma parte da praia; no centro tem um palco armado em concreto no qual são realizados os shows, principalmente durante o período de férias.

---

<sup>20</sup> “A história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele” (PESAVENTO, 2007, p. 20).

**Fotografia 1** – Orla Vila de Beja



**Fonte:** Fabilene Farias

Ainda percorrendo os espaços da cidade, destaco a vista para o rio Maratauíra, que guarda seus encantos; entrada primeira de acesso à cidade, marca o misticismo por meio das lendas do Boto<sup>21</sup>, da Ilha da Pacoca<sup>22</sup>, da Cobra Grande<sup>23</sup>. Rio de águas escuras com uma bela paisagem marcada pela vegetação local e pelo vai e vem dos barcos, canoas e rabetas que enfeitam o rio – ruas que se movem.

No momento de desenvolvimento da pesquisa estava sendo construída a orla que proporcionará mais espaço e conforto para visita ao local. Erguendo os olhos para o outro lado do rio é possível ver casas e um pouco da dinâmica ribeirinha. A fotografia abaixo mostra a dimensão da paisagem do rio Maratauíra e o colorido das embarcações por meio das quais a dança das águas fica mais visível; ao fundo, próximo à vegetação, algumas residências ribeirinhas.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/search?q=lenda+do+boto+>

<sup>22</sup> Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/search?q=lenda+da+pacoca>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/lenda-da-cobra-grande/>



**Fotografia 2** – Rio Maratauíra

**Fonte:** Isabel Silva

Com vistas para o rio apresento a área do comércio da cidade, conhecida como “Beira”, considerada outro ponto de cultura que constitui a identidade do povo abaetetubense, exercendo funções diferentes na vida dos sujeitos. Os encontros que ali se estabelecem entre os ribeirinhos e os moradores da zona urbana e o comércio, que é a principal atividade de subsistência dos sujeitos que habitam a cidade, fazem desse espaço um lugar de trocas, mas também de disputa. É também um lugar em que amizades se fortalecem. É lugar que define pertencimento.

A “Beira” guarda tradições do povo abaetetubense ao mesmo tempo em que interage com as inovações que constituem esse espaço. A fotografia seguinte mostra um pouco desse espaço de grande circulação de pessoas. Por causa da construção da orla, a distribuição dos feirantes está dispersa nos espaços que não estão em obra. Cores, sons, odores, aromas e encontros marcam o espaço da “Beira”. A posição das pessoas na foto indica que ali constituem-se relações diversas, há pessoas circulando pela “Beira” e outras conversando. Muitas famílias dependem exclusivamente das atividades econômicas desenvolvidas nesse local.

**Fotografia 3** – A “Beira”

**Fonte:** Isabel Silva

Compondo o espaço que fica no centro comercial da cidade, não posso deixar de mencionar a praça de Nossa Senhora da Conceição, que expressa bem a configuração de um espaço que se constitui entre o moderno e a tradição; um lado da praça tem uma arquitetura construída há poucos anos com traços sofisticados; enquanto o outro lado mantém a arquitetura original de sua construção; o coreto é um dos artefatos que compõe essa paisagem.

A praça de Nossa Senhora da Conceição abrigou durante muitos anos os principais eventos culturais do município, como o Festival do Miriti, Semana de Arte e Folclore, mas atualmente os eventos acontecem na Praça Francisco Azevedo Monteiro, conhecida como praça da “Bandeira”, situada em frente à Prefeitura Municipal de Abaetetuba. Segue a fotografia que mostra a arquitetura da praça da Conceição, que retrata os conflitos entre manter estruturas que fazem parte do patrimônio cultural da cidade - como é o caso do coreto - e privilegiar as mudanças que acompanham a modernização.

**Fotografia 4** – Praça da Conceição



**Fonte:** Isabel Silva

A praça da Conceição foi citada por vários jovens entrevistados/as como ponto de encontro dos/as jovens, contudo eles/as destacaram de modo geral a falta de outros espaços de lazer na cidade, como é o caso da fala desta jovem:

Eu vou nas praças, mas diante de Abaetetuba ela não tem muito lazer pra jovens porque a gente vai na praça, mas não tem um lazer tipo esse grupo de jovens. Tem algumas igrejas que tem grupo de jovens, mas não tem grupo de jovem para quem não é integrado na igreja e não tem de certa forma um local para o jovem possa tá se deslocando e dizendo eu vou ali participar dessa atividade que vai ter (LEANDRA, Escola pública, 2019).

Chama atenção a ausência de citação de espaços que compõem o cenário da cidade de Abaetetuba como a praia de Beja, nossas ilhas, igarapés, bem como dos movimentos de mulheres jovens negras de Abaetetuba<sup>24</sup> e das programações culturais do município na fala

---

<sup>24</sup> “O Coletivo formado por mulheres negras surgiu em 2017 de um encontro inicial para falar sobre o cabelo crespo e cacheado. Inicialmente a gente montou um grupo no WhatsApp para dar dicas de cabelo porque a gente viu que tinha essa dificuldade em Abaetetuba de achar salão. [...] Depois veio a vontade de nos reunirmos para falarmos dessa questão e, assim, organizamos o primeiro encontro de crespas e cacheadas de Abaeté, em 2017, realizado na Universidade Federal do Pará [...] após esse encontro foi criado o Coletivo que batizamos de Sankofa. Sankofa é o nome de um pássaro da mitologia africana que ele tem duas cabeças, uma para frente e outra para trás que significa o olhar que a gente dá para o passado para ressignificar o presente

dos sujeitos entrevistados, aspectos que estão relacionados à valorização/ desvalorização da cultura local e a forma como a juventude local constitui-se e constitui a cidade a partir do global.

A comparação com a dinâmica de cidades da capital destaca-se na fala do jovem quando expressa: “Praticamente não tem muita coisa aqui, não tem um shopping, não tem um cinema, não tem praticamente nada aqui” (MIGUEL, Escola particular, 2019), aspecto que pode indicar a perda da cultura, como destacado na canção que abre a discussão sobre a cidade. Nesse sentido, há um distanciamento da cidade, uma perda de pertencimento quando os sujeitos da pesquisa destacam o que não tem na cidade de Abaetetuba em comparação aos grandes centros e invisibilizam a cultura local.

A paisagem cultural da cidade de Abaetetuba também se constitui pelo sistema de significação que foi criado no decorrer da história do município como: Terra da Cachaça<sup>25</sup>, Pérola do Tocantins, Capital Mundial do Brinquedo de Miriti<sup>26</sup>, Medelim Nacional<sup>27</sup> e no ano de 2019 foi lançado o primeiro festival do açaí que marca a identidade local pela produção e exportação do fruto.

[...] olhar o passado a partir da riqueza da África” (BEATRIZ, Coletivo Sankofa, 2019). Informações extraídas de entrevista com uma das integrantes do Coletivo realizada no dia 8 de novembro de 2019.

<sup>25</sup> “Essa atividade teve seu apogeu no final da década de 60 com participação significativa na economia paraense, nesse período. Para que a produção da aguardente ocorresse, eram utilizados lugares conhecidos como casa de engenho, que recebiam grande quantidade de cana de açúcar, matéria-prima essencial para preparação da bebida. Diante da grande necessidade da cana, era comum ver nesse período uma excessiva exploração de mão- de- obra para com as famílias que habitavam as áreas de várzea em Abaetetuba, em detrimento delas cultivarem um dos principais elementos da aguardente. Segundo Souza (2009) Abaetetuba chegou a ter o “maior número de indústrias no estado do Pará”, pois dentre as 282 indústrias de engenho existentes, 37 eram em Abaetetuba (Instituto de Desenvolvimento Econômico- Social do Pará- IDESP, 1970) e muitos “Coronéis do engenho” enriqueceram com essa produção em Abaetetuba e daí nascem as primeiras famílias de empresários influentes no nordeste paraense” (GONÇALVES, A., 2016, p.26).

<sup>26</sup> “O brinquedo de miriti é um dos mais famosos símbolos de representação, não só da cultura abaetetubense, mas também da cultura paraense. Esse brinquedo é feito por artesãos locais que aproveitam a palmeira do miriti, muito encontrada nas áreas de várzea de Abaetetuba, para a confecção de araras, papagaios, barcos e dentre outros objetos que são criados por meio da natureza. Os brinquedos de miriti já se tornaram patrimônio cultural paraense por meio da lei 7.282 /09, pois representam um dos movimentos culturais mais importantes do estado: O círio de Nazaré, quando romeiros de Abaetetuba trazem os brinquedos tanto para representar sua fé, quanto para vender em Belém no mês de outubro, quando ocorre o ‘natal dos paraenses’” (GONÇALVES, A., 2016, p.39).

<sup>27</sup> “A cidade paraense de Abaetetuba (60 km de Belém) é o principal entreposto brasileiro usado pelos cartéis colombianos da cocaína para enviar à Europa. O apelido de Abaetetuba na Europa indica a importância do lugar para o narcotráfico: ‘Medellín brasileira’. Referência à cidade colombiana de Medellín, sede de um dos cartéis da máfia da cocaína, o apelido é adotado pela Fundação Giovanni Falcone -sediada na Itália e estudiosa de temas mafiosos- a partir de informes entre a Interpol (polícia internacional) e as polícias brasileira e italiana. A cocaína da Colômbia chega a Abaetetuba pelos rios amazônicos e por via aérea”. TORRES, Sérgio. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. Cidade no PA é a “Medellin brasileira” São Paulo, terça, 29 de julho de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff290704.htm>

A apresentação de alguns aspectos da cultura de Abaetetuba participa da dinâmica de construção da cidade e do modo como os sujeitos posicionam-se e vivem a cidade. Nesse sentido, Fraga (2000, p. 26) aponta que “É preciso levar em conta a multiplicidade de lugares que compõe esse espaço urbano e as diferentes posições de onde os sujeitos o visualizam (e nele se visualizam), para tentar entender como se constrói um sentimento de cidade”. O sentimento de pertencimento ao lugar se configura a partir dos múltiplos aspectos culturais e do modo como olhamos a cidade e transitamos por ela, pois “Estamos ligados a este lugar pelas lembranças” (CERTEAU, 1998, p. 189).

Um dos entrevistados menciona que o modo de vivenciar a cidade pelos jovens de hoje e da geração de seu pai mudou, ele destaca a mudança quando diz “Existe um pouco pelo fato de ter várias mudanças na tecnologia, essas coisas porque antigamente meu pai falava que eles saiam muito de bicicleta pela rua, ficava até tarde pela rua de bicicleta, viajavam pra igarapés” (MIGUEL, Escola particular, 2019). Esse sentimento de pertencimento e de “caminhar” pela cidade modifica-se com os avanços da tecnologia, com a diminuição das distâncias e pela comparação que o sujeito passa a fazer entre o lugar de origem e o global.

As bicicletas<sup>28</sup> fazem parte da cultura local do município de Abaetetuba, tanto como meio de transporte muito utilizado para deslocamento das pessoas quanto para o lazer. Aos poucos a cultura local marcada pelo vai e vem das bicicletas vai dando lugar para motos e carros, mudando a dinâmica de deslocamento das pessoas.

Os igarapés são outro aspecto marcante na cidade de Abaeteuba. O pai do entrevistado, certamente pelas palavras citadas por seu filho, guarda memórias da cidade a partir de aspectos que estão ligados à cultura local. E os jovens da atualidade? Esse sentimento de pertencimento e valorização da cultura local precisa ser provocado para que os/as jovens não negligenciem sua cultura diante do contato com outras culturas que chegam

---

<sup>28</sup> “[...] a cidade alcunhada de ‘Cidade das Bicycletas’, tal a quantidade de bicycletas que existia na cidade. Praticamente em cada casa havia uma bicycleta e o trânsito ainda era de calma. Eram os tempos em que algumas pessoas adquiriam uma razoável quantidade de bicycletas que as colocavam em aluguel, sendo o preço cobrado pelas horas em que o ‘locatário’ fazia uso da bicycleta e, nesse tempo, não existia ainda os que roubavam bicycletas pela cidade. Anos depois, pela grande população existente na cidade e onde não existia linhas de ônibus para os bairros mais distantes, e o táxi era uma opção cara para os bolsos de muitas pessoas, alguns jovens e pais de família começaram a usar as bicycletas nas chamadas ‘deixadas’, isto é, deixar pessoas, produtos, mercadorias ou compras nas casas dos usuários desse serviço. Esse serviço se intensificou e o pessoal ficou sendo chamado de ‘taxiciclista’, com a mesma função das ‘deixadas’. Muitos jovens e pais de famílias sobreviviam desse serviço”. Disponível em: <http://admirhelenorocha.blogspot.com/2012/07/abaetetuba-em-fotos-1-cotidiano-da.html>



até os sujeitos em um simples apertar de teclado ou ao acionar o botão *power* do controle da televisão.

É a partir dos aspectos culturais construídos pelos sujeitos e que os constituem que apresento a cidade de Abaetetuba e localizo os/as jovens das escolas, pois, de acordo com Pesavento (2007, p. 13, grifos da autora) “a cidade é, sobretudo, uma *materialidade* [...] é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado [...]”. Assim, percorrer os pontos que foram citados nas linhas acima é percorrer o lugar produzido pelos sujeitos que o inventam e reinventam continuamente. A cidade é lugar marcado por regulações, mas é também espaço de contestação incontrolável que adquire significados particulares para cada sujeito por meio do intercruzamento com múltiplos contextos culturais.

Para pensar os processos de subjetivação dos/as jovens a partir dos enunciados da telenovela *Malhação*, é preciso tomar como referência a cidade e a instituição escolar, pois os modos como os/as jovens ocupam a cidade e a escola têm efeitos na constituição subjetiva. A cidade como produção individual e coletiva é uma produção inacabada e em constante transformação que se desenha a partir de traços locais e das dinâmicas globais. A subjetividade juvenil, do mesmo modo, está para além das questões locais, ela se desterritorializa no contato dos aspectos da cultura local com a cultura geral cada vez mais acessível por meio das inovações tecnológicas. Como afirma Certeau (1998, p. 178) aquele que caminha transforma o espaço, pois

[...] se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios).

O ato de selecionar aspectos da cultura nas práticas diárias e a relação com o espaço depende dos ângulos pelos quais os sujeitos visualizam a cidade, pela significância que os aspectos culturais ganham em seus discursos, pelos conhecimentos que esse acumula na caminhada. Cada um atribui de modo diferenciado os significados a sua prática cotidiana que podem ser de acomodação ou resistência. Assim, os sujeitos selecionam aspectos que compõem seu posicionamento na ordem dos discursos em que estão envolvidos. Nessa direção, instituições como a mídia televisiva, que tem “autoridade” para constituir verdades, participam ativamente dos processos de subjetivação.

A mídia televisiva funciona bem para esse propósito, pelo alcance e lugar que ocupa nos lares, pois ela seleciona elementos para capturar os/as jovens que consomem e reproduzem seus enunciados, mas que também podem ressignificá-los, inventando modos outros de dizer o já dito. Nas últimas décadas a defesa de novos discursos sobre gênero, sexualidade e raça por meio das lutas do movimento feminista e negro certamente contribui para que os/as jovens tenham oportunidade de descolonizar suas mentes e corpos dos conhecimentos produzidos pelo legado colonial, abrindo possibilidade de espaços de contestação referente aos conhecimentos engessados e produzindo novos conhecimentos.

A telenovela, por meio de suas histórias direcionadas para o público juvenil, constitui modelos de ser jovem em conexão com a escola. Uma história e uma escola fictícias, mas que tentam se mostrar múltiplas e relacionar suas temáticas com a vida real dos/as jovens. Essa, sem dúvida, é uma das técnicas para ligar o sujeito que assiste à verdade produzida. O trecho da entrevista com uma das jovens confirma esse processo de subjetivação, ao afirmar que: “As histórias são iguais às nossas aqui” (CAMILA, Escola pública, 2019). A partir da fala dos sujeitos da pesquisa, foi possível visualizar e analisar os processos de subjetivação dos/as jovens tendo como referência os discursos da mídia que estão ligados a relações de poder definindo questões ditas e silenciadas em suas produções de acordo com o tipo de sujeito que deseja produzir.

Assim, tenho de um lado a novela e do outro a realidade, os/as jovens na cidade e nas escolas de Abaetetuba, que são atravessados pelos campos de possibilidades com base nos conhecimentos e o modo que se posicionam frente às questões da cultura local, dos enunciados da telenovela global e das forças constituintes das minorias. Mídia e cidade são referências para a constituição da identidade dos/as jovens, interpelando os/as jovens de diferentes formas. Dessa forma, posso problematizar e pensar situações reativas que interrompam o discurso dominante sobre questões de raça, gênero, classe, religiosidade, entre outros, já que a mídia é um dispositivo privilegiado de penetração cultural e transmissão de valores.

Situar os/as jovens na cidade e na escola e sua relação com os discursos da telenovela *Malhação* possibilita problematizar e dar visibilidade à produção dos enunciados juvenis que têm íntima relação com aspectos de seu lugar de origem, com os espaços que ocupam na cidade, na escola e os distanciamentos e aproximações que realizam com o contexto da cultura de modo geral. A jovem entrevistada diz que “Tem muitas coisas diferentes ali, como

eu falei não mostra realmente a realidade, pode até mostrar alguns pontos, em alguns quesitos, mas eu acho que a realidade brasileira é muito mais forte para ser mostrada na televisão [...]” (TAÍS, Escola particular, 2019).

De acordo com Larrosa, Malvacini, Rechia (2017, p.249) “A educação, diz-se, se confunde com a vida e, portanto, nada pode resistir à pedagogização geral da existência. A escola, diz-se, confunde com o mundo, com a cidade, ou com a rede [...]”, pois os muros da escola são penetrados pela cultura midiática, configurando-se em espaço híbrido, lugar ocupado por sujeitos que se refazem a partir das dinâmicas culturais locais e globais, amanhã já não são os mesmos, suas experiências, seu caminhar pela cidade, seu modo de olhar são ressignificados a cada manhã.

Na próxima seção, analiso os enunciados da telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” sobre as jovens negras a partir das personagens Jade, Dandara e Talíssia, realizando um diálogo com as falas dos sujeitos da pesquisa a partir dos episódios selecionados e, assim, problematizo os modos de subjetivação juvenil.



## **4 JOGOS DE INTERSECÇÕES: JOVENS NEGRAS NA TELENVELA MALHAÇÃO E A SUBJETIVAÇÃO JUVENIL**

Objetivo analisar nesta seção como as jovens negras são apresentadas na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” a partir das lentes da câmera e quais os padrões acionados no tratamento das questões raciais, de gênero, de classe e religiosidade que as fabricam, pois, como explica Akotirene (2019, p. 48), “É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e ‘mulheres de cor’ na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas”. Tomar os conceitos de raça, gênero, classe e religiosidade como efeitos do discurso é afirmar que são questões produzidas e que não são fixas, são como práticas descontínuas e de forma interseccionalizadas que tais discursos precisam ser tratados.

A partir das entrevistas com os/as jovens sobre a telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” busco mapear os processos de subjetivação dos/as jovens com base nos dados de alguns episódios que foram mencionados durante a entrevista e, de modo geral, das temáticas abordadas na temporada referente às três jovens negras analisadas neste estudo. Assim, posso analisar a relação que os/as jovens estabelecem com a mídia e os processos de identificação ou não com as personagens da telenovela global, bem como as experiências cotidianas dos/as jovens das duas escolas escolhidas para o estudo com as temáticas apresentadas na telenovela voltada para o público juvenil. A seção está dividida em três tópicos: jovem negra sexualidade e a busca do corpo “belo”; jovem negra, medicalização do corpo feminino e resistência; jovem negra, exposição da intimidade e religiosidade.

### **4.1 Jovem negra, sexualidade e a busca do corpo “belo”**

Os discursos da telenovela ajudam a constituir as regulações de gênero. Os sujeitos aprendem por meio das comparações que fazem no contexto social, histórico e cultural, que produzem os significados a partir dos princípios que julgam ser legítimos. Nessa direção, gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2018, p. 69), processo que ocorre permeado por relações de poder que visam reduzir o modo de ser homem ou

mulher a uma linha geral. A materialização dos comportamentos de acordo com o gênero efetiva-se nas práticas diárias como destaca uma das alunas entrevistadas durante a pesquisa.

Quando as meninas vão brincar bola com os meninos eles falam não, isso não é pra menina, isso vocês não podem. Vamos dizer que eles descartam as meninas pra não brincarem bola junto com eles. Tem um grupinho que deixa. Até as meninas falam isso pros homens, quando vem um menino pular elástico, elas não gostam. Quando um pula o resto dos meninos fazem graça com o homem que tá pulando elástico, eles falam que isso é pra menina (ADRIANA, Escola pública, 2019).

A definição do que seria brincadeiras para homens e mulheres ainda se faz presente nas escolas e funciona como uma tecnologia de subjetivação (ROSE, 2001), de tal modo que os gestos passam a ser regulados por meio de discursos dessa natureza que têm efeitos na constituição subjetiva dos/as jovens. Mesmo com tantas discussões sobre o assunto, os/as jovens são subjetivados/as por discursos que buscam controlar os corpos de acordo com padrões normatizados ao mesmo tempo em que convivem com as transgressões.

O processo de naturalização da regulação de gênero é formulado e repetido por diferentes instituições que participam das relações de poder e legitimam os que têm o poder de validação dos discursos nos diferentes momentos da história. Del Priore (2004, p. 66) problematiza que no período colonial “[...] o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam”. Nesse período a vigilância sustentava-se por princípios de moralidade da sociedade colonial que se faziam presentes nas vozes daqueles habilitados para definir os modelos de conduta para o corpo feminino – o clero. De acordo com Del Priore (2004) a imagem da mulher ligada ao pecado original de Eva servia para justificar o controle sobre a figura feminina, principalmente, nos casos relativos à sua sexualidade, assim se constituiu estereótipos vinculados a discursos sexistas, racistas e de classe.

De acordo com Foucault (2006b), é o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade. No período vitoriano a sexualidade reconhecida limitava-se ao quarto dos pais, as outras eram consideradas ilegítimas e deveriam buscar lugares de tolerâncias. Essa suposta repressão à sexualidade é refutada pelo autor. Contudo, essa prática reconhecida convivia com outras invisibilizadas e que ainda hoje refletem na forma de pensar a sexualidade das mulheres, principalmente das negras. Britzman afirma que (1996, p. 80):

[...] a insistência de que a sexualidade deva estar confinada à esfera privada reduz a sexualidade às nossas específicas práticas sexuais individuais, impedindo que concebamos a sexualidade como sendo definida no espaço social mais amplo, através de categorias e fronteiras sociais. [...] esse mito torna impossível imaginar a sexualidade como tendo qualquer coisa a ver com estética, discursos, política, capital cultural, direitos civis ou poder cultural.

Os dispositivos de sexualidade vêm modificando-se no decorrer da história, com isso não deixam de ter força na elaboração da verdade. Na atualidade, novas formas de vivenciar a sexualidade vêm sendo constituídas. Embora a sexualidade ainda seja vista como algo privado, começa a ser desconstruída e vivenciada em suas múltiplas possibilidades. Nessa direção dois sujeitos da pesquisa expressam que “Hoje não é tanto questão de virgindade, hoje uma menina que já se envolveu é natural, é do jovem, o jovem se envolve” (SÉRGIO, Escola pública, 2019), “Hoje em dia a questão da virgindade não influencia mais” (CLÁUDIA, Escola pública, 2019).

Assim, o casamento deixa de ser visto como momento privilegiado para expor a sexualidade e para a prática sexual. Essas mudanças têm relação direta com as novas tecnologias que promovem mudanças na forma de reprodução e, conseqüentemente, no modo de vivenciar a sexualidade por homens e mulheres. Para Foucault (2006b, p. 100), sexualidade é:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Em meio a relações de poder os discursos sobre sexualidade vão sendo constituídos como se todos a vivenciassem da mesma forma, buscando homogeneizar o campo dos prazeres. Porém, na prática, se há relações de poder, as resistências também estão presentes, mesmo que as dinâmicas de poder, por via de diversas instituições, tentem fixar um padrão normativo. Mesmo que os/as jovens sejam chamados/as constantemente para adequarem-se ao padrão estabelecido seja de beleza, moda, linguagem, ou outros, eles/as transgridem as normas e regras e imprimem marcas pessoais que precisam ser compreendidas analisando a história e as dinâmicas de poder.

A história das mulheres está ligada às verdades produzidas no contexto da cultura, no qual os marcadores diversos delimitam os lugares e usam as diferenças para fabricar e ensinar comportamentos a homens e mulheres, de modo genérico, negligenciando as particularidades,

desejos e individualidades dos sujeitos que se constituem a partir de diferentes marcadores, Butler (2018, p. 21) afirma que “Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém ‘é’”, ela pode ser também negra, homossexual, candomblecista, mãe, assalariada, desempregada, só para citar alguns marcadores que atravessam o “ser mulher”. A impossibilidade de um comportamento padrão expressa-se na luta por instituição de discursos normalizantes materializadas, principalmente, por “tecnologias de invisibilização”.

As cenas que destacam a jovem negra Jade na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” a produzem como “atirada” e “fogosa”, pois ela está sempre fazendo investidas com os rapazes, e com o personagem Tito, o que ocorre de modo mais frequente. Não estou dizendo que as mulheres não podem tomar a iniciativa nos relacionamentos, porém dentre as alunas ela é a única que tem esse comportamento, além disso, os rapazes parecem não gostar dessa atitude, fugindo das investidas da moça. Segue alguns trechos que possibilitam analisar a questão.

**Jade:** Então Tito, eu vou ver uma banda nova com uma menina no vocal, vem comigo?

**Tito:** Eh Jade! Você vai ficar chateada, mas eu acho melhor não.

**Jade:** Tá me dispensando assim na lata?

**Tito:** Não, é que...

**Jade:** É o que então? Tô te pedindo pra sair comigo num show e você disse que não, qual o problema comigo?

**Tito:** Nenhum Jade, nenhum problema, você deve ser a garota mais bonita da escola, mas eu tô saindo com a Flora (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 13).

A jovem mencionada por Tito durante o diálogo com Jade é branca, tímida, virgem, estilo considerado “boa moça”, bem diferente das características criadas para a personagem aqui analisada. O jovem ressalta a beleza da moça, mas deixa claro que namora Flora. Foucault (2006b) analisa as estratégias de controle da sexualidade e das resistências que nos ajudam a pensar os enunciados da telenovela global que reforçam um padrão de normalidade. Jade tem atitude, o que parece não atrair o rapaz e a recusa do convite leva a moça a questionar o que há de errado com ela, a culpa recai sobre a mulher que estaria tendo algum tipo de comportamento não atrativo para conquistar um homem, reforçando as marcas do período da colonização.

Apresento alguns trechos das falas dos sujeitos da pesquisa relacionadas à cena com a personagem Jade transcrita um pouco acima.

Eu acho que ele gostava da Flora porque a Flora era mais calma, não era nada igual a Jade, mais familiar também. Os rapazes gostam mais desse tipo de moça (CAMILA, Escola pública, 2019).

A Flora era mais doce, mais delicada, mais romântica, vamos dizer assim. E a Jade é mais brava vamos dizer assim, puxa briga mesmo. E logo no início ela gostava de pisar nas pessoas porque eram pobres e ele não gostava disso (ADRIANA, Escola pública, 2019).

Pelo fato dela não ser tão falada como a outra menina eu acho porque se ela era mal falada na escola, andava com a blusa pra cima” (LEANDRA, Escola Pública, 2019).

O Tito é meio tímido, a morena não, ela é mais solta, tanto é que ela, ela tenta envolver ele, ele sai, dá uma desculpa. A outra menina não, ela é mais quieta, mais na dela (MARCELO, Escola pública, 2019).

Nesses trechos das entrevistas, percebe-se um pensamento ainda engessado quanto às questões de comportamentos permitidos a mulheres no momento da conquista, posturas determinadas de acordo com o gênero que foi constituído historicamente e ainda permanecem nas mentes dos sujeitos. O fato da personagem Jade ter atitude, amarrar a blusa e deixar a barriga a mostra, segundo os/as entrevistadas/os não agrada o jovem. Em contrapartida, a delicadeza, doçura, e calma que compõem a personagem Flora, que segue os padrões de normalidade estabelecidos para as mulheres, são apontados como atrativo para que a mulher consiga namorar. Como problematizam Sales e Paraíso (2013, p. 617) “A questão colocada à moça é saber se posicionar de modo a ser atraente e sedutora, mas jamais ceder a todas as investidas masculinas, nem tampouco ser a protagonista desse investimento, quando este for classificado como excessivo. A garota deve ser difícil”.

As falas dos/das jovens reforçam comportamentos constituídos para cada um dos gêneros, que atravessam séculos e confrontam-se com atitudes de resistência como a da personagem Jade, porém a telenovela destaca a postura da jovem de modo negativo, subjetivando os/as jovens que a assistem. A telenovela global funciona, nesse sentido, como dispositivo que constitui técnicas de si que são “[...] os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p. 109). Não posso deixar de mencionar que a jovem destacada nesse contexto é uma jovem negra, fato que reforça estereótipos fabricados no período colonial para as mulheres negras.

Lélia Gonzalez (2011) pontua em seus trabalhos o fato do “esquecimento” por parte das feministas no trato das questões raciais, uma posição de sujeito que não pode ser esquecida quando se fala das mulheres latino-americanas. “Falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura

realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não ser brancas” (GONZALEZ, 2011, p.14). As discussões de gênero estiveram por algum tempo presas à visão eurocêntrica quando abstraem a questão racial como se essa não fizesse parte das dinâmicas sociais, ocultando e silenciando vozes das mulheres negras que convivem com preconceitos sexistas e racistas.

As negras eram consideradas prostitutas pelos colonos e colonizadores, não precisando ter nenhum tipo de tratamento de cortesia em relação a elas, tais ideias eram sustentadas por discursos sexistas e racistas que enfatizavam que elas gostavam disso, estavam sempre disponíveis, eram fáceis, ideias inclusive compartilhadas por muitas mulheres brancas para amenizar o envolvimento de seus maridos ou futuros maridos com as mulheres de cor. Sobre o período, Del Priore (2011, p. 33) problematiza que

Acrescente-se à rudeza atribuída aos homens o tradicional racismo que campeou por toda a parte. Estudos comprovam que os gestos diretos e a linguagem chula eram destinados às negras escravas e forras ou mulatas; enquanto às brancas reservavam-se galanteios e palavras amorosas. Os convites diretos para a fornicção são feitos predominantemente às negras e pardas, fossem elas escravas ou forras. Afinal, a misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres não brancas como fáceis, alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres.

Na sequência da história entre Jade e Tito há um reforço da disponibilidade e da própria ideia do corpo feminino negro como imagem demoníaca. Jade não desiste de conquistar Tito e, nos capítulos seguintes, ela arma um encontro entre Flora e um colega de turma do colégio chamado Érico com o intuito de acabar com o namoro entre Flora e Tito. O plano de Jade funciona e Tito fica solteiro, sem perder tempo a jovem o pede em namoro. Após certa pressão ele aceita. Em conversa com seu amigo Michael ela diz que deseja transar com Tito, porém ele está fugindo:

**Jade:** Mas é isso sabe Michael, toda vez que eu chamo o Tito pra ir lá em casa, ele foge de mim.

**Michael:** Homem hétero fugindo de você, impossível!

**Jade:** Mas é isso que ele tá fazendo. Olha, eu tenho que praticamente pegar a mão dele pra fazer qualquer coisa, se é isso que você tá me entendendo.

**Michael:** Pra mim isso não faz sentido por que olha um mulherão toda gostosa, dando mole, tendo que forçar a barra. Ai, pra mim isso não existe (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 59).

Na conversa entre os amigos a questão dos atributos físicos e a disponibilidade da personagem são destacados o que leva ao questionamento da sexualidade do jovem que não

cede às investidas de Jade. A expressão usada por Michael “dando mole” pode ajudar a reforçar os estigmas ligados à mulher negra, mas também possibilita o olhar para as discontinuidades no modo de vivenciar a sexualidade que colocava a mulher em situação de passividade no momento da conquista. A jovem posiciona-se de modo inconformado quanto às atitudes de Tito e o pressiona para entender porque ele não quer ficar a sós com ela, conforme aponta o diálogo que segue:

**Jade:** Tito, eu posso te fazer uma pergunta, você é gay?

**Tito:** De onde você tirou isso?

**Tito:** Eu não sou gay.

**Jade:** Se você não é gay por que você não quer transar comigo?

**Tito:** Eu sou virgem, eu tenho medo, eu tenho muito medo de te decepcionar.

**Jade:** Eu sou a melhor pessoa pra resolver esse problema. Olha depois da aula a gente vai lá pra casa pra resolver essa questão. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 59).

O modo como a mulher negra foi constituída durante o período da escravidão, com uma carga excessiva em torno do vigor e disponibilidade sexual, ainda incide nos discursos atuais. Quando a Jade diz “eu sou a melhor pessoa pra resolver o seu problema” está reforçando os enunciados que incidem sobre a sexualidade da mulher negra que, em muitos casos, são usados para justificar posturas sexistas que desencadeiam em violências.

Davis (2016, p. 20) afirma que “O estupro na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”. Nesse sentido, os estupros serviam para que os homens brancos mostrassem seu controle sobre os corpos das mulheres negras como forma de punir e reprimir, desvalorizando-as e definindo os espaços que elas ocupavam no período da escravidão, reforçando sua passividade e fraqueza.

Após diversas tentativas fracassadas de transar com Tito, Jade é desmascarada quanto ao término do namoro de Tito e Flora que retomam a relação após exposição dos fatos. A fala de Flora no momento em que os dois estão reatando o namoro merece alguns destaques. Flora: “Tito eu quero te explicar uma coisa, eu não sou igual a Jade, eu não tenho experiência que nem ela, na verdade, eu não tenho experiência alguma” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 65). Flora destaca que é diferente de Jade, que já tem experiência sexual, aspecto sempre evidenciado durante o destaque dado à personagem que reforça a constituição histórica sobre os corpos e a sexualidade das mulheres brancas e negras. Quanto às diferenças de tratamento entre mulheres brancas e negras constituídas, o jovem diz:

A mulher negra sofre mais porque tem homem que só porque acha que ela é negra ele pode dominar devido os fatos de antigamente da escravidão. Tem muita gente hoje rica que contrata gente negra e abusa daquela pessoa. Muita mulher negra foi abusada pelo patrão sexualmente “eu sou seu patrão, tem que fazer o que eu quero”, devido antigamente que os homens lá da época, os capataz, os donos de fazenda abusavam principalmente das mulheres negras. As brancas não, tinham lazer dentro de casa, um lar (SÉRGIO, Escola pública, CCF, 2019).

Enquanto às mulheres brancas eram reservadas as definições de mãe e esposa, a mulher negra sofreu fortes violências físicas e psicológicas, ora sendo explorada por sua força de trabalho, ora abusada sexualmente por seu senhor. Se homens negros tiveram seus direitos e corpos explorados, as mulheres negras tiveram seus direitos duplamente violados. Segundo Davis (2016), as questões de raça e gênero eram acionadas diferentemente de acordo com a conveniência dos senhores e serviam bem para os propósitos da época que necessitam de força de trabalho e controle das resistências. Davis (2016, p. 19) explica que as mulheres negras sofriam de forma diferente

[...] porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

Os discursos sobre a potencialidade sexual de negros e negras ainda são evidenciados no contexto social, sem que seja problematizado o contexto histórico de violência sofrido pelas mulheres. Tais construções são reforçadas nos dias de hoje por meio de inúmeros dispositivos que criam verdades discursivas, principalmente, referente ao corpo das mulheres negras. Discursos decorrentes de continuidades sustentadas por um período da história marcado por profundas desigualdades raciais e de gênero, conforme afirma hooks<sup>29</sup> (2014, p. 25):

Enquanto os homens americanos idealizaram a natureza feminina branca, assaltavam sexualmente e brutalizavam as mulheres negras. O racismo foi sem expediente a única causa dos muito cruéis atos sádicos de violência perpetrados pelos homens brancos sobre as mulheres negras escravizadas.

---

<sup>29</sup> Optei por manter a grafia inicial do nome da autora em minúscula, respeitando o modo usado por ela nas obras consultadas e acionadas no texto. “O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas, isso quem me contou foi Flora. A justificativa, encontrei depois numa frase da própria bell: ‘o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu’”. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>



O desafio é superar os discursos que atravessam séculos e ainda permanecem atuais mesmo que de modo sutil, sem mostrar sua face perversa, mas que legitimam as posições que os sujeitos ocupam na sociedade, destacando a norma e usando as diferenças para enfatizar os desvios. As técnicas atuais não devem invisibilizar a reflexão referente aos dispositivos que controlam os corpos e reforçam preconceitos e discriminações.

Os estudos provenientes do pensamento decolonial ajudam a pensar as relações desiguais alicerçadas em questões de gênero e raciais. De acordo com Lugones (2014, p. 6), “Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social”. Nesse sentido, expressa-se a necessidade de descolonizar os discursos como forma de resistência às marcas da colonialidade em uma perspectiva que supere a perspectiva unilateral, possibilitando as múltiplas compreensões da realidade.

Seria ingênuo pensar que os antigos discursos relacionados às mulheres negras sustentados, principalmente, pelos saberes médicos e religiosos que legitimaram as relações de gênero e raça no contexto colonial, foram dissolvidos com o fim da escravidão. Ao contrário, eles ainda estão presentes em práticas cotidianas, mas convivem de modo cada vez mais acentuado com as resistências, dada as lutas dos movimentos feministas e negros que se fortalecem e interseccionam outros marcadores com as questões sexistas e provocam modos outros de viver a feminilidade. Segundo Ferrari (2010, p. 26), a modernidade

[...] também estabelece as condições históricas de construção dos negros como ‘primitivos’, de forma que essa população, de forma geral, foi rebaixada à categoria de ‘mercadoria’ e mesmo de ‘coisa’, num processo de ‘coisificação’ que atingiu sobremaneira os negros e, em particular, as mulheres negras.

Essas características foram socialmente construídas para homens e mulheres com base nas questões de gênero e acentuadas a partir de características físicas como a cor da pele. O entrevistado cita uma situação na qual se materializa a diferença de tratamento dado a mulheres brancas e negras, destacando como as relações de gênero podem ser diferenciadas de acordo com tal critério.

Tem, muito mais porque, por exemplo, ele olhou uma negra aqui vai bater nela, todo se impondo. Agora quando ele vê uma branca não, ele vai brigar com ela, ela vai logo chamar os direitos dela e tudo. Ela pode até não conhecer tanto, mas ele não

tem a mesma força que ele tinha de agressão com a negra porque ele vai olhar pra branca e vai logo associar ao conhecimento (MARCELO, Escola pública, 2019).

As mulheres negras tiveram seus corpos significados diferentemente das mulheres brancas por meio de verdades instituídas que usam marcadores para sustentar estereótipos através de relações de saber e poder sustentadas pelos “regimes de verdade” analisados por Foucault (1979) ao se referir às políticas de verdade da sociedade contemporânea, a exemplo da questão da associação da pessoa branca ao conhecimento citada pelo sujeito da pesquisa que tem efeitos na regulação de forças das relações, assim efetivam-se os “regimes de verdade”.

Por isso, sem desmerecer as lutas das feministas<sup>30</sup> da primeira e segunda onda<sup>31</sup>, foram enfatizadas neste trabalho as vozes das feministas da terceira onda que, de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016) teve início na década de 1990 e se estende até o momento atual, tendo como expoente a filósofa Judith Butler, uma vez que “As feministas da terceira onda focam sua atenção nas maneiras pelas quais o gênero se cruza com outros tipos de desigualdades, incluindo raça, orientação sexual e classe” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 33).

Direcionar o olhar para diversos eixos que se entrecruzam e constituem os sujeitos possibilita a desconstrução das tentativas de invisibilização de violação de direitos e das sobreposições que constituem os sistemas de dominação. Nessa direção, considero que as análises interseccionalizadas permitem melhor falar das jovens negras, pois operam problematizando marcadores diversos envolvidos nos processos de discriminação. Interseccionalidade compreendida como

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas de discriminação criam desigualdades básicas que estruturam as

---

<sup>30</sup> O feminismo é “um dos movimentos sociais e políticos mais importantes do século XX, cuja luta se concentra em reivindicar os direitos das mulheres. Também conhecido como movimento de mulheres, o feminismo tem como um de seus lemas históricos: ‘homens, seus direitos e nada mais. Mulheres, seus direitos e nada a menos’ (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 27).

<sup>31</sup> “A luta empreendida por mulheres entre o final do século XIX e o início do XX chamamos de primeira onda feminista, cujas principais reivindicações eram o direito ao voto, à propriedade (em muitos países, as mulheres não podiam ser donas de bens e propriedades), à educação e ao fim do casamento arranjado [...] A segunda onda feminista girou em torno dos movimentos de liberação feminina, iniciados na década de 1960 e que tiveram forte atuação nos anos 70. Nesse momento, uma vez que já se havia conseguido certa igualdade de direitos, as feministas passaram a propor um amplo debate a respeito das condições de vida e de trabalho da mulher [...]” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 31).

posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

As diversas dimensões precisam ser colocadas em primeiro plano superando análises unidimensionais que ignoram a complexidade de ser mulher, considerando os dispositivos que por meio das relações saber-poder fabricam os essencialismos. Bilge (2015, p. 15) destaca as relações de poder ao elaborar a seguinte definição “L’intersectionnalité est une analytique du pouvoir, précisément des entremêlements, des structurations et des organisations du pouvoir à travers une série de vecteurs de pouvoir coconstitutifs et en interaction de même qu’en fonction d’une série de domaines de pouvoir communicants”<sup>32</sup>, assim é possível problematizar os vetores e instituições que são acionados para colocar em circulação determinados discursos e ignorar outros.

A luta das mulheres negras dentro dos movimentos feministas amplia as discussões interseccionalizando os termos raça, gênero e classe, pois “Significativamente, à medida que o movimento feminista progrediu, as mulheres negras e de cor que ousaram desafiar a universalização da categoria ‘mulher’ criaram uma revolução nos estudos acadêmicos feministas” (hooks, 2017, p. 167), um modo de denunciar as discriminações e esboçar a demanda das mulheres negras que vivenciam discriminações de gênero e raciais, algo que as difere das demandas das mulheres brancas. A luta por direitos e espaços sociais precisa considerar as diferenças não no sentido de eliminá-las para garantir igualdade, mas considerando as singularidades que atravessam os sujeitos.

Como afirma Crenshaw (2006, p. 9) as “Strategies based solely on the experiences of women who do not share the same class or race backgrounds will be of limited utility for those whose lives are shaped by a different set of obstacles”<sup>33</sup>, experiências que ampliam os debates e possibilitam a problematização das interdições. O movimento das mulheres negras

---

<sup>32</sup> A interseccionalidade é uma analítica do poder, especificamente a mistura, estruturação e organização do poder por meio de uma série de vetores de poder co-constituintes e interagentes, bem como a função de uma série de domínios de poder comunicantes. Tradução gerada do google tradutor – <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>

<sup>33</sup> Estratégias baseadas unicamente nas experiências de mulheres que não compartilham os mesmos antecedentes de classe ou raça serão de utilidade limitada para aquelas cujas vidas são moldadas por um conjunto diferente de obstáculos. Tradução gerada do google tradutor – <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>

defende pautas específicas sem invalidar as conquistas do movimento feminista protagonizado por mulheres brancas para incitar ações que ajudem a desconstruir aspectos históricos que ainda nos dias atuais ressoam nos discursos que sustentam estereótipos ligados a mulheres negras. Davis (2016, p. 39) chama atenção para aspectos que constituem as diferenças entre mulheres brancas e negras, visto que:

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamentos e estupros – as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas.

As lutas das mulheres negras têm um teor diferente que está relacionado com suas vivências e com a história de seus pares, vozes silenciadas na história oficial por mecanismos de controle diferenciados, mas que sempre transgrediam as imposições. A carga de discriminações fez-se diferenciada para as mulheres de cor o que justifica a demanda específica a elas, interseccionalizar questões étnico-raciais e de gênero é fundante para olhar e falar sobre mulheres, no plural mesmo, para marcar a heterogeneidade.

De acordo com Fonseca (2000, p. 94):

Ainda quando se quer transgredir a tipificação do chamado homem de cor e ultrapassar os estereótipos negativos que configuram sua marginalização, as representações de negro tendem a cair nas armadilhas de justificativas ou na idealização de qualidades. A estética do atleta vigoroso ou da mulata exuberante e sensual servem bem a esse propósito.

Partindo dessa perspectiva, noto que os corpos femininos, em especial os negros, estão diretamente relacionados aos discursos como objeto de desejo e acabam servindo ao propósito de reforçar a mulher negra como amante e naturalizar as posturas racistas e sexistas. Considero fundamental interseccionalizar racismo e sexismo, visto que a história da mulher negra é marcada por estereótipos constituídos no período colonial e que na contemporaneidade são reforçados de modo sutil.

A superação de assimetrias criadas socialmente é desafiadora, visto que romper com a lógica opressora requer um desmontar da história, criar novas possibilidades de debates e discussões, interseccionando raça, gênero e classe que permitam focos de luz diferenciados para problematização de questões atuais de violências diversas contra as mulheres que,

segundo dados<sup>34</sup>, são ainda mais presentes entre as mulheres negras. Desse modo, marcadores diferenciados precisam ser acionados para as discussões sobre as mulheres que promovam a superação de cicatrizes, uma vez que

O racismo é um fator determinante para o número elevado de feminicídios no Brasil. O legado histórico da colonização e desenvolvimento econômico baseado na escravidão e exploração da população negra não só aumentam o risco de violência fatal, como geram condições de vida muito desiguais. Os indicadores sociais brasileiros, quando avaliados na perspectiva das mulheres negras, revelam um contexto de desigualdades que potencializam o risco de vida, prejudicam o acesso à justiça e a outros serviços que devem ser garantidos pelo Estado e reforçam caminhos de desvalor de vidas (PRADO, 2017, p. 61).

A violência contra as mulheres não é um fato recente, foi constituindo-se no decorrer da história, contudo, com o processo de urbanização e industrialização no qual as mulheres, ainda que brancas, passavam a acessar espaços antes destinados a homens, ocorreram diversos casos de feminicídios, pois “As mudanças chegavam mais rápido para elas do que para eles... Mas a história mostra que, diante das grandes mudanças, brotam grandes resistências. O desagrado dos homens com as ‘conquistas femininas’ não tardou a se manifestar” (DEL PRIORE, 2011, p. 144). Por meio da mídia, diversos casos tornaram-se públicos, o que fortaleceu a luta de mulheres contra a violência doméstica. A televisão na época começou a basear histórias exibidas na tela em histórias da vida real e na atualidade continua usando essa estratégia.

A história de vazamento de fotos íntimas de Jade contada no primeiro capítulo da telenovela volta a ser mencionada no capítulo 159 da telenovela quando a jovem ganha um concurso de beleza e Fabiana, sua colega de turma, expõe as imagens durante um programa ao vivo. A novela reproduz uma problemática que se acentua com os avanços tecnológicos, porém não esclarece que se trata de uma violência e as providências que legalmente podem e devem ser acionadas nesses casos.

As mudanças nos discursos que fabricam os corpos são reelaboradas de modo contínuo no contexto da cultura e dos avanços tecnológicos que instituem a ele novas funções por meio de novas técnicas de subjetivação. Nas palavras de Del Priore (2011, p. 76) “Há quem diga que o século XX inventou o corpo! Corpo novo e exibido. Mas, também, um corpo

---

<sup>34</sup> “Na página da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres Brasil, observamos que segundo pesquisa realizada em 2015, em 10 anos, o número de assassinatos de mulheres e meninas negras aumentou 54%, enquanto a taxa de assassinatos de mulheres brancas caiu 10%” (ONU Mulheres, 2015).

íntimo e sexuado que, lentamente, veria afrouxar as disciplinas do passado em benefício do prazer”, pois a partir da década de 1930 ocorreu certo afrouxamento do controle dos corpos, principalmente do corpo feminino, isso no contexto da industrialização que passou a oferecer produtos e serviços que canalizavam a relação do corpo voltada para o consumo, o cuidado e a erotização, instituindo novas experiências do sujeito com seu corpo, processo que se intensificou nas décadas seguintes.

Del Priore (2011) enfatiza como as revistas da época foram fundamentais para constituição dessa nova relação com o corpo, os modelos estavam ali, os desejos das mulheres de consumo eram acionados; assim como os desejos masculinos por meio da erotização dos corpos das mulheres. “Nas revistas femininas, multiplicaram-se anúncios de produtos de incentivo ao narcisismo, antes esmagado pelo pudor. A mulher ousava olhar-se no espelho. Ela constatava suas imperfeições e corria para corrigi-las” (DEL PRIORE, 2011, p.77), narcisismo que se iniciou no século XX e foi sendo aperfeiçoado e ressignificado e, nos dias atuais, é um dos principais elementos de sustentação dos discursos sobre os corpos femininos.

A telenovela *Malhação* é um dos principais dispositivos que na atualidade produz o corpo das jovens negras.

**Imagem 1** – Jade: erotização do corpo da jovem negra



**Fonte:** <https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2018/noticia/rayssa-bratillieri-e-andre-luiz-frambach-mostram-os-bastidores-da-viagem-a-praia-da-pipa.ghtml>

A personagem Jade, uma jovem negra, classe média alta que conhece muitos países, tem o corpo erotizado mesmo usando uniforme do Colégio Sapiência<sup>35</sup>. Como observado em uma das imagens acima, a aluna está sempre com a blusa amarrada e usa calças com cinturas bem baixas que deixam seu belo corpo em evidência; já na imagem da esquerda a jovem protagonizou cenas do concurso “Garota Francophone”, cenas gravadas na praia de Pipa, cidade Tibau do Sul no Rio Grande do Norte. A exposição de um modelo usado como uma técnica de constituição de verdade sobre o modo de ser jovem e bela e, certamente, despertará desejo nas jovens para chegar a esse padrão de beleza, mas incitam uma busca por um padrão de beleza hegemônico. Sobre a busca desse padrão um dos entrevistados diz que o/a jovem:

[...] ele olha assim aquela pessoa, principalmente em vestimenta, por exemplo, das mulheres, de beleza, maquiagem porque tipo a televisão te apresenta um padrão de beleza, entendeu. Um exemplo que eu tava dando pra minha colega uns dias atrás o padrão de beleza que na maioria das vezes se encaixou na cabeça das pessoas “uma pessoa gorda é feia”, pra ser bonita tem que ser magra, é uma coisa que enraizou, não tem como enraizou na cabeça das pessoas (MARCELO, Escola pública, 2019).

Esse enraizar citado pelo jovem sinaliza para uma tomada de consciência quanto à questão do processo de colonização dos corpos e mentes, contudo quando ele diz “não tem como” percebo que ele não visualiza a possibilidade de desconstrução de tais discursos. Os padrões de beleza legitimados certamente têm efeitos no modo como os/as jovens relacionam-se e em seu processo de identificação com suas raízes, sejam elas étnicas, religiosas, cultural ou de classe, ou seja, o exercício que pratica sobre si. As subjetividades são sempre transitórias, pois “[...] a subjetivação é um processo múltiplo, constante e instável, não resultando em formas definitivas de subjetividade” (GARCIA, 2001, p.40) e quando se alteram aspectos ligados à constituição de verdades imersas em relações de saber-poder o sujeito também se refaz aceitando ou resistindo às normas.

Após vivenciar uma cena de racismo a personagem Jade decide realizar algumas mudanças que podem indicar uma busca pelo afastamento de traços que a identifiquem como negra. Segue alguns diálogos que ajudam a analisar como o racismo materializa-se e os efeitos no processo de subjetivação da personagem.

**Jade:** Gente, eu tava passando pelo balcão e do nada o cara me chamou.

**Érico:** Como assim te chamou, pra te dar uma cantada?

---

<sup>35</sup> Nome do Colégio da Telenovela Malhação.

**Jade:** Não, não Érico, não é nada disso, calma! [...] Eu acho que ele pensou que eu era garçomete, pode acreditar nisso?

**Dandara:** Super dá pra acreditar, faz parte do nosso cotidiano infelizmente.

**Talíssia:** Racismo mesmo!

**Jade:** Calma aí, como assim racismo?

**Érico:** Como assim, se você fosse branca, de repente isso não ia acontecer.

**Dandara:** Então, essa é uma questão que acontece muito, a pessoa branca te olha e já vai pensando que você tá ali pra servir.

**Talíssia:** Não que tenha algum problema ser garçomete. Gente, nada disso, pelo contrário, mas é porque é a linha de raciocínio das pessoas.

**Dandara:** Minha mãe passa direto por isso no trabalho dela.

**Jade:** Sabe que a minha também. Um dia ela me contou que teve uma reunião na empresa com pessoas desconhecidas, aí do nada o executivo pediu pra ela trazer um café.

**Talíssia:** Ele era tipo superior dela?

**Jade:** Não, não, impossível! Minha mãe é presidente da empresa.

**Jade:** Eu sei que esse tipo de coisa existe, mas assim nunca tinha acontecido comigo (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 189).

As discriminações ligadas à cor da pele e a traços expressos no corpo cristalizam-se em situações como a da cena vivenciada por Jade na telenovela *Malhação*, ela ressalta que nunca havia passado por uma situação dessa natureza. Os casos demonstram que o pensamento decorrente da vivência colonial está “vivo”. A presença do racismo nas práticas cotidianas, em pleno século XXI, ainda é recorrente como, por exemplo, a ligação de certas atividades à cor da pele do sujeito.

As duas amigas de Jade, Dandara e Talíssia que já vivenciaram ou presenciaram situações de discriminação ressaltam que são práticas cotidianas rotineiras na sociedade brasileira. Referente às práticas racistas, o jovem entrevistado menciona que “Há muito racismo ainda aqui no Brasil, principalmente com pessoas pobres que moram em favelas porque como acontece em muitos casos, ah! Ele tá andando assim, ele é moreno, tá com uma roupa diferente, tá com chapéu diferente, é bandido. É preto, é bandido” (MIGUEL, Escola particular, 2019).

Um pensamento que foi criado usando as diferenças para buscar definir os lugares que cada sujeito ocupa na dinâmica social, reforçar estereótipos racistas que tendem a ser acentuados pela classe social<sup>36</sup>. Associar a imagem do negro a coisas negativas é uma prática ainda recorrente na sociedade brasileira narrada como exemplo de convivência com as diferenças. Os próprios ditados populares como, por exemplo, “A coisa está preta”, liga a cor

---

<sup>36</sup> “Classe social: Na análise marxista, cada um dos grupos em que se divide a sociedade capitalista: fundamentalmente, os proprietários (burguesia) e os não-proprietários (proletários) dos meios de produção. Na teorização crítica neomarxista, a educação está centralmente implicada na reprodução da divisão da sociedade em classes” (SILVA, 2000, p. 26-27).



preta à negatividade e funcionam para reproduzir as discriminações. E os sujeitos constituem-se atravessados por esses enunciados, por vezes até os utilizam sem fazer uma reflexão do dito e agem negando o racismo como expressa um dos entrevistados no trecho abaixo.

Isso tá impregnado no cotidiano da gente porque mesmo as pessoas sendo negras, elas mesmo, mesmo a gente falando eu não sou racista, mas a gente tem esse pensamento porque foi criado. Se a gente vê uma pessoa andando, mais morena assim, na rua de noite num horário, assim que tá vestido com roupa mais largada, alguma coisa assim, a gente já pensa que é ladrão, a gente já fica com medo. Então, isso já é uma coisa que já foi implantada em nossa cabeça, mesmo a gente não tendo esse pensamento de racismo, de maneira indireta a gente acaba praticando ele (RODRIGO, Escola particular, 2019).

A fala do jovem apresenta a reflexão do quanto as mentes estão colonizadas pelo pensamento racista que se expressa na internalização de atributos positivos e negativos de acordo com padrões visíveis nos corpos dos sujeitos que se concretizam nas práticas frente a situações como a citada por ele. Sobre as discriminações a partir de características físicas Lélia Gonzalez (1982, p. 55), conta uma história que vivenciou:

Fui designada pelos companheiros de movimento para levar nossa plataforma política a um famoso e respeitado candidato da oposição, que é negro. Na sala de espera de seu escritório, fui abordada por uma jovem recepcionista, ‘morena queimadinha’, que foi logo me dizendo: ‘Escuta aqui, minha filha; se você veio aqui pra pedir emprego ao Dr.[...] [sic], nem adianta, porque ele não vai receber.’ Por aí se vê que, de acordo com sua bela cabecinha, uma crioula querendo falar com o candidato, só poderia ser para pedir emprego.

A situação descrita pela autora possibilita a problematização a partir da descrição que ela faz da recepcionista “morena queimadinha” que se trata de uma jovem negra que talvez não se reconheça como tal, negando sua cor para tentar “ser branca”. A internalização de lugares destinados a cada sujeito em decorrência de traços físicos ainda está presente em atitudes cotidianas discriminatórias, a exemplo das situações vivenciadas por Gonzalez e a personagem Jade.

Como a personagem Jade agirá após esse episódio?

**Jade:** Hello! Pensei muito, muito, muito e tomei uma decisão.

**Michael:** Olha, você cuidado com decisão agora, tá muito cedo pra notícia bombar.

**Pérola:** Deixa ela contar, que decisão é essa?

**Jade:** Então, eu decidi alisar meu cabelo de novo.

**Pérola:** Alisar o cabelo?

**Michael:** Eu acho que você ficaria gata até careca, ok, ok, mas o que fez você decidir isso hoje?

**Pérola:** Jade, Jade, isso não tem a ver com aquela história que você me contou, né, que o cara te confundiu com a garçonete?

**Jade:** Não, não, claro que não (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 190).

A negação da identidade negra é expressa pela jovem nos capítulos seguintes que busca reverter os aspectos presentes em seu corpo que a identificam como negra. O conjunto de técnicas e procedimentos que levam a personagem a desejar realizar as mudanças configuram-se no que Foucault (1997) analisa como “técnicas de si”. O fato vivenciado pela personagem mexeu com a autoestima da moça que passa a buscar o aperfeiçoamento do corpo com base no padrão de beleza branca, desvalorizando sua beleza por causa do preconceito ocorrido, o que suscita, segundo Souza (1983, p. 7), a necessidade de problematizar esforços inúteis para curar a ferida, uma vez que

Primeiro tenta se metamorforsear o corpo presente, atual, de modo penoso e caricato. São os ‘pregadores de roupa’ destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos usados para alisar o ‘cabelo ruim’. Em seguida, vêm as tentativas de aniquilar, no futuro, o corpo rebelde à mutação, no presente. São as uniões sexuais com o branco e a procriação do filho mulato.

O desejo é acionado para se alcançar os traços físicos considerados como padrão de beleza, os modelos estão nas telas da televisão, nas capas de revistas, nos *outdoors*, todos dizendo o que é belo, sendo consumidos por diferentes técnicas de intervenção que podem ser realizadas no corpo. Nessa perspectiva, “Perder a cor, significa para o indivíduo, uma sujeição completa ao imperativo racista” (SOUZA, 1983, p.12), que fabrica um padrão de beleza branca usando negativamente os traços dos cabelos, nariz, boca e a cor da pele dos negros. Mas, veja bem, você pode negar tudo isso e ser branco<sup>37</sup>.

Jade começou a se achar feia, rejeitar seus traços e procurar se aproximar dos traços apresentados de beleza assentados na cultura europeia. Quando o assunto foi a cena de racismo vivenciado pela personagem, os/as jovens de Abaetetuba disseram que a apresentação da temática tem efeitos na vida dos/as jovens, destaco três falas nos parágrafos seguintes.

---

<sup>37</sup> “Vale recordar aqui um fato muito interessante, que nos remete à *ideologia do branqueamento*. Como se sabe, ela consiste no fato de os aparelhos ideológicos (família, escola, igreja, meios de comunicação etc.) veicularem valores que, juntamente com o mito da democracia racial, apontam para uma suposta superioridade racial e cultural branca. Vale notar que é justamente aí, por essa articulação entre mito e ideologia, que se deve entender o caráter disfarçado do racismo à brasileira. Daí se segue que pessoas negras (pretas ou mulatas, porque dá no mesmo) internalizam tais valores e passam a se negar enquanto tais, de maneira mais ou menos consciente (o mesmo acontece com as pessoas ‘brancas’, isto é, aquelas cujos traços revelam uma ascendência negra, mas que são *vistas* como brancas; Abdias do Nascimento as chama de ‘brancóides’) [...]” (GONZALEZ, 1982, p. 54, grifos da autora).

Sim, eu tiro por mim, antes, eu sempre tive o cabelo crespo, mas minha família sempre disse que o cabelo liso era mais bonito. Então, eu comecei a alisar muito o cabelo, até eu ficar quase careca. Então, sim, isso vai influenciar porque as jovens negras elas vão ver “ah! Eu tenho que mudar então para eu não sofrer preconceito”. A gente vê muito hoje, por exemplo, a jogadora Ludmila, ela num supermercado e um segurança atrás dela. Isso já aconteceu comigo, de eu entrar num lugar e o segurança tá atrás de mim, entendeu. Então, isso vai refletir muito no jovem porque eles vão querer mudar “se eu mudar a aparência, talvez eu não sofra preconceito” (TAÍS, Escola particular, 2019).

O trecho da entrevista de uma aluna negra apresenta uma problemática vivenciada por muitas jovens que desejam mudar a aparência por causa dos modelos fabricados e reforçados e a mídia televisiva é um dos dispositivos que dá visibilidade a eles. A negação das origens africanas, o medo de não ser aceito são fatores que compõem esse cenário e levam muitos jovens a colocarem em risco sua saúde e vida em busca da “beleza”.

A jovem entrevistada comenta sobre a pressão da família para que ela efetivasse as mudanças, algo realmente preocupante, mas que certamente muitas jovens negras passam, talvez porque seus pais já tenham vivenciado tantos preconceitos e tenham medo de que seus filhos sofram ou mesmo por falta de conhecimento que propicie a eles resistir às normas. Como afirma Veiga-Neto (2003), há um conjunto de tecnologias que permitem aos indivíduos efetuarem operações sobre seu corpo, ou seja, os indivíduos são subjetivados a desejarem o que é exposto como “belo” e efetuarem mudanças no corpo.

Outra jovem entrevistada diz:

Pra pessoas que não sofrem preconceito não é nada, mas pra pessoa que tá sofrendo preconceito é uma crítica muito grande, pois as meninas hoje todas tentam se considerar que têm todas as lutas, as causas por conta disso, mas hoje ainda tem muita criança e adolescente que quando escuta um colega ou qualquer outra pessoa a julga, o cabelo, tipo julgar a cor, até os lábios. Às vezes fica com aquele pensamento, ah se eu tivesse cabelo liso, se eu fosse branca, se eu tivesse meus lábios menos, será que não iam me ver de outra forma, não iam parar de me criticar. Só que hoje já tem várias lutas pra isso, mas ainda existe muito esse preconceito, pois eu quero impor na outra pessoa que ela tem que ser do jeito que eles querem, não do jeito da pessoa (LEANDRA, Escola pública, 2019).

Além de trazer alguns elementos já analisados na fala da outra jovem entrevistada, o trecho acima é convidativo para reflexão de outros aspectos; o primeiro é a questão das críticas feitas por pessoas que nunca passaram por episódios de racismo e acabam banalizando as situações de racismo vivenciadas por outras. Um segundo aspecto acionado na fala da entrevistada é a questão das lutas, os movimentos de resistência para pensarmos a relevância

da constituição de discursos outros que apresentem as diferenças positivamente. A questão da resistência emerge da fala de um dos entrevistados que afirma:

Normalmente é isso que acontece, na maioria das vezes uma pessoa sofre racismo, ela não consegue tipo logo se impor, se identificar eu sou negra, eu sou bonita do jeito que eu sou. O jovem sofreu um racismo, a exemplo dela, égua me chamou de garçõete só porque sou negra, cabelo assim, ele me viu como uma garçõete. Ela não voltou e tentou tirar satisfação com ele, explicar as coisas pra ele, não, não é porque sou negra que eu vou ser garçõete (MARCELO, Escola pública, 2019).

O jovem destaca a importância da resistência às práticas racistas, destacando que a personagem Jade deveria ter explicado ao sujeito que a associou à imagem forjada de garçõete de modo a esclarecer que as características físicas não determinam o lugar que as pessoas ocupam nos diversos espaços da sociedade. Tal posicionamento demanda conhecimentos, inserção no campo das lutas pelas diferenças, lançar novos olhares para além daqueles que por séculos foram reproduzidos e um atrevimento também para descolonizar o Outro.

Jade aparece nos capítulos seguintes com cabelo alisado e mechas douradas e expressa a ideia de realizar outras mudanças,

**Jade:** Tem um lugar que eu quero ir muito, muito, muito que eu soube que eu podia fazer o nariz se meus pais autorizarem.

**Talíssia:** Jade, que nariz é esse que você vai fazer?

**Jade:** E também quero fazer minha boca, aí eu já vi com minha dermatologista.

**Pérola:** Gente, amiga o que você tá inventando?

**Jade:** Então, uma afiladinha pra cá, pra cá.

**Dandara:** Jade vem cá, para de fingir, senta aqui, vamos conversar.

**Dandara:** Então, é que a gente percebeu que aquele episódio de racismo aqui no Le kebek, lembra, mexeu com você.

**Jade:** Gente, brincadeira, eu nem pensava mais nisso. Você acha que um cara ridículo desse ia me tirar do sério?

**Talíssia:** Você tá falando isso, mas nitidamente não é o que você tá sentindo.

**Dandara:** Quando eu era mais nova, eu também alisei meu cabelo várias vezes, eu não me via nas novelas, nas revistas, então eu não achava meu cabelo bonito, mas ele é lindo!

**Talíssia:** As nossas raízes são tão bonitas, Jade!

**Érico:** Não entre nessa de negar quem você é. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 195).

A discussão acerca da valorização das raízes negras é enfatizada nos diálogos com os/as colegas. A telenovela possibilita a problematização da questão a partir da fala dos/as demais alunos/as da escola e inclusive menciona o fato da falta de referência à explicitação da beleza negra em revistas, novelas, insinuando que hoje é diferente. Concordo que muitas

coisas mudaram, mas também há continuidades que podem passar despercebidas por olhares menos atentos.

No desfecho da abordagem da temática, Jade diz: “Tudo que sei agora é que vou tirar esse cabelo horroroso porque eu vi tipo numa revista francesa que agora tá tipo cafona” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 198). A mudança da jovem foi motivada pelas tendências da moda estabelecidas inclusive fora do Brasil e a força dos discursos para constituição das subjetividades. Nesse sentido, Fonseca (2000, p. 102) afere que:

[...] o negro precisa ultrapassar os estereótipos que reforçam os significados negativos colocados a atributos considerados distantes do padrão de beleza aceito pela sociedade. Além da cor da pele, outros predicativos do corpo negro são destacados para reforçar sua exclusão. Muitas canções populares de grande sucesso reforçam tais preconceitos, mesmo quando se querem cordiais. A negra de ‘cabelo duro’ não tem pente que a penteie e a mulata, em outra canção, também tem destacado um tipo de cabelo que não nega sua cor.

O racismo funciona como mecanismo de controle e dominação ganhando novos formatos após a abolição, mais sutil no sentido de velar a desigualdade de oportunidades e a definição de lugares para as pessoas de cor. A estética racista atual atribui ao sujeito a definição de sua autoimagem e, ao mesmo tempo, expõe imagens na mídia que fabricam padrões. O que não faltam são silêncios que precisam ser rompidos para vozes ecoarem, pois “Apesar dos intentos em sentido contrário, a identidade do negro está basicamente definida pelo branco” (HASENBALG, 1982, p. 106). Assim, as redes de sentidos depreciativos precisam ser rompidas, assim como os padrões que ainda se materializam na mídia, o que demanda uma leitura crítica dos produtos midiáticos.

Vale mencionar que a personagem Jade no decorrer da telenovela apresenta uma postura preconceituosa relacionada aos/às colegas de turma que conquistam o direito de frequentar a escola por meio do projeto da ONG Percurso. E, mesmo quando ela se interessa por Érico, rapaz negro e de classe social diferente da personagem, ela tenta esconder o relacionamento. Após pressão da amiga Pérola, Jade conta que está ficando com Érico, porém pede segredo absoluto. Pérola questiona o porquê e Jade diz: “É que o Érico não é o tipo de garoto que eu me interesso, ele é pobre, falei!” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 103). O fato do rapaz ser negro não seria problema para o relacionamento, mas a questão de classe é acionada para justificar o namoro escondido, pois se ele fosse rico a cor da pele seria invisibilizada pela classe social.

A postura de Jade é reforçada quando ela é convidada para ajudar na ONG entregando quentinhas para os meninos de rua e ela diz: “Eh, parece fácil, mas é que eu tenho alguns probleminhas com pessoas assim, sabe, diferentes do meu meio. Esses meninos não cheiram muito bem, não é?” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 109). O fator econômico é colocado em foco nas cenas envolvendo a personagem mesmo depois de vivenciar cenas de racismo. A questão da classe social é usada para minimizar outros marcadores que compõem os conflitos envolvendo a personagem. “Dessa forma, a classe social tenderia a substituir raça e etnicidade como critério de estratificação social e fonte de conflito” (GONZALEZ, 1982, p. 71), na medida em que outros aspectos servem de justificativa para uma suposta superação dos preconceitos decorrentes da cor da pele, a ascensão social daria aos negros uma posição na sociedade que “invisibiliza” as características físicas.

#### **4.2 Jovem negra, medicalização do corpo feminino e resistência**

Observo ainda hoje a permanência da separação entre os gêneros. No momento em que a mulher descobre que está grávida iniciam as especulações para saber o sexo do bebê e, assim, sejam definidas as cores do quarto, o nome e o enxoval. Após o nascimento e no decorrer do crescimento da criança os brinquedos são selecionados e oferecidos a ela levando em consideração a construção binária entre os sexos. A criança aprende muito cedo a dizer o que é de menino ou de menina e a se afastar do que seria uma anormalidade; mesmo sem saber o real significado dessas práticas a criança as naturaliza e as coloca em seus discursos.

As discriminações são sustentadas e transmitidas desde os primeiros dias de vida de acordo com a cultura do grupo, desconsiderando que não se nasce homem ou mulher, mas que cada um se constitui como tal. As práticas de normalização do gênero ao sexo desconsideram as formas plurais de vivenciar o corpo, sendo esse insuficiente para definir o sujeito. Cada pessoa inventa e (re)inventa formas de estabelecer relação com seu corpo no contexto em que vive, ora rendendo-se aos modelos estabelecidos, ora transgredindo as regras esperadas de acordo com o sexo.

Situo as reflexões a partir da personagem Dandara, jovem negra que chega de volta ao Brasil após morar e estudar vários anos no Canadá e conhecer culturas diferentes. Sua postura é bem diferenciada das demais jovens do Colégio e muito questionada pelos rapazes, principalmente aqueles que apresentam atitudes e comportamentos ancorados em posturas sexistas. A jovem chega ao colégio já no segundo semestre do ano letivo e com sua postura

questionadora começa a propor mudanças que garantam os direitos dos estudantes, dentre elas a criação do Grêmio Estudantil<sup>38</sup>, o que é aceito e aprovado pelos seus colegas. As imagens abaixo registram os momentos de disputa entre os candidatos ao grêmio do colégio.

**Imagem 2** – Dandara participa da eleição do Grêmio Estudantil



Fonte: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/eleicoes-malhacao/>

Iniciam as disputas para o Grêmio Estudantil e Dandara forma uma chapa que concorrerá com outras duas, lideradas por Fabiana e Hugo. O discurso da candidata no momento de apresentar sua chapa para os colegas expressa o enfoque dado à personagem que apresenta o seguinte slogan “Pela igualdade! Vote Dandara!”, em seu discurso enfatiza,

**Dandara:** Minha ideia é ser um canal pra dar voz aos alunos. Não quero representar só minhas ideias, mas quero que todo mundo seja escutado, principalmente quem não se sente representado em nosso dia a dia. Quero trabalhar para que todo mundo tenha os mesmos direitos não só os privilegiados (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 133).

---

<sup>38</sup> Grêmio Estudantil “É um elemento institucional legal, sob a égide do qual os alunos da educação básica têm a possibilidade de se organizarem e desenvolverem atividades as mais variadas, visando promover o desenvolvimento intelectual, social e político de seus integrantes” (FERNANDES, M., 2001, p. 57).

O trecho acima dá o tom à personagem, uma jovem que luta pelo direito das minorias. Os grêmios estudantis inscrevem-se no cenário dos movimentos sociais contemporâneos que articulam coletividades em torno de lutas específicas como a luta pelos direitos estudantis articulados a outras lutas como dos movimentos feministas, negros, religiosos, de sexualidade, dentre outros. “O grêmio estudantil pode se tornar um lugar concreto de prática social, e a escola, como arena relacional, pode se tornar lugar profícuo para o exercício de experiências sociais de participação” (MARTINS, 2010, p. 61), ao evidenciar outra face da escola, pois essa

[...] tem se mostrado um local propício para efetivação do processo de construção identitária. As situações vividas em seu cotidiano refletem uma ação particular de seus atores de acordo com suas vivências e experiências. A autonomia, que é um objetivo dos movimentos sociais nas sociedades complexas, demonstra mudanças importantes nas formas de representatividade e deixa claro que, na atualidade, as organizações políticas tradicionais parecem não ser o paradigma a ser seguido quando o tema é participação social da juventude (MARTINS, 2010, p. 63).

A escola como essa arena de relações de poder sempre em atividade possibilita experiências de participação, resistências, disputas em torno de direitos e identidades. A telenovela *Malhação* explora esse potencial juvenil de participação nos movimentos sociais contemporâneos, ao apresentar uma jovem negra politizada, que luta por seus direitos e faz o enfrentamento nas relações de forças das quais participa. Dandara, ao questionar em suas falas os privilégios de determinados sujeitos, enfatiza que suas viagens e experiências ligadas ao tempo em que ela passou fora do país e o contato com outras culturas lhe possibilitaram esse modo de olhar as diferenças.

Fato que é questionado por Fabiana que diz: “Você acha que uma pessoa negra rica pode lutar pelos direitos da minoria?” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 137). O tensionamento das posições de sujeitos e do jogo de identidade (HALL, 1997) faz com que o fato dela ser negra, mas rica, não a legitime como porta voz das minorias, pois o discurso vinculado à classe social como ponto de diferenciação e superioridade frente a outros marcadores é acionado no questionamento feito por Fabiana. Entretanto, Dandara utiliza seu lugar de fala de mulher negra para legitimar seus posicionamentos, mesmo diante de todo o sexismo e racismo sofrido.

A força e os modos de resistência construídos por Dandara estão presentes desde seu nome, o que pode ser considerado como uma estratégia para compor o perfil da jovem, visto



que esse era o nome de uma guerreira negra, esposa de Zumbi dos Palmares<sup>39</sup>. Dandara é uma jovem negra e consciente de seu lugar de fala e que faz da militância estudantil o espaço-tempo para questionar as desigualdades que se interseccionam nas lutas de classe, etnia, gênero, religiosidade. As práticas feministas construídas por Dandara na escola operam como diferentes posições de sujeito, construindo jogos de lutas interseccionais para agregar meninas negras e pobres, meninas negras de classe média, meninas brancas, homens que compreendem as lutas feministas.

Ao se referir à cena da disputa do Grêmio Estudantil protagonizada por Dandara, um dos entrevistados de Abaetetuba ressalta a relevância de espaços de discussão para que os jovens possam tematizar questões cotidianas e lutar por seus direitos: “Hoje a gente não tem uma voz aqui dentro. Antes, na época que a minha irmã estudava aqui havia uma rádio que eles sempre se reuniam, conversavam, chamavam um aluno para conversar, mas isso foi excluído com o tempo” (SÉRGIO, Escola pública, 2019). Apesar de circular no senso comum a ideia de que os/as jovens não têm interesse em projetos coletivos e lutas políticas, tanto a telenovela quanto os/as jovens entrevistados/as enfatizam a importância de ter espaços de debates e diálogos em que tenham voz para lutar por seus direitos e dividir seus anseios. Assim levanto a pergunta: que espaços hoje são disponibilizados para momentos de reflexão dos/as jovens para problemáticas atuais e como esses/as jovens que questionam tais espaços são vistos/as e tratados/as na escola?

Durante o momento de exibição das propostas dos candidatos ao grêmio do colégio, Fabiana defendeu o uniforme completo e padronizado e Dandara começou a vaiar, visto que anteriormente havia ocorrido uma discussão já que um aluno homossexual foi impedido de usar saia e salto na escola. Seguem as falas dos personagens:

**Hugo:** A candidata tá perdendo a linha mesmo. Garota, por que você é estressada assim? Você passa o dia esquentada, vai acabar se queimando.

---

<sup>39</sup> “Descrita como uma heroína, Dandara dominava técnicas da capoeira e teria lutado ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas consequentes de ataques a Palmares, estabelecidos no século XVII na Serra da Barriga, região de Alagoas, cujo acesso era dificultado pela geografia e também pela vegetação densa. Não se sabe se a mulher de Zumbi nasceu no Brasil ou no continente africano, mas teria se juntado ainda menina ao grupo de negros rebeldes que desafiaram o sistema colonial escravista por quase um século. Ela participava também da elaboração das estratégias de resistência do quilombo. Dandara é a mais representativa liderança feminina na República de Palmares. Participou de todas as batalhas, de todas as lutas, de tudo que lá foi criado, organizado, vivido e sofrido”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descrita-como-heroína-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996>

**Dandara:** Garoto, dá pra me deixar em paz, vai procurar a sua turma, eu tenho mais o que fazer aqui.

**Hugo:** Eu acho que eu sei por que você é assim, vou te dar três opções aqui: a primeira isso é falta de homem, a segunda, excesso de causa social, terceira todas as anteriores (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 134).

Quanto ao trecho “falta de homem”, no diálogo citado acima, um jovem de Abaetetuba comenta que “A partir do momento que ele falou falta de homem, tenho certeza que ele não sabia o significado do que ele tinha falado, entendeu. Falou só por falar. É puro machismo, não tem conhecimento, não teve ensinamento do que é aquilo” (MARCELO, Escola pública, 2019). Esse enunciado conduz-nos à reflexão de quantas vezes são repetidas frases feitas sem que os sujeitos atentem para os enunciados que estão reproduzindo. O entrevistado finaliza dizendo que Hugo não teve ensinamento sobre o assunto, na verdade ele foi ensinado dessa maneira, os episódios seguintes envolvendo o personagem Hugo mostram que seu pai é machista e ele reproduz a educação que recebeu em casa.

Hugo atribui o posicionamento de Dandara à falta de homem, um discurso que durante décadas esteve alicerçado nos ensinamentos religiosos que destacam o homem como “cabeça” da família, justificando relações desiguais entre homens e mulheres. Tal discurso repetido de modo tão exaustivo que aparece na fala de um dos jovens entrevistados quando diz: “Ele pode ter falado essa fala ‘falta de homem’ porque o homem que é a base, no caso a mulher anda ao seu lado, um acompanhando o outro, um ajudando o outro” (RODRIGO, Escola particular, 2019). Note que ele afirma que o homem é a base mesmo destacando em seguida que um ajuda o outro, quem legitimou que o homem é a base? A fala do jovem em alguns momentos indica relações de igualdade entre homens e mulheres e em outros momentos reproduz algo constituído historicamente.

Assim, noto como materializa-se a constituição dos sujeitos a partir de diferentes enunciados atuais e outros ensinados desde os primeiros dias de vida. A essa tensão entre os discursos marcados pela colonialidade e as discussões atuais demandadas pelos movimentos feministas negros que problematizam a intersecção que acentuam as discriminações denomino “Subjetividades de fronteiras”. Em alguns momentos os/as jovens visualizam o processo de criação das posturas racistas e sexistas, porém seus enunciados nem sempre apresentam posturas reativas. Há uma série de aparatos que são colocados em ação para sustentar a fabricação de verdades e a mídia como território imaterial ajuda a organizar o mundo material (FERNANDES, B., 2008).

A medicina por causa dos conhecimentos limitados, durante algum tempo, utilizava os ensinamentos religiosos para justificar, sustentar e definir a necessidade de medicalização feminina. Del Priore (2004, p. 69) destaca que “Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina deveria obedecer, os médicos reforçavam tão-somente a ideia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico: ser mãe, frágil e submissa, ter bons sentimentos etc.”. Nesse sentido o corpo vinculado à questão biológica e envolto dos discursos de ordem moral e metafísica sustentaram durante muito tempo as definições sobre o corpo da mulher que naturalizavam um modo ser feminino a partir de técnicas ligadas à sexualidade.

A saúde da mulher segundo esta concepção dependia dos homens, pois as doenças eram justificadas pela falta de sexo. A reprodução cumpriria um duplo papel, seguir as normas da Igreja sobre a função original da mulher e garantir a saúde feminina. O corpo da mulher é colocado como inferior e dependente do homem que tinha autoridade sobre ele, Del Priore (2004, p. 69) afirma que nesse tipo de relação: “[...] a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho”, de modo básico essa seria a função da mulher na sociedade daquele período.

Um dos jovens entrevistados ressaltou o aspecto histórico de constituição das relações de gênero ao expor que “Há ainda muito machismo porque os homens pensam que a mulher foi feita pra ficar em casa, não tem que trabalhar, não tem que expor seus pensamentos. Mas isso foi criado muito antes, muito antes, já busca pra um contexto histórico” (RODRIGO, Escola particular, 2019). A compreensão de que as relações desiguais são produzidas e não algo natural é um processo relevante para a resistência e produção de discursos outros desvinculados dos discursos alicerçados em aspectos biológicos e morais, pois esses ainda são acionados como técnica de controle do corpo feminino.

Foucault (2006b) destaca a histerização do corpo da mulher como um dos grandes conjuntos de estratégias que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo, processo que qualifica e desqualifica o corpo da mulher por meio da imagem da “mulher nervosa”. A imagem da mulher histérica ainda ecoa nos dias de hoje como modo de mostrar o desequilíbrio feminino frente a atitudes de resistência aos padrões patriarcais, questão ressaltada na fala da personagem Pérola: “A Dandara se estressa demais, né! Mas sabe o que é que eu acho? Se fosse um cara falando as coisas que ela fala, o cara seria firme, super convicto nas ideias dele. Agora, só porque é uma menina, a galera fala que é histérica,

sem noção” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 135). O trecho da fala de Pérola, amiga de Dandara, retrata como na atualidade as posturas de resistência aos padrões de gênero, as lutas de mulheres por igualdade e a ocupação de diferentes espaços naturalizados como masculinos incomodam por desafiarem os comportamentos tidos como padrão. Tratando-se de uma mulher negra ocupar espaços de fala, a exemplo da personagem Dandara, certamente os preconceitos acentuam-se.

Comportamentos ensinados e repetidos de modo exaustivo que se estabelecem como verdade e, em meio a eles, as novas gerações vão constituindo-se como menciona um dos entrevistados ao dizer que “[...] principalmente as gerações antigas que acabam influenciando os novos, os jovens que não tem um conhecimento acabam se tornando assim. Eu acho que essa temática foi muito boa deles trazerem para conscientizarem as pessoas de que hoje em dia o mundo está mudando [...]” (MIGUEL, Escola particular, 2019). O jovem fala da falta de conhecimento, pois diferente das gerações de algumas décadas atrás que foram ensinadas por meio de um discurso único, os/as jovens da atualidade convivem de um lado com os discursos padronizados e de outro com as discussões e lutas que propiciam novas relações entre homens e mulheres, conhecimento que possibilita aos/às jovens constituir outras relações de gênero.

Após o ocorrido no momento da fala dos candidatos ao Grêmio do Colégio Sapiência, Hugo procurou Dandara para pedir desculpas, dizendo que “pegou pesado”, e ela respondeu:

**Dandara:** Não, você não pegou pesado só comigo, você pegou pesado com todas as mulheres do mundo. Falar que uma mulher é amarga por causa de homem é uma das coisas mais absurdas que existe. Você precisa entender que esse comportamento machista ninguém aceita mais, aliás, esse comportamento sexista que foi regra no país durante anos (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 134).

Nesse sentido, ocorrem as tentativas de silenciamento alicerçadas pelas tecnologias de invisibilização dos diversos aspectos que constituem a mulher negra. Técnicas que expõem por meio de falas o suposto desequilíbrio das mulheres em decorrência da falta de sexo e da figura masculina, essas são estratégias de controle dos corpos, como ensina Foucault (1979) quando afirma que o controle começa no corpo, mas é através do corpo que também se expressam os conflitos, as resistências.

No espaço da universidade, da política, entre outros, quando tantas mulheres lutam por espaços, expondo suas opiniões, resistindo aos padrões, não faltam expressões que as associem à “falta de homem”. Não formar uma família nos moldes tradicionais – a família nuclear, ser mãe solteira, decidir não ter filhos, ir ao bar sozinha, ocupar espaços

predominantemente masculinos são resistências que soam como perigosas para a manutenção das normas.

A atitude de Hugo pode ser considerada uma técnica que busca controlar e silenciar as resistências femininas, nesse sentido uma das entrevistadas diz: “Ela quebrou o tabu naquela escola, ele eu acho que não gostou, por isso que ele sempre colocava ela pra baixo pra ver se ela parava em algum momento de fazer aquelas coisas, se ele abatia a certeza dela ‘eu vou falar isso pra ela parar’” (ADRIANA, escola pública, 2019). A materialização de atitudes como a contada na cena entre Hugo e Dandara apresentam-se nos casos de violência psicológica vivenciada por mulheres cotidianamente e muitas vezes nem percebidas pelo fato das relações desiguais de gênero terem sido por tanto tempo naturalizadas.

Djamila Ribeiro (2018, p. 113) analisa a manchete da revista *Veja* sobre a esposa de Michel Temer, que a descrevia como “‘Bela, recatada e do lar’. O texto elogiava o fato de Marcela ser discreta, falar pouco e usar saias na altura do joelho”, por considerar que a reportagem visa fazer uma oposição à postura de Dilma, que representaria a transgressão à tentativa de criação de padrão feminino. Ainda citando o caso da revista *Veja*, a autora salienta que “Um homem no lugar dela não teria a capacidade questionada nos mesmos termos nem sofreria ataques tão violentos como os que Dilma vem sofrendo daqueles que não respeitam a legalidade” (RIBEIRO, D., 2018, p. 113). As tentativas de silenciamento confrontam-se com as resistências, como ocorre no caso citado por Ribeiro relacionado à manchete da revista *Veja*, em que a autora ressalta a manifestação de feministas que lançaram a hashtag “#belarecatadaedolar”<sup>40</sup> como forma de protesto.

Lançar campanhas, incentivar e incorporar-se a movimentos de luta por igualdade de direitos são ações necessárias, pois, mesmo com tantos conhecimentos que vêm sendo produzidos e discutidos nas últimas décadas, ainda se observa na prática as tentativas de controle. A fala de um dos entrevistados apresenta uma dimensão do modo como isso se efetiva “O que realmente acontece, hoje em dia, a gente percebe que aquela aluna que busca mais os direitos sociais dentro da sala de aula né, a gente vê até professor de algumas escolas dizendo: ‘Você é muito stressadinha, você tá de TPM hoje?’” (KLEBBER, Escola particular, 2019).

---

<sup>40</sup> As postagens de imagens de mulheres fazendo coisas consideradas inapropriadas para uma mulher circularam na internet e constituem-se como forma de resistência a padrões de uma sociedade sexista.

Ao expor uma jovem dessa maneira, o professor tenta controlar seu corpo reproduzindo discursos que defendem a ideia de que a mulher deve ser submissa e não expor suas opiniões. Caso ela o faça, aciona-se discursos como “estressadinha” “está de TPM”, como estratégias para inibir as transgressões, atribuindo ao comportamento uma carga negativa. A relação consigo, analisada por (ROSE, 2001), efetiva-se por meio das tecnologias de subjetivação que acionam tais discursos operando para produzir certas formas de ser, certas formas de ser mulher.

Os padrões de normalidade estabelecidos no contexto cultural de uma sociedade materializam-se no corpo, lugar de inscrição dos padrões que garantem os processos de subjetivação. A telenovela, por meio de seus discursos, funciona para elaborar modelos de condutas das jovens negras mantendo a regularidade de seus discursos que não somente sustentam uma norma, mas também renovam técnicas de disciplina e vigilância dos corpos juvenis; um controle que sutilmente cria a ilusão de que o sujeito que tem o controle da televisão em suas mãos exerce o controle da sua vida. Butler (2014, p. 271), assim define a regulação

[...] é aquilo que *constrói regularidades*, mas é também, seguindo Foucault, um modo de *disciplina e vigilância* das formas modernas de poder; ela não simplesmente constrange e nega e, portanto, não é meramente uma forma jurídica de poder. Na medida em que as regulações operam através de normas, elas se tornam momentos chave nos quais a idealidade da norma é reconstituída, e sua historicidade e vulnerabilidade são temporariamente excluídas (grifos da autora).

A regulação materializa-se nas instâncias sociais que têm “autoridade” para produzir, ensinar e reforçar verdades, usando as diferenças negativamente como afirma Silva (2009, p. 50) “[...] por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros”. O uso das diferenças em sentido depreciativo esboça a fragilidade de se estabelecer uma norma de gênero ligada ao sexo biológico, o outro mostrado como desviante, transgressor é recorrente nos discursos normalizadores das condutas. Sobre os modos de regulação a entrevistada expõe:

[...] a gente escuta se a mulher lutar pelos direitos dela, se ela brigar por alguma coisa, defender uma ideia, ela é muito estressada, ou ela é muito brigona, ou ela é um saco, ou ela tá de TPM. Isso é um preconceito eu acho presente pra todas as mulheres no dia a dia porque a mulher bater de frente com uma ideia que ela não concorda vai gerar conflitos, principalmente com quem é machista e não concorda porque como eu disse ainda é uma cultura enraizada sobre o patriarcado que a mulher tem que ficar calada, a mulher tem que escutar calada, ela não tem que defender, não tem que pensar. E isso é uma luta muito forte das mulheres todos os dias, por isso o movimento feminista existe hoje, muitas pessoas não concordam

com o movimento feminista, mas não entendem que pelo movimento feminista hoje a gente consegue fazer esse debate que ela, a Dandara fez. Então, quando ele fala isso, ele é a representação do homem do dia a dia. Por exemplo, eu sou muito, eles falam que eu sou muito rebarbada, que eu sou, que eu bato boca com professor. Eu não bato boca com professor, eu debato com professor sobre as ideias que eu não concordo, acho que todo mundo deveria fazer isso. Ai a pessoa fala “Tu tá de TPM?”, não, eu não tô de TPM, eu tô apenas debatendo uma ideia que eu não concordo (TAÍS, Escola particular, 2019).

Regular por meio de palavras depreciativas é uma forma de tentar calar, pois a transgressão desafia a norma, expõe outras possibilidades e a fragilidade de se estabelecer uma verdade. A regulação se faz ainda mais presente na atualidade, mesmo que de modo sutil, visto que já é perceptível que a juventude vivencia a “subjetividade de fronteira”. A jovem negra entrevistada argumenta que atitudes que visam tentar calar estão enraizadas pelo pensamento patriarcal que criou um modelo e é contra esse modelo que o movimento feminista luta.

Quando ela se posiciona frente às falas depreciativas que se estabelecem de modo corriqueiro na vida das mulheres, a jovem reforça que as posturas reativas precisam partir dos microespaços para que outros discursos sejam constituídos nos espaços mais amplos da sociedade. Quando a entrevistada diz “ele é a representação do homem do dia a dia” considero relevante analisar de modo minucioso como a mídia televisiva aborda a temática reforçando ou desconstruindo as normas.

É a partir das lentes da constituição de gênero na sociedade que problematizo o silenciamento e estereótipos referentes às mulheres na história e as desigualdades de gênero, pois “[...] o discurso patriarcal constitui ‘verdades’ sobre o feminino que alimentam a desigualdade de gênero” (COLLING, 2014, 9). A invisibilidade das mulheres na história faz parte do processo de dominação masculina que cria padrões de inferioridade e espaços específicos para elas que são internalizados como verdades e reelaborados constantemente de acordo com as mudanças de cada período, mas sem deixar de fazer parte de um emaranhado de enunciados que sustentam uma possível essência feminina.

São as práticas que limitam modos de ser e estar no mundo das mulheres como se todas fossem exatamente iguais, uma essência pautada na comparação e contraposição com as características masculinas consideradas superiores que naturalizam a suposta inferioridade e desequilíbrios femininos. Quando penso em outros marcadores sociais que deixam, por exemplo, mulheres negras marginalizadas dos discursos, concordo com Hutcheon (1991), que

sugere a descentralização do sujeito, no sentido do reconhecimento de que as diferenças de raça, sexo, etc. são construídas, o que possibilita noções alternativas de subjetividade.

No caso da mulher negra, é preciso transgredir práticas racistas e sexistas, um duplo processo de discriminação e estereótipos, como pode ser percebido no diálogo entre Hugo e Dandara:

**Hugo:** O que é isso, hein morena!

**Dandara:** Repete!

**Hugo:** Olha só, mas a morena tá cheia de atitude.

**Dandara:** Morena não é preta, começa por aí.

**Hugo:** Foi mal então, não queria te ofender não, desculpa.

**Dandara:** De que casa grande você veio?

**Hugo:** Eu tô querendo ser carinhoso com você. Oh gostosa! Eu te fiz um elogio, você tá de parabéns.

**Dandara:** Olha só eu dispense esse tipo de elogio, tá. Meu nome não é gostosa não. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 109).

A cena transcrita acima acontece no dia em que Dandara chega ao Colégio Sapiência, demonstrando o posicionamento da jovem quanto à questão do sexismo e racismo. O fato de ser chamada de morena é desaprovado por ela, que se define como preta, aspecto que, por causa do processo de miscigenação pode levar as pessoas a se autodeclararem pardas, uma dimensão subjetiva que se constitui de diferentes formas nas relações entre os sujeitos e os discursos. Outro aspecto que chama atenção são as expressões de cunho machista emitidas por Hugo que indicam para a jovem que ele vem da “casa grande”, quer dizer tem comportamentos típicos que marcaram o período da colonização na forma de ver e tratar a mulher negra.

A convergência entre racismo e sexismo não tiveram fim com o sistema escravocrata apenas reestruturaram-se por meio de novas técnicas. Davis (2016, p. 127) argumenta que no século XX racismo e sexismo uniram-se de uma nova maneira “A supremacia branca e supremacia masculina, que sempre se cortejaram com facilidade, estreitavam laços e consolidavam abertamente um romance”, um período marcado por grandes avanços e dinâmicas de poder que inventam e sofisticam os mecanismos de controle dos corpos com base em discursos racistas e sexistas.

A historicização das questões de gênero e raça permite enfatizar a dimensão relacional, subvertendo as tentativas de instituir uma essência feminina ou masculina com base no sexo biológico e o duplo processo de violência vivenciado pelas mulheres negras. Como enfatiza um dos entrevistados “[...] ser negro no Brasil é muito complicado porque tem uma



construção histórica muito antiga” (KLEBBER, Escola particular, 2019). É preciso desnaturalizar o que tem se tornado discurso corriqueiro, observando as vicissitudes e as permanências que se materializam na relação que estabelecemos com o corpo repudiando ou destacando traços físicos. Como afirma Souza (1983, p. 77), “(...) ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”, cada indivíduo torna-se aquilo que é pelo modo como se relaciona social, cultural e historicamente, não há nada dado essencialmente, cada sujeito se faz e refaz todos os dias.

Quando os sujeitos compreendem que as questões raciais e de gênero são construídas, abrem espaços para a possibilidade de mudança, pois as forças que mantêm determinado discurso como verdadeiro podem ser ressignificadas a partir das resistências. As diferenças são, assim, produzidas e atravessadas por relações de poder que se sustentam por marcadores que constituem verdades respaldadas por diferentes campos do saber. O corpo das jovens negras é também um texto da história, carrega marcas do tempo e entra em conflito resistindo às normas e reinventando formas plurais de ser. Butler (2018, p. 235) chama atenção para a performatividade dos corpos, que seria

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (grifos da autora).

Pensar o gênero como performático é perceber que ele é criado pelos sujeitos em meio às instâncias normatizadoras que fabricam a realidade por meio de discursos repetidos continuamente e atravessados por relações de poder. Assim, se as normas são produzidas elas podem ser desnaturalizadas, ressignificadas, pois não há essência que assegure legitimidade a elas.

Ainda assim, não se deve pensar nesse processo apenas em termos de repressão, pois, como afirma Foucault (2006b, p. 105), “lá onde há poder, há resistência”. As mulheres negras resistiam às técnicas de controle, “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento para os demais” (DAVIS, 2016, p. 34). As palavras de Davis denotam como processavam-se as transgressões por práticas diversificadas que se fizeram presentes na época da escravidão e sua relevância para as

conquistas que alcançamos nos dias atuais e para o estabelecimento das “subjetividades de fronteiras”.

O corpo carrega marcas do tempo, mas resiste a ele, algo sempre paradoxal. O controle e as normas instalam-se no corpo, é através dele que se observa o quanto as técnicas de subjetivação estão sendo efetivadas, o corpo é o termômetro e o foco das instâncias controladoras. Nessa direção Butler (2018, p. 30) argumenta que “[...] o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero”.

Na telenovela a exposição dos corpos materializa enunciados que definem as jovens em uma tentativa de se mostrar plural, mas que vacila ao reforçar determinados estereótipos, bem como, ao mesmo tempo em que mostra a resistência em uma das suas personagens negras a coloca em uma relação justamente com o rapaz da escola que tem posturas sexistas bem explícitas, como destacado na fala de Talíssia, que conta a Dandara como era a relação anterior de Hugo com a namorada Verena.

**Talíssia:** Ele era super controlador, a gente via uma relação super bonitinha se transformando em uma relação super abusiva. Ele não é mal sabe, mas foi criado por um pai super machista, vai ver que ele reproduzia isso com ela.

**Verena:** Amiga, ele implicava com tudo, com o short, com a ginástica rítmica.

**Dandara:** Mas comigo isso não vai rolar amiga, não vai rolar mesmo.

**Talíssia:** Ela dizia a mesma coisa. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 104).

O alerta de uma das amigas para a postura do jovem parece não incomodar Dandara, que demonstra segurança em seu posicionamento e ter conhecimentos sobre a questão de relacionamentos abusivos, deixando claro que ela não permitiria esse tipo de relação. Trazer essa problemática de controle do corpo das jovens por seus namorados que esboçam posturas machistas é importante, pois ainda prevalece uma cultura em que mulheres são culpabilizadas por violências sofridas justificadas por uma roupa que usam, por espaços que frequentam ou pela forma como interagem no convívio social. A aluna entrevistada destaca a dificuldade para uma jovem negra relacionada a essa questão.

É difícil pra mim, negra, com cabelos cacheados, cabelos agarrados né, então lidar com tudo isso todos os dias é uma luta, né. Ser jovem principalmente, aí tu tem que lidar com as coisas do mundo, com drogas, bebidas, com violência, com a questão do estupro, principalmente da mulher que hoje em dia a mulher andar sozinha na rua é muito perigoso, é difícil. A mulher não pode andar com uma roupa curta porque ela já é tachada como vagabunda, ela não pode andar com uma roupa curta porque ela pode ser estuprada porque é uma desculpa, hoje a gente vê, é uma desculpa pra mulher ser alvo de estupro, de assédio (TAÍS, Escola particular, 2019).

O número de casos apresentados na mídia envolvendo violência contra mulheres são cada vez mais recorrentes. A entrevistada destaca que para a mulher negra a luta é maior por causa dos traços físicos que acentuam os preconceitos. Apesar de apresentar Dandara, uma jovem negra que resiste aos padrões hegemônicos, uma ruptura nos discursos da televisão que durante anos apresentou a mulher negra apenas em espaços servis nas novelas, outros aspectos são acionados para tirar o foco dessa característica da personagem, colocando ela em uma relação com alguém que reproduz o pensamento sexista. No decorrer da história, várias situações envolvendo os/as jovens reforçarão a postura do rapaz que no final da trama muda sua atitude para ficar com a jovem. A reprodução de atitude machista expressa-se na conversa abaixo.

**Hugo:** Eu só disse que é o homem que paga e a mulher faz essas coisas mais delicadas assim,.. o que tem de mais nisso?

**Dandara:** A questão é você dizer homem faz isso, mulher faz aquilo. Em que mundo, em que século a gente vive?

**Hugo:** Só queria saber por que vocês criticam tanto meu posicionamento?

**Dandara:** Porque é um posicionamento machista, simples assim MA-CHIS-TA (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 174).

No desfecho da telenovela, Dandara fica com Hugo, que parece mudar suas atitudes, motivado pela atração que sente pela jovem. A tensão por causa dos conflitos decorrentes da postura sexista é substituída por um final típico das novelas, o final feliz. Os/as jovens são chamados a acreditar que todos os conflitos da vida real podem ser sanados como acontece na tela com seus personagens preferidos, aqueles com os quais se identifica. O envolvimento de Dandara com Hugo parece deixar a jovem mais “calma”, reforçando os discursos constituídos na prática histórica, social e cultural referentes aos desequilíbrios da mulher que seriam resolvidos com a presença de um homem. Trata-se de uma técnica para controlar as resistências femininas aos padrões normativos.

Nos séculos XX e XXI a mídia configura-se como uma forte instância legitimadora de verdades, que por sua extensão e técnicas sutis descreve e ensina formas de ser e estar. Assim, problematizo os discursos sobre as jovens negras, expressos e silenciados na telenovela *Malhação*, pois “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem eco” (COURTINE, 2013, P. 43). A imagem da mulher negra, portanto, criada no período da escravidão ecoa e confronta-se com os discursos atuais, penetra e regula mentes e corpos no sentido de fixar o normal em contraposição ao desviante.

### 4.3 Jovem negra, exposição da intimidade e religiosidade

É quando o controle e a exposição do corpo da jovem negra além de perpassar por marcadores de raça, gênero e classe apresenta outro marcador que carrega uma gama de preconceitos e discriminação – a questão da religiosidade de matriz africana. A personagem Talíssia é apresentada como uma jovem negra, mora na favela, é candomblecista, mãe solteira, um pouco mais velha que os demais colegas da turma. Diferente das outras duas personagens negras analisadas neste trabalho, que são de classe média alta e pouco se apresenta a família das mesmas e embora as questões raciais e de gênero sejam tocadas durante os episódios, as duas personagens parecem “blindadas” pela classe a que pertencem, com Talíssia é bem diferente, a vida familiar é exposta, uma série de cenas ocorre no terreiro de sua mãe e na comunidade, conforme podemos observar em duas das imagens abaixo.

**Imagem 3** – Talíssia: exposição de aspectos da vida familiar e religiosos



**Fonte:** <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/malhacao-talissia-batiza-filha-em-cerimonia-emocionante-22576764.html>

Na imagem menor Talíssia aparece conversando com seu irmão Jorge que implora para que ela e sua mãe fechem o terreiro, visto que isso está incomodando os líderes da

favela; a outra imagem mostra o momento do batizado de Valentina, filha de Talíssia, após recusar obedecer aos traficantes. Imagens que se complementam e mostram o enfoque diferenciado dado à personagem quando comparado com as outras duas personagens negras. Esse enfoque, segundo Akotirene (2019, p. 69), contribui para a estigmatização “devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos, identificados como pontos de tráfico de drogas pelas mídias televisivas”, que atravessam marcadores de raça, gênero, classe, religiosidade. Um dos jovens entrevistados levanta essa questão ao dizer que:

Há muito racismo ainda aqui no Brasil, principalmente com pessoas pobres que moram em favelas porque como acontece em muitos casos. Ele tá andando assim, ele é moreno, tá com uma roupa diferente, tá com chapéu diferente, é bandido. É preto, é bandido. Ainda existe muito isso, além de uma simples piadinha que pode ser racista, até o racismo mesmo pesado que eles associam uma pessoa que mora na favela com bandido, traficante (MIGUEL, Escola particular, 2019).

O jovem identifica que o racismo no Brasil é atravessado por outros marcadores acentuando o preconceito. No caso da personagem Talíssia, que mora na favela, a telenovela explora bastante esse espaço na exibição das cenas, enfatizando aspectos negativos, em poucos momentos produzem-se discursos positivos. E, assim, os/as jovens vão sendo constituídos por discursos incessantes que produzem modos de olhar o outro reforçando estereótipos a partir da constituição de verdade ligada aos efeitos de poder (FOUCAULT, 1979). No caso das mulheres negras há a insinuação de que são mulheres de bandidos, gostam de apanhar, macumbeiras e propícias à prostituição, essas são algumas atribuições fabricadas por discursos homogeneizantes.

Os dispositivos de controle centram suas atenções nos corpos situados em contextos culturais que em diferentes períodos da história inventam e refinam técnicas que fabricam, legitimam e ensinam posturas racistas e sexistas para os diferentes sujeitos de modo a regular condutas e definir o normal e o outro, sendo que outras marcas sociais, como classe e religião, acentuam relações diferenciadas entre homens e mulheres. Nesse sentido, o jovem entrevistado comenta que há “Muito racismo principalmente das pessoas negras, questão de religião, classe social” (MARCELO, Escola pública, 2019).

Como enfatiza Foucault (2006a), quanto maior a resistência, maior força é empregada por aquele que domina, quer dizer maiores esforços são empregados para produzir a “verdade” acionando marcadores diferenciados como no caso da personagem Talíssia. Na atualidade, a mídia é um dos principais dispositivos usados para essa finalidade que por meio

de imagens, sons e outros artifícios que compõem sua técnica convertem atitudes diárias em atividades naturalizadas.

Talíssia começa a estudar no Colégio Sapiência por meio do projeto da ONG Percurso. A história da personagem apresenta um pouco a vida na favela, as dificuldades de ser mãe solteira, ter um irmão no mundo do crime, questões que se aproximam das histórias de muitas meninas na vida real que tiveram filhos cedo e deixaram de estudar por certo período e retomam os estudos, conciliando com o trabalho dada a situação financeira. Porém, o enfoque principal é dado à temática intolerância religiosa<sup>41</sup>, o corpo da mulher negra marcado pela religiosidade e vinculado à classe social.

Sobre a questão das diferenças religiosas, a entrevistada comenta que “A intolerância religiosa tá impregnada na sociedade, mas trazendo para as escolas, mostrando para os alunos desde criança que tudo bem eu ser católica, tu ser evangélico, tu ter a religião do candomblé, eu acho que diminuiria a intolerância religiosa entre as pessoas” (TAÍS, Escola particular, 2019). A aluna destaca que trabalhar a temática nas escolas pode propiciar espaços de discussão que possibilitem outras relações com as diferenças, pois a temática muitas vezes é silenciada no espaço escolar por medo da reação dos responsáveis das crianças ou por imposição da direção da escola, em ambos os casos agregar conhecimentos sobre o tema ajuda no processo de resistência e para o encontro de estratégias para a abordagem do assunto.

A música que toca no momento em que Talíssia aparece nas cenas da telenovela ajuda a compor a personagem, dando destaque para a religiosidade da jovem. A música “Recado”<sup>42</sup>, interpretada na vida real por Luellem de Castro e cantada por Talíssia na banda dos colegas do Colégio Sapiência, para a qual ela foi convidada a ser integrante. Segue a letra da música, trilha sonora da personagem.

Não tô aqui para ser gostosa e nem acolhedora  
 Não vou resolver seus problemas e nem te ninar  
 Eu não sou mãe do mundo inteiro, eu não nasci pra sua luta  
 Mas ponho o meu peito na frente, se eu quiser lutar

Não tô aqui para fazer rima de amor bandido  
 E nem nasci para falar mal de quem só fala disso  
 Cada um sabe onde o calo aperta, como que o sangue ferve  
 Isso para mim não é questão, minha canção não é presa

---

<sup>41</sup> A Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007, em seu artigo 1º, institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/11635.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11635.htm)

<sup>42</sup> <https://www.lettras.mus.br/luellem-de-castro/recado>

Eu sou cobra coral e às vezes sou fada  
 Minha malícia tem vários cristais de pureza  
 Tua maldade não me atinge, aqui não passa nada  
 Não perca seu tempo jogando pedras em minha fortaleza

Cairão mil ao teu lado e dez mil à tua direita  
 Mas tu que és abençoada não serás atingida  
 Não é para qualquer um que abaixo a minha cabeça  
 E eu não hesito em falar alto se é para ser ouvida

Vim avisar que meu pai é ogum<sup>43</sup> ogunhê  
 Minha mãe é oxum ora iê iê ô  
 Eu vim mostrar que minh'alma tá protegida  
 E seu rancor da minha alegria  
 Eu jogo fora, eu jogo fora

Vim avisar que meu pai é ogum ogunhê  
 Minha mãe é oxum ora iê iê ô  
 Eu vim mostrar que minh'alma tá protegida  
 E seu rancor da minha alegria  
 Eu jogo fora, eu jogo fora

A música destaca a fonte da força, persistência e coragem da personagem que vem dos orixás, aspectos destacados durante as cenas da telenovela envolvendo Talíssia. A mídia usa técnicas diferenciadas para criar seus personagens e constituir verdades sobre eles, e o foco dado à jovem perpassa por diversos aspectos entre eles a música, roupas, linguagem etc.; a partir deles as histórias são contadas e os sujeitos que assistem podem se ver nas lentes projetadas na televisão.

Os discursos sobre a força da mulher negra, contudo, podem ajudar a naturalizar as desigualdades sociais e invisibilizar as discussões mais amplas sobre o tema. Em conversa com Talíssia, Vinícius ressalta que será complicado para ela estudar, trabalhar e cuidar da filha, então ela diz: “Não pense nisso porque eu vou tirar de letra isso de trabalhar e estudar ao mesmo tempo. A nossa mãe fez isso a vida inteira, não é? Cuidou da gente, trabalhou, cuidou do nosso terreiro. Imagina, eu sou mulher, eu sou preta, eu sou mãe solteira, eu vou conseguir” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 172), assim, cada indivíduo elabora a compreensão de si, sua subjetividade (SILVA, 2009), tomando tais discursos como práticas de resistência e força da mulher. As questões mais amplas que estão relacionadas ao fato da mulher negra lutar por seu espaço na sociedade ficam fora dos enunciados da telenovela que se encerram na fala da personagem. Nessa direção Akotirene (2019, p. 79) comenta que

---

<sup>43</sup> Orixá iorubano do ferro, patrono de todos os que habitualmente usam instrumentos ou ferramentas feitas de metal, como ferreiros, caçadores, guerreiros, barbeiros, entalhadores etc. (LOPES, 2006, p.123).

Vistas pelas lentes de raça, as mulheres negras aguentam dor física; por classe são vistas como protótipos da feminização da pobreza e atravessam gerações sendo chefas de famílias, vitoriosas das dificuldades impostas pelo imperialismo colonial. A saber, estes estereótipos recaem nas autoridades religiosas do candomblé, constringidas a sustentar arquétipos matriarcais, presas nas imagens de controle. Elas estão impedidas de gritar as violências fora do escopo familiar tradicional.

A mulher negra colocada em discurso na telenovela *Malhação*, a partir da fala da personagem Talíssia, opera no sentido de reforçar os estereótipos citados por Akotirene, uma carga que invisibiliza as problemáticas decorrentes da constituição de raça, gênero e classe. A força da mulher negra ligada à religiosidade serve ao propósito de desviar a atenção da questão de distribuição desigual de renda que reduz a possibilidade de mobilidade social e das discriminações racistas e sexistas, funcionando para amenizar as tensões e resistências.

A entrevistada enfatiza que “[...] a mulher já sofre preconceito em si, é mulher. Agora se ela for negra, ela é mulher e negra tem isso também porque além dela sofrer o machismo, ela sofre o preconceito por ser negra.” (TAÍS, Escola particular, 2019). Essas são questões que merecem atenção e problematização porque atuam nos corpos e nas relações entre os sujeitos, assim como os demais marcadores presentes na composição da personagem. Gonzalez (2011, p. 17) afirma que o duplo caráter racial e sexual

[...] faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas fazem parte, na sua grande maioria, do proletariado afrolatinoamericano.

O triplo caráter de discriminação citado por Gonzalez pode ser quádruplo, quádruplo e assim por diante, dados outros marcadores como religião, orientação sexual, etc. que constituem os sujeitos nas dinâmicas sociais. No caso da personagem é dado um grande enfoque à religiosidade e outros marcadores ficam em segundo plano ou silenciados. A religiosidade africana que é um campo marcado por discriminações por causa de discursos criados que a associam a práticas de feitiçaria. Vejamos o que diz um dos jovens entrevistados “Essa questão de religião, o povo associa muito, entendeu. Por exemplo, eu sou do candomblé ‘é verdade que você fazem macumba<sup>44</sup> pro pessoal lá?’” (MARCELO, Escola pública, 2019), tal pensamento precisa ser desconstruído, lembrando que o preconceito religioso entrelaça-se

---

<sup>44</sup> Nome genérico, popularesco, e de cunho às vezes pejorativo, com que se designam as religiões afro-brasileiras, notadamente a umbanda e o candomblé (LOPES, 2006, p. 101).



com outros como raça, classe, social, gênero, entre outros, que lhe confere mais força nos processos de subjetivação.

Uma das primeiras cenas que aborda a religiosidade se passa durante uma aula de Literatura, ministrada pela professora Gabriela, sobre cultura brasileira. O grupo de Talíssia resolve apresentar o livro “Tenda dos Milagres”, de autoria de Jorge Amado.

**Talíssia:** O livro Tenda dos Milagres é um livro que fala sobre o candomblé, a gente conversou muito e achou que fosse interessante falar sobre as religiões de matrizes africanas que são algumas.

**Talíssia canta:** Vim avisar que meu pai é...

**Fabiana:** Quer saber, pra mim não dá mais! Olha só, essa professora só ensina o que quer e ela fica obrigando a gente a escutar coisa que eu sou contra. Eu vou pra casa reclamar para meus pais e vou pedir pra eles fazerem uma denúncia.

**Gabi:** Fabiana, você tá enganada isso é matéria regular do ensino médio, não tem nada aqui que eu queira impor a vocês.

**Gabi:** A ideia é aprender a se respeitarem entre si.

**Fabiana:** Eu respeito quem merece respeito.

**Gabi:** Fabiana, todo mundo merece respeito, tá aí uma coisa que eu não vou abrir mão [...] (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 24).

A aluna Fabiana é uma jovem branca, de classe média alta, nas cenas envolvendo Talíssia ela será a principal personagem a expor a intolerância religiosa e incitar outros alunos/as a essa prática. Ao se negar a continuar na aula e dizer que denunciará a professora, ela desqualifica os conhecimentos da cultura africana, reforçando o discurso de cultura hegemônica branca; além de destacar que seus pais certamente não concordarão com o que está sendo trabalhado pela professora, uma educação que inicia em casa e resulta em condutas como a destacada na fala de Fabiana. O próprio sentido de respeito tem uma conotação diferente para ela, só alguns merecem respeito, concepção que pode estar alicerçada, a partir da fala da personagem, na questão econômica, social, cultural e, sendo assim, apenas alguns merecem ser respeitados.

Ao falar sobre a cena, a jovem entrevistada visualiza o preconceito da personagem Fabiana, contudo deixa escapar a associação da religião africana com a questão da classe social, quando diz: “Ela não conhecia a religião dela, ou se conhecia, conhecia vamos dizer como macumba. Ela como riquinha não ia conhecer uma religião dessas, nunca foi num terreiro. Eu acho muito preconceito dela” (ADRIANA, Escola pública, 2019). Assim, problematizo o quanto certos discursos já se tornaram automáticos quando os sujeitos referem-se a determinados assuntos e nem percebem isso, pois a jovem entrevistada visualiza o preconceito presente na cena, sem perceber que expressa preconceito ao dizer “Ela como riquinha não ia conhecer uma religião dessas”, expressando o que venho chamando de

“subjetividade de fronteira”. A aluna reproduz aquilo que foi fabricado pela política geral de verdade que define os lugares e atribuições de acordo com critérios como classe social.

Os estereótipos relacionados à religiosidade de matriz africana constituíram-se no período de colonização do Brasil. A utilização de pedras e plantas para cura de doenças do corpo e da alma confrontavam-se com a cura espiritual e os saberes médicos, sendo que muitas mulheres foram perseguidas por tais práticas. A utilização dos saberes advindos da África configura-se como uma prática de transgressão das mulheres quanto ao controle de seu corpo, visto que “[...] as mulheres que praticavam curas mágicas souberam romper com este círculo asfixiante, restituindo a saúde e a vida, mesmo que de forma empírica, a quem quer que necessitasse” (DEL PRIORE, 2004, p.94). Desse modo, são criadas novas formas de relacionamento das mulheres com seu corpo que subvertem as experiências iniciais que pareciam tão sólidas, mas que na verdade nunca são, pois constituem-se e materializam-se por meio das diferenças seja de gênero, raça, sociais, religiosas que são práticas contínuas e descontínuas.

Posturas como a da aluna Fabiana constituem-se a partir da ideia de superioridade da cultura eurocêntrica que desencadeiam posturas racistas, difíceis de serem combatidas por causa de práticas veladas por discursos de harmonia racial no Brasil. O mito da democracia racial<sup>45</sup>, ausência de preconceito e discriminação, serviu bem ao propósito de afastar das discussões as questões raciais, pois se o Brasil é exemplo de harmonia racial não haveria motivo para a emergência dessas discussões. “A raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social” (HASENBARG, 1982, p. 89), aí estabelece-se uma dominação que se sustenta nos discursos de igualdade de direitos, mas que se alicerça em um arsenal de práticas desiguais que reforçam a superioridade branca e dissolvem as contradições. Sobre o mito da democracia, Gonzalez (1984, p. 226) problematiza:

---

<sup>45</sup> “A atual versão oficial das relações raciais teve sua formulação acadêmica feita no início da década de 1930 por Gilberto Freyre. Ao destacar as contribuições positivas do africano e do ameríndio para a cultura brasileira, este autor subverteu as premissas racistas presentes no pensamento social do fim do século XIX e início do presente século. Simultaneamente, Freyre criou a mais formidável arma ideológica contra o negro. A ênfase na flexibilidade cultural do colonizador português e no avançado grau de mistura racial da população do país o levou a formular a noção de democracia racial. A consequência implícita desta idéia é a ausência de preconceito e discriminação raciais e, portanto, a existência de iguais oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos” (HASENBARG, 1982, p. 84).

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... nem parece preto.

A lógica da igualdade de direitos destacada pela autora ao descrever as práticas que tentam ofuscar as discriminações raciais atribuí aos negros a possibilidade de alcançar sucesso profissional e ascensão social. Para isso, ele/a precisa ganhar feições do branco, as técnicas de branqueamento são acionadas para “limpar” as marcas do corpo negro, corpo como lugar de inscrição do controle e da resistência, uma vez que “O racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor” (HASENBALG, 1982, p. 69). O mito da democracia racial atualiza-se nas práticas de exposição dos negros em determinados momentos, a exemplo do carnaval, quando há conveniência para destacar que todos têm espaços iguais no Brasil, mas que em sua maioria servem para reforçar estereótipos.

A religiosidade talvez seja um campo em que os preconceitos e discriminações são mais acentuados quando se trata de cultura africana, bem como o de maior desconhecimento por parte das pessoas decorrentes das técnicas de invisibilidade<sup>46</sup>. O medo relacionado ao terreiro e às práticas consideradas “demoníacas” que supostamente acontecem nas cerimônias é ensinado desde os primeiros anos de vida e os sujeitos crescem reproduzindo falas e posturas que servem para acentuar os estereótipos vinculados às práticas religiosas de origem africana, como é o caso do candomblé. Um dos sujeitos da pesquisa fala sobre a falta de conhecimento e o preconceito.

Pra maioria das pessoas não existe candomblé, não existe nada dessas coisas, pra ele tudo é macumba. Ver um cara jogando capoeira e diz “esses caras são tudo macumbeiro”. Pergunta pra ele o que é macumba, senta aqui e me explica o que é macumba? Ele não vai saber o que é. Você não tá sabendo o que tá falando (MARCELO, Escola pública, 2019).

Cada um reproduz o que escuta, na maioria das vezes não questiona, não visualiza outras possibilidades, não dando ouvidos a outras falas, apenas se acomoda repetindo frases

---

<sup>46</sup> “Segundo o mesmo Censo do IBGE, no Brasil, ao todo, apenas 0,3% da população se declaram seguidores da Umbanda ou do Candomblé. Para se ter uma ideia, de o quanto este dado é mascarado, sabe-se lá porque, ou quem, a Bahia aparece com apenas 47 mil pessoas fieis do Candomblé, enquanto apenas uma das Federações de Cultos de Matrizes Africanas que temos conhecimento no Estado da Bahia, possui mais de 560 mil candomblecistas, de diversas vertentes, e esta é apenas uma das tantas Federações”. Disponível em: <http://www.ogirassol.com.br/ultimas/religioes-afrobrasileiras--o-ibge-a-populacao-invisivel>.

absurdas, as quais podem inclusive levá-lo a negar suas raízes. Lançar-se para novos conhecimentos que desestabilizem as certezas é um ato de resistência que precisa superar práticas simplistas de curiosidade. As curiosidades são bem comuns entre os sujeitos e sinalizam para visões constituídas historicamente. Quanto a essa questão uma das alunas do Colégio Sapiência durante uma visita dos/as alunos/as ao terreiro<sup>47</sup> da mãe de Talíssia faz uma pergunta que demonstra sua curiosidade.

**Amanda:** Talíssia, quer dizer que a tua mãe é mãe de Santo?

**Talíssia:** Isso, ela é um orixá<sup>48</sup>, um orixá Simone de Oxum<sup>49</sup>. Oxum é o orixá da cabeça dela que é um orixá da fertilidade, da beleza, do amor.

**Úrsula:** Simone, assim falaram pra eu não perguntar, mas se eu não perguntar não tem como eu saber.

**Simone:** Imagina, claro, pode perguntar.

**Úrsula:** Obrigada, então, eu queria saber se você faz essa parada de trazer a pessoa amada em 3 dias?

**Simone:** Não, eu não tenho essa capacidade, nem ninguém tem esse poder. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 24).

A ideia de poder para realizar “trabalhos”, seja para o bem ou mal, estigmatiza principalmente as mulheres negras, as quais são consideradas feiticeiras. De acordo com hooks (2017, p. 223) “As palavras se impõem, lançam raízes na nossa memória contra a nossa vontade”, as palavras com seu estatuto de verdade e pelo modo exaustivo que são repetidas alojam-se nos corpos e mentes e são acionadas sempre que são confrontadas ou quando o próprio sujeito a subverte.

Nessa perspectiva, ressalto a relevância dos conhecimentos relacionados à religiosidade africana que possibilitem ultrapassar os estereótipos e abrir espaço para reescrita da história por outros ângulos para que vozes silenciadas sejam ouvidas e valorizadas. Dentre os conhecimentos, cito o uso de ervas que acabam sendo vinculadas a estigmas negativos, o

---

<sup>47</sup> “Designação genérica do espaço físico onde se sediam as comunidades religiosas afro-brasileiras. Outrora, no Rio de Janeiro, o termo designava também o que hoje se conhece como ‘quadra’ de escola de samba. As regras de comportamento nesses locais, como a participação exclusivamente feminina nas rodas de dança, obedeciam aos mesmos padrões daquelas estabelecidas nas casas de culto mais antigas ou tradicionais”. (LOPES, 2006, p. 161).

<sup>48</sup> “Na tradição iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofin, que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. Algumas vezes representando ancestrais divinizados, os orixás manifestam-se por intermédio do que se reconhece como ‘qualidades’ ou aspectos. Assim, Oxum Pandá é Oxum Abalô são ‘qualidades’ do orixá Oxum, indicando essas especificações uma passagem da mitologia do orixá em que determinada característica se revelou ou fazendo referência a um local onde ele teria vivido ou por onde tivesse passado. Esse tipo de distinção é visto, também, em santos católicos, como a Mãe de Jesus, invocada como Nossa Senhora da Apresentação, da Conceição, do Desterro etc”. (LOPES, 2006, p. 124).

<sup>49</sup> “Orixá iorubano das águas doces, da riqueza, da beleza e do amor”. (LOPES, 2006, p.125).

que pode ser exemplificado pela postura de Fabiana, ao questionar o cheiro que está na sala de aula.

**Fabiana:** Professor, dá pra abrir a janela, tá um cheiro ruinzão aqui na sala.

**Alex:** Que é isso Fabiana, é alecrim, é bonzão.

**Fabiana:** É teu perfume querido?

**Alex:** Não querida, não é meu perfume, é que eu soube que alecrim limpa e purifica o ambiente. Sabe, eu acho que a gente tá precisando disso aqui na sala.

**Fabiana:** Eu aposto que isso é coisa de macumba, ninguém merece!

**Hugo:** Ei! Macumba não, candomblé.

**Fabiana:** Eu sabia, olha só e eu sou obrigada a ficar sentindo esse fudum por conta da crendice do diabo (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 25).

A aluna Fabiana associa o uso de ervas à crendice do diabo, nesse sentido ela desqualifica os saberes da cultura africana e as contribuições de tais conhecimentos inclusive para a medicina que as utiliza para diversos tratamentos. A associação de aspectos religiosos a práticas demoníacas é um dos mecanismos usados para criar certos pânicos nas pessoas, afastando-as das práticas de matrizes africanas, um modo de caracterizar como anormal tal prática. O entrevistado menciona que “Acontece isso muito porque muitos não buscam entender cada tipo de religião, porque antigamente muitos associavam o Candomblé com bruxaria, feitiçaria” (MIGUEL, Escola particular, 2019), uma associação antiga que através de técnicas aperfeiçoadas coloca alguns sujeitos no centro e outros às margens com base em padrões normativos.

Além das discriminações apresentadas no contexto do colégio Sapiência, Talíssia enfrenta as pressões em sua comunidade. Jorge, irmão de Talíssia, a chama para dar um recado do “chefe do morro” dizendo:

**Jorge:** Não é pra abrir o terreiro.

**Talíssia:** Você tá me ameaçando?

**Jorge:** Fecha de uma vez essa casa de demônio!

**Talíssia:** Eu não tenho chefe pra falar o que eu tenho ou não pra fazer. Não só a casa vai ficar aberta como eu vou receber quem quiser chegar para cerimônia da minha filha, entendeu? (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 26).

Nas palavras de Jorge, o terreiro novamente é associado à casa do demônio uma concepção que atravessa séculos e ainda causa medo nas pessoas. Jorge é irmão de Talíssia e parece negar suas raízes para ser aceito no grupo dos traficantes, demonstrando desprezo pela religião da família. A tentativa de impedir os cultos religiosos nos terreiros ainda é recorrente no Brasil e esboça o desrespeito à religião africana e a vontade de controle dos corpos. A postura e os inúmeros discursos, veiculados nas redes sociais, no período da última eleição

certamente incitaram o aumento de ataques em decorrência da religiosidade africana, uma forma de manutenção das discriminações historicamente formuladas.

As perseguições à religião de matriz africana efetivaram-se inclusive por meio de leis, a exemplo do Código Criminal Republicano, de 1890 que

[...] havia criminalizado a feitiçaria, através do art. 157, que instituía como crime “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis e ou incuráveis, enfim para fascinar e subjugar a credulidade pública”. A partir desse artigo, e sob a acusação de charlatanismo, as associações religiosas afro-brasileiras foram duramente perseguidas durante as primeiras décadas do século XX. (AMARAL, 2011, p. 104).

A perseguição à religião de matriz africana ainda permanece, usando outras roupagens, novas técnicas, sem deixar de ter um caráter perverso. Hoje, com o conjunto de leis decorrentes das lutas em torno da igualdade, em um país considerado exemplo em convívio com a diversidade, talvez combater os preconceitos seja ainda mais difícil, pois nem sempre elas são acionadas e efetivadas. O título V, capítulo I do Código Penal, Decreto-Lei nº 2.848/1940, apresenta a tipificação de crime contra o sentimento religioso. As situações vivenciadas pela personagem Talíssia enquadram-se no que diz o artigo 208,

Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso;

**Pena** - detenção, de um mês a um ano, ou multa.

**Parágrafo único** - Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.

As técnicas mudam, mas o preconceito permanece nas práticas daqueles fazem uso de discursos que legitimam as religiões hegemônicas. No período de colonização ocorreu um processo de imposição do catolicismo, porém as resistências eram constantes. Nos dias atuais não há uma imposição explícita, mas são usados mecanismos para afastar os sujeitos do que seria uma religião “demoníaca” – as de origem africana.

Assim, materializa-se o que Larrosa (2008) analisa como experiências de si, pois o sujeito passa a se decifrar, descrever, interpretar no interior de certas práticas constituídas historicamente. Quanto à tentativa de estabelecer uma religião como “ideal” o entrevistado comenta que “Hoje tem gente que acha que as únicas religiões certas são a católica e a evangélica, mas no caso não, toda religião é certa porque tem suas doutrinas, suas regras a

serem seguidas. A gente não pode julgar uma religião só porque ela tem meios diferentes de mostrar sua adoração” (SÉRGIO, Escola pública, 2019).

Nas cenas seguintes, após desobedecer aos traficantes, Talíssia é espancada. As agressões decorrentes de intolerância religiosa vão de ações verbais a físicas, uma questão que não pode ser desvinculada das questões de gênero e raça quando se trata da religião africana, dado o protagonismo das mulheres negras. Mesmo após agressão física, Talíssia e sua mãe não denunciam, como observado no trecho abaixo.

**Rafael:** Você sabe que o que aconteceu com a Tali e inadmissível, não sabe?

**Simone:** A gente toma o maior cuidado, mas sabe como é, né! Muita gente aqui não gosta de axé.

**Rafael:** É super importante denunciar para que isso não se repita.

**Talíssia:** Eu tô falando, já disse que não precisa, tá tudo bem!

**Rafael:** Talíssia, é intolerância religiosa isso, isso é racismo, isso é crime, eu fico preocupado com vocês.

**Simone:** A gente sabe disso, a gente sabe, mas vai por mim, melhor deixar quieto.

**Gabi:** Vocês estão com medo de fazer uma denúncia?

**Simone:** A senhora não sabe como é morar aqui professora, manda quem pode e obedece quem tem juízo. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 26).

O medo de denunciar, dada as condições sociais da personagem, é destacado no enunciado acima. Talíssia e sua mãe admitem o perigo ao qual estão expostas, mas acomodam-se quanto a realizar a denúncia, enfatizando as relações de poder na favela. Contudo, elas resistem quando continuam a realizar as atividades no terreiro. Após alguns dias do ocorrido, Talíssia realiza à beira do riacho, o batizado de sua filha Valentina e convida os/as colegas do colégio. Enquanto isso, Jorge e um grupo de traficantes destroem o terreiro de Simone. Chorando Talíssia diz: “Eu vou cantar ainda mais alto” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 28). Sobre a fala de Talíssia um dos entrevistados diz: “Quando a gente acredita em algo, a gente luta por isso” (SÉRGIO, Escola pública, 2019), mesmo não denunciando Talíssia e sua mãe resistem de alguma forma ao permanecerem com as atividades no terreiro.

A polícia chega ao local após o incêndio do terreiro da mãe de Talíssia e prende os traficantes e um dos policiais diz:

**Policial:** Não abuse da sorte, se eu fosse à senhora eu fechava esse terreiro pra evitar problema.

**Talíssia:** Desculpe, o senhor tá pedindo pra gente fazer exatamente a mesma coisa que eles queriam que a gente fizesse.

**Simone:** Minha filha tem razão, ninguém vai impedir a gente de exercer a nossa fé. (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 28).

O próprio policial, que conhece ou deveria conhecer a lei, pede que elas fechem o terreiro. A cena ajuda a analisar a postura das duas frente à insistência de Gabriela e Rafael para que elas denunciem. A aplicação das leis no sentido de garantir o direito das pessoas não se efetiva na prática, pessoas são incentivadas a silenciarem-se para garantir a segurança. Nada em sentido legal é realizado durante a exposição da intolerância religiosa que está diretamente relacionada à discriminação racial.

Quando Talíssia volta a ser colocada em destaque na telenovela há um deslocamento da religiosidade para enunciados que perpassam por relações de gênero. A jovem enfrenta uma luta jurídica pela guarda da filha após o pai da menina descobrir que Talíssia estava namorando. Uma postura machista que expressa a ideia de posse do homem sobre o corpo feminino, usando de violência psicológica e exposição nas redes sociais para acabar com o relacionamento da jovem. Segue abaixo a conversa entre Talíssia e suas colegas, um exemplo emblemático dessas situações:

**Talíssia:** Ah gente, chega também! Minha paciência acabou, chega né.

**Verena:** O que foi Talíssia?

**Talíssia:** O pai da Valentina não para de falar mal de mim na internet.

**Talíssia:** Fui mandar uma mensagem pra ele tranquilo, pedindo pra ele parar, ele mandou uma resposta absurda.

**Talíssia:** Olha só, falou assim, você tem que parar de deixar a minha filha com qualquer um, tô avisando.

**Amanda:** Ei, vem cá, isso foi uma ameaça?

**Talíssia:** Como se ele fosse capaz de cuidar de uma criança. Quer saber eu vou mandar uma mensagem pra ele.

**Talíssia:** Olha aqui, parou a palhaçada tá. Você não tem coragem, você não é o que mais tem coragem? Então, se você pode falar mal de mim na internet, fala na minha cara (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 168).

O tipo de atitude mostrada acima faz parte de um conjunto de práticas que se constituem no contexto social com base nas relações de gênero historicamente formuladas como menciona um dos entrevistados “[...] esse pensamento machista ainda prevalece, mas é bom que as mulheres estão lutando pelos direitos delas e elas têm que ser escutadas” (RODRIGO, Escola particular, 2019). São modos sutis de violência vivenciados por mulheres que podem resultar em finais trágicos. A mãe de Talíssia também chama a atenção da filha para a gravidade dos atos praticados por Marcos “Filha, eu andei pesquisando sobre isso, isso que o Marcos tá fazendo de falar mal de você e de jogar a Vavá contra você, isso tem um nome na justiça, é alienação parental” (MALHAÇÃO, 2018-2019, cap. 172). Após serem ouvidos pela justiça, a guarda da menina é dada para Talíssia.



No final da temporada Talíssia casa com Vinícius e engata carreira de cantora fora do país, na última cena a personagem aparece cantando a música “Recanto” e usa trajes que reforçam a descendência africana. Gonzalez (1982, p. 107) expressa a seguinte definição “As imagens mais positivas vistas das pessoas negras são aquelas que representam os papéis sociais atribuídos pelo sistema: cantor e/ou compositor popular, jogador de futebol e ‘mulata’”, lugares atribuídos historicamente para as pessoas negras em contraposição a profissões consideradas de melhor prestígio na sociedade.

As análises realizadas reforçam a relevância da interseccionalização de marcadores que constituem os sujeitos nas dinâmicas sociais. Olhar ou descrever as jovens negras apenas por um aspecto é silenciar a multiplicidade de possibilidades discursivas e as lutas dos movimentos negros feministas. Quando a telenovela *Malhação* apresenta o título “Vidas Brasileiras”, ela cria a aparência de abarcar todas as dimensões e possibilidades da vida dos/as jovens brasileiros/as. Certamente, uma técnica que a mídia televisiva global aciona para seduzir quem assiste, contudo, muitos aspectos são silenciados ou colocados em segundo plano quando as jovens negras são destacadas em seus enunciados.

## 5 DESLIGANDO AS CÂMERAS

As análises apresentadas destacam a relevância de repensar as práticas racistas e sexistas que se apresentam cotidianamente. Assim, busquei compreender aspectos envolvidos nesse processo de continuidades e descontinuidades ligados às relações de poder que produzem verdades por meio dos discursos da telenovela global. Reconhecer a existência de tais práticas é o primeiro passo para as práticas de resistências em um país que se coloca como exemplo de harmonia racial e de igualdade entre os gêneros.

A mídia televisiva destaca-se por sua potencialidade social, cultural e pedagógica. Uma das instituições que produzem diferenças e desigualdades para manter o controle das mentes e dos corpos, mas também pode se configurar como local de resistência às marcas históricas de opressão vivenciadas por mulheres negras, por essa razão, precisa ser tematizada nas pesquisas das diferentes áreas do conhecimento. Os discursos sobre juventude na telenovela *Malhação* produzem verdades referentes a esses sujeitos, discursos inventados, criados, produzidos na história, em constante reformulação que projetam imagens com as quais os sujeitos podem se identificar ou não, mas que, de alguma forma, ajudam a produzir as subjetividades.

O modo como as jovens negras aparecem discursivamente na telenovela levam-me a afirmar que a *Malhação* aciona “Tecnologias de invisibilização”, que defino como os processos que desde o período colonial materializam-se, colocando em plano secundário ou invisibilizando marcadores que constituem as mulheres negras, buscando uma essência feminina, ou seja, operações que tentam excluir as sobreposições na produção dos discursos. Assim, destaco a relevância de análises interseccionalizadas para tomar os diversos aspectos que constituem a complexidade do ser mulher, descolonizando modelos essencializados e evitando a produção de novos essencialismos.

A visibilidade/invisibilidade dada às jovens negras na telenovela *Malhação* é atravessada pelos discursos de diferentes dispositivos que constituem e sustentam os discursos da mídia televisiva, pois esse dispositivo não é atua sozinho, ao contrário, a relação que ele estabelece com outros atribui-lhe mais força. Nesse sentido, são acionados conhecimentos das diversas áreas do saber, como da psicologia, pedagogia, nutrição, jurídica, entre outras para sustentar novas formas de produção juvenil que acompanhem os avanços tecnológicos e as dinâmicas de entrecruzamento cultural.

As informações dos/as entrevistados/as analisadas/os no decorrer da dissertação sinalizam para o que denomino de “Subjetividades de fronteiras”, pois os/as jovens vivem uma tensão entre os discursos marcados pela colonialidade e as discussões atuais demandadas pelos movimentos feministas negros que problematizam a intersecção de marcadores que acentuam as discriminações. Elas/elas já visualizam que se trata de uma criação, apesar de na maioria das vezes não acionarem posturas reativas. O reconhecimento da problemática racista e sexista pelos sujeitos da pesquisa é um passo relevante para construção de novas formas de olhar, de se reconhecer e colocar mulheres negras em lugares de fala diferentes dos subalternizados historicamente.

No decorrer das análises encontrei pistas sobre o modo como os/as jovens são subjetivados/as pelos discursos da telenovela *Malhação* referente às três personagens negras colocadas em cena. As jovens negras são apresentadas discursivamente de modo genérico a partir de algumas temáticas que fazem parte da vida cotidiana, estratégia para ligar o sujeito que assiste à verdade produzida. Os/as jovens entrevistados/as dizem que assistem à telenovela porque conta a vida dos/as jovens, problemas vivenciados por eles/elas e identificam-se com os personagens. Contudo, o enfoque quase sempre sobrepõe um aspecto em detrimento de outros.

Uma questão que precisa ser destacada é o desfecho das cenas em que são abordados assuntos como sexualidade, *nudes*, beleza, religiosidade e resistência, pois as temáticas ficam na superficialidade e as discriminações baseadas em questões de raça e sexo, que atravessam as cenas, talvez nem sejam notadas por quem assiste, não pela sutileza, mas em decorrência do quanto as mentes permanecem colonizadas. Alguns sujeitos da pesquisa mencionam a questão do desfecho das temáticas, pois a telenovela expõe determinadas temáticas sem problematizar questões mais amplas.

Os enfoques discursivos da telenovela *Malhação*, que está no ar há 25 anos, acompanham as mudanças, aperfeiçoando seus discursos e criando estratégias que aproximem os enunciados projetados na tela com as experiências cotidianas, ou melhor, criam tal ilusão. Os donos das grandes emissoras perceberam o potencial de consumo juvenil e apostam alto em programações voltadas para eles/as. Porém, como destaquei, quem produz os efeitos de verdade em sua maioria são homens brancos que falam de um lugar bem diferente dos sujeitos que estão do outro lado da televisão e pouco se preocupam em desconstruir o legado sexista e racista.

Quando penso no/a jovem no município de Abaetetuba, cidade do interior do Pará, certamente as lacunas são ainda mais latentes entre o que é produzido nos discursos da telenovela global e as práticas cotidianas. A criação de um modelo sustenta a normalização e os sistemas de exclusão que negligenciam que a juventude é uma construção elaborada e reelabora continuamente, é sempre provisória, constitui-se a partir do espaço local e global, significados pela cultura, não aceita rótulos. São tais padrões sustentados pelas políticas de verdade que necessitam ser problematizados e desconstruídos.

Os muros da escola são penetrados pelos discursos da mídia, muitas vezes desprezados, pois a força subjetivadora dos mesmos nem sempre é percebida. Mas eles estão ali, produzem sujeitos e os sujeitos em contato com os discursos constroem as relações consigo e com os outros por meio de um conjunto de tecnologias acionadas pelo dispositivo da mídia em conformidade com outros dispositivos que fabricam as subjetividades. Cada vez mais os sujeitos são convencidos de que têm o controle, desviando a atenção do gerenciamento que a mídia realiza sobre os corpos, despertando desejos a partir de modelos expostos em sua programação. A *Malhação* tem méritos por apresentar temáticas atuais mesmo com o engessamento de seus enunciados, talvez em suas próximas temporadas marcadores diversos possam ser colocados em primeiro plano, ganhem a cena.

No caso da personagem Talíssia questões mais amplas são silenciadas em diversos momentos das cenas, no caso a jovem negra, mãe solteira que precisa trabalhar e estudar e diz que vai conseguir assim como sua mãe fez a vida inteira. Além disso, o modo como a favela é exposta acentua preconceitos que, diferente das outras duas personagens, não tem sua vida familiar exposta. A produção da telenovela apresenta o candomblé, contudo a religiosidade africana é vinculada à jovem negra pobre.

As continuidades e descontinuidades discursivas exploradas na telenovela têm efeitos na fabricação de subjetividades, pois, como destaca um dos entrevistados, a mídia ajuda a popularizar ideias em sentido positivo ou negativo. A materialização dos comportamentos de acordo com o gênero efetiva-se nas práticas diárias, nas brincadeiras realizadas no interior da escola, como destacou uma das entrevistadas ao relatar o comportamento dos/as jovens no momento do recreio em que brincam de elástico e a zombaria é acionada como técnica de controle dos corpos de acordo com o gênero.

No caso da telenovela, ao retomar a cena com a personagem Dandara em que Hugo atribui a falta de homem ao comportamento reativo da personagem como técnica de tentar

calar a jovem, Hugo reproduz um discurso criado historicamente, algo citado por uma das entrevistadas como situação corriqueira na escola. São estratégias de regulação dos corpos e mentes, buscando afastá-los dos temíveis comportamentos que desestabilizam o padrão.

Quanto à sexualidade, questiono se o modo de vivenciá-la mudou, pois, os episódios envolvendo Flora, Jade e Tito e as falas dos sujeitos da pesquisa sobre as cenas ainda reforçam estereótipos da mulher ideal para namorar e formar família, enunciados elaborados pela cultura patriarcal. Nas cenas da telenovela referentes à temática, a jovem negra é colocada na posição de subversiva, acentuando estereótipos negativos criados no período colonial, ora atualizando-os, ora apenas reproduzindo-os. Ao observar o crescimento no número de casos de feminicídios estampados na mídia, para o número de mulheres negras que sofrem tal violência e para o modo como são descritos os motivos da violência, ainda é recorrente a culpabilização da mulher justificada pelo seu modo de vestir, andar, entre outros que teriam ocasionado tal ação. Materializa-se, assim, um duplo processo de discriminação.

São estereótipos acionados que efetivam práticas racistas e sexistas, assim mostro a necessidade da intersecção de marcadores, pois as mulheres negras vivenciam de modo mais acentuado as discriminações. As mentes foram colonizadas, o sujeito depara-se com práticas racistas e sexistas naturalizadas que nem se atenta, na maioria das vezes, para a necessidade de sua desconstrução. Um bom exemplo foram os enunciados dos entrevistados sobre uma pessoa negra caminhando em uma rua pouco movimentada e a ligação que muitas pessoas fazem a uma possibilidade de assalto, por causa da aparência física, ou também por ligar certas atividades à pessoa negra. Talvez isso esteja tão impregnado nas mentes que o desejo de metamorfosear o corpo negro na busca do que se coloca como corpo belo, de acordo com os padrões eurocêntricos, esteja cada vez mais latente. Mesmo assistindo a uma série de procedimentos mal sucedidos e dos riscos, a procura por procedimentos estéticos para se aproximar dos padrões é crescente.

Entendo que as subjetividades são constituídas nos e pelos discursos que se materializam por meio de tecnologias aperfeiçoadas pelos diferentes dispositivos, então concordo que elas não são fixas, ao contrário são resultado do processo dinâmico que tem as relações de saber-poder como alicerce para produção de verdades, verdades reforçadas continuamente, pois as resistências estão ali, as interrogando, as provocando a todo momento e apontando outras possibilidades discursivas. As câmeras são desligadas quando termina cada temporada da telenovela *Malhação*, mas os discursos produzidos continuam a subjetivar

os sujeitos que podem continuar reproduzindo o dito ou confrontá-los com novos enunciados continuamente reformulados.

Longe de ousar dar conta das possibilidades de problematização do objeto de estudo, aponto possibilidades analíticas e a contribuição para o campo educacional da abordagem traçada na dissertação, apresento uma análise interseccional referente à jovem negra, relacionando mídia, educação e juventude, consciente de que as pesquisas são inacabadas, permitindo-nos reformular, retomar e aperfeiçoar modos de problematização do objeto.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. **Do colonialismo à colonialidade**: expropriação territorial na periferia do capitalismo. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, set./dez. 2014.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- ALENCAR, Mauro. **A Hollywood Brasileira**: Panorama da Telenovela no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão na escola**. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- BILGE, Sirma. **Le blanchiment de l'intersectionnalité**. Recherches féministes. Université Laval, vol. 28, n. 2, 2015, p. 9-32. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1034173ar>.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 15ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.
- BRÍCIO, Vilma Nonato de. **Práticas de governamentalidade da sexualidade no Programa Vale Juventude**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- BRITZMAN, D. P. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**. V. 21 (1), jan./ jul. 1996.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. *In*: COSTA, M.V. (org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-33.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, v.42, jan./jun. 2014, p. 249-274.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CERTEAU, de Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3ª ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COIMBRA, Cecília, BOCCO, Fernanda, NASCIMENTO, Maria Livia. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, UFRJ, vol. 57, no 1, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**. V. 5, n. 1, Jan/jun. 2017.

CORAZZA, Sandra. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. *In*: BRITO, M.R.; GONÇALVES, J.G.; OLIVEIRA, D.B. (orgs). **Filosofia, educação e formação**: apontamentos e perspectivas. Belém: UFPA, 2008, p. 361-375.

CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras**: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. (org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 93-117.

COSTA, Marisa Vorraber. Jovens e idosos nas políticas culturais da identidade. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.109-114.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 172 1º semestre 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the margins**: intersectionality, Identity Politics and Violence Against womem of Color. KVINDER, KØN & FORSKNING NR. 2-3 2006. Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/734f/8b582b7d7bb375415d2975cb783c839e5e3c.pdf?\\_ga=2.243047426.1470375488.1577541632-155502304.1577541632](https://pdfs.semanticscholar.org/734f/8b582b7d7bb375415d2975cb783c839e5e3c.pdf?_ga=2.243047426.1470375488.1577541632-155502304.1577541632).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 66-97.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.



ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca Fomos Humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-76.

FADUL, Ana Maria. Telenovela e família no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo/SP: Pós Com/Unesp, n. 34, 2º sem. 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

FERNANDES, Manuel José Pina. “**Entre o sindicato e o grêmio**”: como se organiza o trabalhador-aluno. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFCE), 2001.

FERRARI, Anderson. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico triste” – classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 21-30, jan./jun. 2010.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Como as imagens nos educam para os gêneros e as sexualidades? - Cultura visual e formação docente. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 08-27, maio/ago. 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação**: pensar e fluir a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001 (Coleção Temas em Educação).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspense: Foucault e os perigos a enfrentar. *In*: COSTA, M.V. (org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-71.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Estudos Foucaultianos, 9).

FONSECA, Maria Nazaré Soares. Visibilidade e ocultação da diferença: imagens do negro na cultura brasileira. *In*: FONSECA, Maria Nazaré Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 87-115.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. 1980-1981 Subjetividade e verdade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 107-115.

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. *In*: Foucault, Michel. **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 223-240.
- FOUCAULT. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da Resistência Juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GARCIA, Maria Manuela Alves. O sujeito emancipado nas pedagogias críticas. **Revista Educação & Realidade**. 26(2):31-50 jul./dez. 2001.
- GIROUX, Henry A. Filme *Kids* e a política de demonização da juventude. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.21, n.1, jan./jun. 1996, p.123 a 136.
- GONÇALVES, Amanda Sâmela da Silva. **Território Ribeirinho: um “mapeamento” das ações e representações no rio Tucumanduba em Abaetetuba-PA**. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. O multiculturalismo e seus significados. *In*: GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.11-37.
- GOBIRA, Pablo; LIMA, Oscar; CARRIERI, Alexandre. Uma “sociedade do espetáculo” nos/dos estudos organizacionais brasileiros: notas críticas sobre uma leitura incipiente. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, nº 2, Artigo 3, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n2/1679-3951-cebape-13-02-00257.pdf>> Acesso em: 29 nov. 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.
- GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. *In*: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 11-66.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. *In: Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*. – n. 1 – Batalha de Ideias. AfroLatinoAmérica, 2011, p. 12-20. Disponível em: [www.circulopalmarino.org.br](http://www.circulopalmarino.org.br). Acesso em: 14 abr. 2019.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *In: Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.22, n.2, jun./dez. 1997, p.15-46.

HASENBALG, Carlos Alfredo . Raça, classe e mobilidade. *In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 67-99.

HASENBALG, Carlos Alfredo . O negro na publicidade. *In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 103-113.

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher**. Mulheres negras e feminismo. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude: construindo processos – o protagonismo juvenil. *In: FRAGA, Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva (orgs.). Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 54-75.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In: SILVA, Tomaz Tadeu. da. (org.). O sujeito da educação*: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes; 2008, p. 35-86.

LARROSA, Jorge; MALVACINI, Eduardo; RECHIA, Karen Christine. Desenhar a escola: um exercício coletivo de pensamento. *In: LARROSA, Jorge (org.). Elogio da escola*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 249-270.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. Disponível em:<  
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/13.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

MALHAÇÃO Vidas Brasileiras. Natália Grimberg. Patrícia Moretzsohn. Central Globo de Produção. Rio de Janeiro, 2018-2019. Formato 1080i (HDTV). Episódios 288. Duração 30min. Transmissão 7 de mar./2018 a 15 abr. de 2019. Baseado em 30 vies de Fabienne Larouche.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. *In*: MORAES, Dennis de (org). **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARTINS, F. A. S. **A Voz do Estudante na Educação Pública**: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.

MELO, Iran Ferreira. Análise do discurso e análise crítica dos discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, **Linguística e Literatura***, ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Das (im) possibilidades de se ver como anjo. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 51-69.

MOMO, Mariangela; CAMOZZATO, Viviane Castro. O inescapável consumo de si mesmo: pensando a fabricação dos sujeitos contemporâneos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.38-40.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia**: controle social comparado. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

MOTTER, Maria Loudes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: empréstimos e doações. *In*: LOPES, Maria Imaculada Vassalo de (org.). **Telenovela**: interculturalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004, p. 251-291.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**-PENESB-RJ, 05/11/03.

ONU Mulheres. **Mapa da Violência de 2015**: Homicídio de Mulheres no Brasil. Brasília – DF, 2015. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 21 de março de 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

POLETTO, Renata; FERNANDES, Márcio. Sons para sonhar. Sonhos para ouvir: as radionovelas e a mágica da palavra falada no rádio. In: **IDE**. São Paulo, v.32, n. 49, 2009, p.135-147. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v32n49/v32n49a14.pdf>. Acesso em: 02/04/19.

PORFÍRIO, Luciana Cristina. A escola que se vê na TV. In: CORDEIRO, Jaime (org.). **Cultura da mídia e educação: relações cruzadas**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (orgs.). **Femicídio: #InvisibilidadeMata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017.

QUADROS, Marta Campos de. Hogwarts: uma escola para se pensar . In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.78-80.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. **A tradução da tradição em práticas curriculares no Colégio Estadual Paes de Carvalho**. Tese – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Belém, 2013.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; DÁCIO, Ígora Irma S. **A pesquisa interdisciplinar sobre identidades: uma arte do fazer em construção**. In: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; RODRIGUES, Eliana Teles; HALBMAYER, Ernest (Orgs.). **Identidades: novas configurações em territórios múltiplos**. Curitiba: CRV, 2018, p. 299-312.

ROSE, Nicolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. O Jovem Macho e a Jovem Difícil: o governo da sexualidade no currículo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade).

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. *In*: DAYRELL, Juarez.; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e ensino médio** : sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (p. 229-248).

SANT'ANNA, Denise B. "Apresentação". *In*: SANT'ANNA, Denise (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 11-18.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Estudos Culturais, 4)

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119-141.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: edições Graal, 1983 (Coleção Tendências; v. 4).

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Jon (orgs.). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**/FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 34, p.83-94, setembro/dezembro 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Roteiro temas perguntas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES: TERRITÓRIOS E**  
**IDENTIDADES – PPGCITI**

- 1- Você acha que a mídia nos ensina alguma coisa, interfere em nossas escolhas, de que forma?
- 2- Com qual frequência você assiste a telenovela Malhação?
- 3- Por que você assiste Malhação?
- 4- O que mais chama atenção na telenovela voltada para os jovens?
- 5- Você se identifica com alguma das personagens, em quais aspectos?
- 6- Quais semelhanças e diferenças entre a realidade dos jovens da telenovela e dos jovens da cidade de Abaetetuba?
- 7- Qual sua opinião sobre a personagem Jade e as cenas protagonizadas por ela?
- 8- Qual sua opinião sobre a personagem Dandara e as cenas protagonizadas por ela?
- 9- Qual sua opinião sobre a personagem Talíssia e as cenas protagonizadas por ela?



## APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES: TERRITÓRIOS E**  
**IDENTIDADES - PPGCITI**

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa intitulada a produção das jovens negras na telenovela *malhação* e os processos de subjetivação juvenil, cujo objetivo é analisar como os/as jovens da Escola Estadual Carmem Cardoso e do Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA) são subjetivados e resistem aos discursos constituídos na telenovela *Malhação* “Vidas Brasileiras” sobre as jovens negras. A problemática de pesquisa foi desdobrada nas seguintes questões norteadoras: Como as jovens negras aparecem discursivamente na Telenovela *Malhação*? Quais dispositivos utilizados para dar visibilidade as jovens negras colocadas em foco? Como os/as jovens/as da Escola Carmem Cardoso e do Instituto Nossa Senhora dos Anjos são subjetivadas e resistem aos discursos da telenovela?

Gostaria de contar com sua participação, ressaltando que é voluntária, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Assim sendo, caso decida participar, deverá assinar esse termo de consentimento. Uma vez participante do presente estudo você tem todo o direito de desistir em qualquer momento.

É importante estar ciente de que a pesquisa será feita por meio de entrevistas gravadas, mas todos os dados que forem prestados por você serão anônimos e confidenciais, ninguém saberá que as informações foram fornecidas por você, em momento algum seu nome aparecerá na redação do trabalho. O conteúdo das entrevistas serão usados como análise da pesquisa, e podem também ser usados em publicações científicas pela pesquisadora. Estarão garantidas todas as informações que você queira, antes durante e depois da pesquisa e caso tenha alguma dúvida com relação à pesquisa, entre em contato com a responsável pelo estudo (Isabel Cristina Baia da Silva, celular: 91 - 99178 1400).

**Autorização:**

Li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão me acarrete problemas. Eu entendi que não haverá problema com relação à pesquisa e que a mesma não acarretará custos ou danos para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Abaetetuba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura do participante

---

Isabel Cristina Baia da Silva – pesquisadora

## APÊNDICE C – Questionário



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES: TERRITÓRIOS E**  
**IDENTIDADES – PPGCITI**

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

**1- Qual sua cor?** Branca  Parda  Preta  Amarela  Indígena**2- Qual sua idade? \_\_\_\_\_****3- Qual a sua religião?** Católica  Evangélica  Espírita  Outras – Qual? \_\_\_\_\_**4- Qual o seu sexo?** Masculino  Feminino**5- Qual a renda familiar?** Até 2 salários mínimos  De 2 a 4 salários mínimos De 4 a 10 salários mínimos  De 10 a 20 salários mínimos Acima de 20 salários mínimos**6- Qual ano você está cursando?** 1º ano  2º ano  3º ano**7- Qual seu programa de lazer preferido? \_\_\_\_\_****8- Você assiste televisão?** Sim  Não**9- Quais programas de televisão você assiste?**  
\_\_\_\_\_**10- Acompanhou a temporada da Telenovela Malhação “Vidas Brasileiras”?** Sim  Não